

1º CENTRO EXPERIMENTAL DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA - INEP
ESCOLA GUATEMALA

" O TEATRO DE FANTOCHES "

ANO ESCOLAR: 1º

ÉPOCA E DURAÇÃO : de 4/8/1958 a 11/10/1958

est. 3
f. 3

I - ORIGEM

No dia 11 de agosto de 1958 resolvi fazer uma surpresa a meus alunos: apresentei-lhes um espetáculo de Teatro de Sombras. O interesse da turma foi vivíssimo. As crianças acompanharam a história toda com a máxima atenção. Era um conto simples, de um menino que brincava no rio e foi alertado pelo bem-te-vi sobre o perigo de resfriar-se. Não dando importância ao passarinho, realmente veio a adoecer e a sofrer as consequências da moléstia. Ao ficar curado, o menino reconhece o desvêlo do bem-te-vi e tornam-se amigos.

Após o espetáculo, as crianças aproximaram-se do palco e fizeram-me perguntas sobre o funcionamento do Teatro, a respeito das personagens, sobre a peça, propriamente, demonstrando grande interesse pelo assunto. Conversamos animadamente sobre o espetáculo e, na conversa, surgiu, por associação, também o Teatro de Fantoques. Perguntei-lhes quem já havia visto uma representação de fantoches e o interesse da turma redobrou: quase todos já tinham assistido a espetáculos na televisão.

Qual dos dois tipos agradava mais às crianças? Foram unânimes em dizer que o Teatro de Sombras era menos conhecido, por isso gostavam mais do de Fantoques. Uma criança manifestou desejo de ter um teatro na sala.

"Ótima idéia!" acharam todos.

Assim escolheram nosso novo trabalho.

SUGESTÕES DAS CRIANÇAS:

Várias crianças falavam animadamente, discutindo, fazendo observações, sugerindo como fazer o trabalho. Algumas queriam encenar histórias conhecidas. Acalmada a turma, fomos, aos poucos, planejando o trabalho e observando o que já tínhamos e o que se poderia fazer. Já havia na escola um Teatro de Fantoques feito por outra turma.

— "Cada aluno vai sugerindo o que devemos fazer e eu vou anotando no quadro-negro."

Paulo, um dos meninos mais interessados, tomou a palavra:

— "Um teatro deve ter, primeiro, a história."

Outras sugestões vieram e eu fui anotando:

— "Escrever a história da peça."

— "Fazer os bonecos."

— "Fazer as roupas."

— "Fazer os cenários."

— "Ensaiar a história."

— "Apresentar a peça no teatro."

II - DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS:

Após o planejamento do que deveríamos realizar, a fim de conseguirmos um teatro para a nossa sala de aula, passamos à primeira parte do trabalho: a invenção da história pelas crianças. À medida que iam criando o enredo e as personagens, eu ia escrevendo no quadro-negro. Tivemos as primeiras frases da história e as personagens principais: o gato Mimi e o Rato. Surge o 1º capítulo da história.

Era uma vez um gato chamado Mimi.

O gato não era amigo do rato que morava no poço vazio.

Mimi estava com fome.

Ele queria comer o ratinho.

O ratinho deu comida ao gato.

Mimi ficou amigo do rato.

O gato passou a morar na casa do ratinho.

Obtivemos um total de sete frases, logo no início. A peça completa ficou dividida em seis capítulos, variando entre seis a oito frases em cada.

A invenção da história passou a ser a nossa aula de linguagem diária. Cada dia, as crianças sugeriam novas personagens e novas peripécias de maneira que resolvemos organizar, em letra cursiva, um pequeno livro sobre a peça, contendo, em cada página, um capítulo. Era um trabalho diário de escrita, feito com grande entusiasmo pelas crianças.

OPORTUNIDADES DE LINGUAGEM :

Solicitando às crianças frases sobre a peça, dava-lhes ocasião para desenvolver, de uma forma lógica, o enredo da história, mostrando-lhes a necessidade de pensarem no início, no meio e no final, numa seqüência natural. As crianças iam organizando suas frases oralmente e submetendo-as à crítica dos próprios colegas.

Esse exercício diário, de formação de frases e cópia das mesmas, implicava num trabalho de formação de palavras novas, surgidas no enredo, e na fixação de fonemas já conhecidos. Iamos organizando nosso livro à medida que as crianças inventavam novas frases.

2º Capítulo:

O ratinho saiu para dar um passeio.

Ele viu um lobo pequeno no caminho.

O lobinho ficou amigo do rato.

O lobo convidou o ratinho para ir à casa dele.

O gatinho Mimi e o ratinho foram com o lobo.

O lobo morava perto da floresta.

Entre as primeiras frases sugeridas pelas crianças havia a palavra ratinho. Partindo deste vocábulo, tive ocasião de sistematizar o nh, com um ditado de palavras: "patinho, gatinho, vinho, lenha, ganha, ovinho, linha."

Outra palavra sugerida pelas crianças e aproveitada no primeiro e no segundo capítulo foi amigo. Partindo desta pude sistematizar o g, fazendo um novo exercício de formação de palavras com g.

Desenvolvendo a história, organizamos os 3º e 4º capítulos:

3º Capítulo:

O lobo chegou em casa.

Ele bateu na porta.

O lobo viu uma velha abrir a porta.

Ela era uma bruxa.

O lobo correu de medo da bruxa.

A bruxa pegou o ratinho e o Mimi.

Neste capítulo figureu a palavra porta que nos deu ocasião para a sistematização de sílabas com o r após as vogais: martelo, carta etc.

4º Capítulo:

Ela prendeu os bichos no quarto.

Mimi apanhou a chave que caiu no chão.

O gatinho era pequeno.

Ele não pôde abrir a porta.

O gatinho subiu na janela.

Ele chamou o macaco Simão.

Simão pegou a chave e abriu a porta.

Das palavras chave e bicho partimos para o estudo de outras palavras: chapéu, machado, ficha etc.

Outras palavras sugeridas e utilizadas como ponto de partida para o estudo de diversos fonemas foram: lobo - sistematização do b (bota, bola, banana); macaco - sistematização do m (melado, meia, moeda, martelo); Simão - sistematização do ão (pião, sabão, feijão, balão)

5º Capítulo:

Os bichos saíram do quarto.

A bruxa estava esquentando a água.

Ela não viu os bichos.

A bruxa procurou a chave do quarto.

A bruxa se distraiu.

O macaco apanhou a panela de água quente para jogar na bruxa.

A bruxa se assustou.

Ela pediu desculpas aos bichos.

Partindo das palavras bichos e chave, organizamos uma lista de outras palavras com ch: chapéu, machado, chinelo, chicote, cachorro, chuchu, chuva. Da palavra panela, estudamos as seguintes: papai, pato, pipoca, porco, Paulo, sapato, sapo, pião.

6º Capítulo:

O gato e o ratinho ficaram amigos da bruxa.

Os bichos foram buscar o lobo.

O lobo voltou para casa.

Os bichos ficaram contentes.

A bruxa tornou-se amiga dos bichos e ficou cuidando deles.

Os alunos organizaram uma lista de palavras com l: luva, lata, lulu, vela, Luis, leão, violão, lápis, limão, bolacha.

Notei que as crianças haviam enriquecido muito seu vocabulário com o trabalho da invenção do enredo da peça. As frases sugeridas, antes de serem aprovadas, eram discutidas e as palavras que não estavam bem aplicadas eram substituídas por outras para serem, então, escritas. Fazíamos (sem que as crianças percebessem) um exercício de linguagem oral, empregando grande variedade de sinônimos, e levando-as a construir frases com várias estruturas.

Nos últimos dois capítulos já se nota como as crianças haviam compreendido o que deveria ser um teatro de bonecos: ação, movimento, aventura.

Tive oportunidade de organizar diversos trechos suplementares, utilizando a leitura silenciosa, com ilustrações referentes à história, feitas pelas crianças ou no mimeógrafo.

Um exemplo:

Desenhe a casa do lobo.

Pinte a casa de verde.

Pinte a porta de vermelho.

Pinte as janelas de amarelo.

Foram feitos também diversos jogos de formação de palavras, partindo de determinados fonemas apresentados na história (trabalho feito por grupo). Os alunos iam escrevendo as palavras formadas pelos fonemas.

Preparamos ainda: cartazes com desenhos, recortes e colagem, acompanhados de sentenças sobre o Teatrinho e fizemos ditados, em situação de jogo, e exercícios para completar determinada palavra de uma frase, aproveitando sempre elementos da história.

Terminada a peça, perguntei às crianças se não queriam dar-lhe um nome.

- Isso é muito importante, disse-nos Regina Célia. Sem o nome da peça, nós não podemos anunciá-la para as outras turmas ...

Sugeri, então, um concurso de títulos. Cada criança ia pensar, sózinha, um nome que servisse à nossa peça. Aquêle que conseguisse dizer, em poucas palavras, as coisas mais importantes da história, ganharia o concurso.

Tôdas as crianças fizeram títulos e, após a leitura dos mesmos, destacamos três como os melhores. Perguntei-lhes qual dos nomes era o mais próprio e ganhou, por votação, o título de Paulo Roberto: A Bruza e os Bichos.

Tendo terminado o nosso livro, onde as crianças haviam copiado a peça, ilustrada por elas próprias, cuidamos de preparar as personagens, isto é, da modelagem dos bonecos.

Outras oportunidades nos ofereceu esta nova atividade. Os alunos começaram a trazer o material para o trabalho. Iniciamos a lista de material: vidros, latas, jornais, farinha, barbante, retalhos, tintas, pincéis, papel, agulha, linha, tesoura etc.

Preparamos os raladores, fazendo furos, com martelo e prego, nas latas. O lado em que ficava a parte áspera dos crifícios serviu de ralador para o jornal. O jornal foi enrolado, bem apertado e transformado numa poeira fina ao passar pelo ralador. Depois, com grude de farinha de polvilho misturada ao jornal ralado, os alunos prepararam a massa.

Sobre uma cabeça-módulo, preparada por mim (saquinho com serragem ou areia, preso a uma vareta) os alunos colocaram a massa e modelaram suas personagens.

Quando as cabeças ficaram secas, iniciaram a pintura com tinta guache.

Cabeça
modelo



serragem

amarrada firmemente



Bruxa modelada

Continuamos aproveitando o interesse das crianças pelo projeto e fizemos, durante a fase da modelagem, diversos tipos de exercícios escritos e orais sobre o assunto. Cada personagem sugeria uma frase, uma exclamação, uma interrogação.

"Mimi está pronto. Viva o Mimi!"

"A bruxa não está pintada?"

Surgiram inúmeras oportunidades em Matemática e a turma realizou concursos de contas de somar e subtrair, objetivadas sempre com o material trazido pelas crianças: vidros, pincéis, jornais, cabeças prontas, cabeças que faltam etc.

Como as personagens principais da nossa história eram animais, tive ocasião de conversar com as crianças sobre suas características. (Animais domésticos, o gato Mimi; o Rato, animal nocivo; o Macaco, animal doméstico. Animais selvagens).

Com as cabeças preparadas, passamos ao vestuário, aproveitando os retalhos trazidos pelos alunos.

Tôdas as atividades manuais do projeto deram margem a muitos comentários por parte das crianças. Quando chegamos à costura, houve certo constrangimento do elemento masculino da turma. As meninas encarregaram-se, espontaneamente, do trabalho e surgiu, então, uma oportunidade para conversarmos sobre as diversas profissões mais próprias para o homem ou para a mulher. Aqui, também, tivemos ocasião de separar, em forma de jogo, palavras femininas e masculinas.

Tomando como medida a mão infantil, cortei os diversos costumes, tendo antes atendido à escolha que haviam feito as meninas, dando preferência aos tecidos escuros, marrom e preto, para a bruxa e para o lobo, e aos claros para as personagens mais simpáticas da peça — o gato, o rato e o macaco Simão.



A escolha das vestimentas também nos deu ocasião para o estudo de cores e tipos de roupas próprias às diversas estações do ano. Falamos sobre as características dessas estações e nos detivemos nos meses de férias, quando muitas crianças se ausentam da cidade em busca de um clima mais saudável.

Já havendo um palco de teatro de fantoches na escola, o trabalho que tivemos, em seguida, foi o de pintar os cenários. Esta atividade despertou grande interesse na turma. Distribuí umas folhas grandes de papel entre os grupos e deixei que as crianças pintassem, com tinta guache, livre e espontaneamente. Tivemos, nesta atividade, um esplêndido trabalho de grupo; reinou a maior harmonia entre as crianças durante todo o tempo em que se ocuparam com os cenários. Por vezes, as crianças tiveram que recorrer à leitura da história para criarem os cenários adequadamente.

Uma vez prontas as personagens, o gatinho Mimi, o Rato, a Bruxa e o macaco Simão, passei ao manejo dos bonecos. "Vesti-os" em diversas mãos para experimentar e, ao mesmo tempo, despertar o gosto das crianças pela representação.

Cada criança que tentava movimentar o fantoche falava imitando a voz do gato ou inventava um tom para a bruxa ou para o macaco. Deixei que brincassem livremente com os bonecos para que, nesse primeiro contacto espontâneo, eu pudesse observar quais os alunos que manifestavam desejo de representar e tinham aptidão para isso.

Como a representação da nossa história era bem repetida, os diálogos surgiram naturalmente, naquela primeira tentativa, sem que houvesse necessidade de texto para memorizar.

Toda a turma esteve com os fantoches, tentando representar, alguns alunos, com muito desembaraço. Fizemos uma votação para ver quem deveria incumbir-se dos principais papéis. Pedi a opinião das crianças e elas escolheram quatro colegas que realmente tinham as qualidades que exigia a peça: vivacidade e iniciativa.

Sugeri que mais duas crianças tomassem parte na representação, como narradores. Também estes foram escolhidos por votação, com grande entusiasmo por parte dos eleitores.

* * * * *

Iniciamos, então, os ensaios da movimentação dos fantoches e da representação propriamente dita.

Os quatro alunos escolhidos esconderam-se atrás do palco e movimentaram cada qual a sua personagem procurando seguir a orientação que lhes dava a plateia, constituída pelos próprios colegas. Os narradores, do lado de fora do palco, iam contando a história, isto é, sugerindo o enredo que se ia desenrolando na boca de cena.

A atuação da plateia foi esplêndida: observava, criticava e dava sugestões. Ora, era a bruxa que estava muito baixa e quase não era vista; ora, era a voz do menino que desempenhava o papel do gato que não se fazia ouvir ou era o rato que estava: sem muito movimento etc.

Até mesmo os alunos que se haviam mostrado retraídos, com receio de representar, manifestavam-se nos ensaios, dando opiniões diversas sobre a maneira pela qual os colegas desempenhavam seus papéis. Tive ocasião de chamar-lhes a atenção sobre a possibilidade de todos se exibirem no teatro, sendo uma questão de boa vontade e aplicação nos ensaios.

O ensaio passou a ser feito todos os dias, nos últimos minutos de aula. As crianças dominaram rapidamente os diálogos da peça e a movimentação dos bonecos.

A aproximação do "Dia da Criança", em que todas as turmas do 1º ano iriam realizar a "Festa do Livro", despertou, em algumas crianças, o desejo de apresentar o "Teatrinho de Fantoques" aos colegas, naquela data. Aprovada a sugestão, perguntei-lhes como iríamos fazer a propaganda da peça e os convites.

Novas oportunidades para organização de frases surgiram com a confecção dos cartazes e dos convites.

A fim de dar oportunidade a outro grupo de crianças na representação, preparei algumas quadrinhas em que elas iriam explicando à plateia o trabalho que tiveram durante o preparo do nosso Teatro de Fantoques. As duas primeiras foram musicadas e cantadas pelos alunos. No dia marcado, com o auditório repleto de crianças e suas famílias, a peça foi representada com grande desembaraço e alegria.

* * * * *

Quadrinhas de apresentação do "Teatro de Fantoques", da autoria da professora Célia Siani de Almeida e ditas, em tom natural, por várias crianças.

Nosso Teatro de Fantoques
Fará sua apresentação;
Porém, antes, mostraremos
Tôda a realização.

Trabalhamos, trabalhamos,
Com alegria e prazer.
Começamos com a história
Que a turma quis escrever.

Fizemos os raladores,
Ralamos muito jornal.
Trabalhamos com limpeza,
Usando sempre avental.

Tôda a massa nós fizemos
Com jornal, água e farinha.
Completamos os bonecos
Com nossa boa mãozinha.

Os bonecos já prontinhos
Começamos a pintar
E as suas roupas novas
Fomos logo preparar.

Os cenários nós pintamos
Com muito amor e prazer.
Esperem só um pouquinho,
Pois que todos já vão ver!

O trabalho terminado
Começamos a ensaiar
Para hoje, com alegria
O teatro apresentar.

Olhem: é muito importante
O que eu desejo dizer.
Com o Teatro de Fantoques
Muito tive que aprender!

III - OPORTUNIDADES QUE SURTIRAM PARA APRENDIZAGEM DAS MATÉRIAS ESCOLARES.

Não foi possível, logo após a escolha do novo trabalho a ser realizado, organizar um plano provável das noções a serem apresentadas e sistematizadas, pois estas decorreriam em grande parte da história organizada pelos alunos e das sugestões pelos mesmos apresentadas. Previ, no entanto, que surgiriam muitas situações para a prática da linguagem oral e escrita e, à medida que as atividades se foram desenvolvendo, aproveitei as oportunidades para apresentação de novos fonemas, desenvolvendo o ensino da leitura e escrita, fixando noções de conhecimentos gerais que se relacionavam com a história.

O processo usado para a aprendizagem da leitura e da escrita era o de sentencição livre. Assim, escolhia, para sistematização, de acordo com as frases criadas pelos alunos, os fonemas que me pareciam mais adequados para domínio. Com os fonemas estudados anteriormente fazíamos, quase que diariamente, jogos e exercícios de fixação.

Eis as oportunidades que surgiram para o estudo das diversas matérias escolares:

Em Linguagem:

- | | |
|---|--|
| Desenvolvimento da linguagem oral | - através de: discussões sobre os problemas surgidos; apresentação de sugestões; relatos de experiências vividas pelos alunos; organização de enredo da peça para o Teatro de Fantoques. |
| Sistematização de novos fonemas, digramas, grupos consonantais | - partindo das palavras surgidas durante a organização da história, selecionando as mais significativas e adequadas para a sistematização de determinados fonemas, digramas e grupos consonantais. Ex: ratinho, gato, amigo, lobo, macaco, bruxa, porta etc. |
| Fixação de fonemas e palavras introduzidas em projetos anteriores | - através de jogos, concursos, exercícios de |

Composição oral
e escrita

- formação de palavras, feitos quase que diariamente;
- organização da história, em capítulos, para ser apresentada pelo Teatro de Fantoques;
- formação de sentenças sobre as personagens da história;
- formação de sentenças com as palavras novas surgidas, para fixação das mesmas;
- idem com elementos da história, usando-se carimbos, desenhos e recortes para ilustrar;
- formação de sentenças para cartazes anunciando a próxima apresentação do Teatro de Fantoques;
- redação dos convites para a estreia do nosso teatro. (Trabalho em colaboração).

Leitura

- oral e silenciosa das frases da história organizada pela turma, para ser apresentada no Teatro de Fantoques;
- oral de frases e palavras novas, sugeridas pelas crianças ou apresentadas pela professora, para domínio dos fonemas e palavras introduzidas em cada unidade de leitura;
- silenciosa, de pequenos trechos ou ordens, mimeografados, em letra cursiva ou de imprensa, para desenvolvimento da leitura;
- prática de leitura oral, na sala de aula, para que os alunos estivessem bem preparados no dia da apresentação da peça.

Cópia e ditado

- cópia e ditado das sentenças que constituiriam os capítulos da história, no livrinho que cada aluno fez com a peça;
- cópia, ditado e auto-ditado de sentenças e palavras com os fonemas a serem sistematizados;
- cópia da relação do material necessário para o Teatro de Fantoques;
- cópia dos convites que seriam entregues às outras turmas.

Gramática

Emprego de letras maiúsculas nos nomes próprios

- aproveitando-se as oportunidades que os alunos tinham de expressar-se oralmente foram dadas, em situação funcional, certas noções de gramática: con-

cordância, gênero e número de palavras, sinônimos etc, procurando-se levá-los a falar corretamente e, ainda, escrita dos nomes das personagens da história.

Emprego correto da letra maiúscula no início das sentenças. Uso dos pontos de exclamação e de interrogação.

- noções fixadas durante a organização das sentenças da história;
- partindo-se de sentenças ditas pelos alunos, durante os trabalhos de modelagem dos fantoches.
Exemplos: Mimi está pronto! Viva o Mimi! A boxa não está pintada?

Em Conhecimentos Gerais:

Vestimentas usadas nas diversas estações do ano. Características das diversas estações.

- comentários sobre as roupas que seriam feitas para os fantoches.

Profissões mais próprias para o homem e para a mulher.

- comentários surgidos durante o preparo dos fantoches quando os meninos se mostraram constrangidos ao executarem determinados trabalhos (costura das roupas).

Animais domésticos, selvagens, nocivos e úteis. Suas características.

- conversas ou pequenos comentários sobre os animais da história inventada pela turma.

Em Matemática:

Leitura e escrita de números

- numeração das frases da história organizada para o teatro; prosseguimento da sequência numérica até 100.
- contagem das palavras novas aprendidas.

Fixação da noção de unidade e coleção.

- a propósito do material necessário para a realização do teatro (vidros, pincéis, madeira etc).

Combinações fundamentais de adição e subtração por falta (total

e minuendo até 10).
Problemas simples.

- partindo-se do material trazido para o preparo dos fantoches.

OBSERVAÇÃO: Como a turma estivesse bem adiantada nos trabalhos de Matemática e dominasse, com muita facilidade, todos os assuntos dados até a data em que iniciamos este trabalho, à exceção de adição e subtração, passei a dar-lhe, quase que diariamente, um concurso com operações de adição e subtração, atendendo ao interesse que demonstrava, na situação de jogo em que eram feitos os concursos.

IV - OPORTUNIDADES QUE SURTIRAM PARA A FORMAÇÃO DE HÁBITOS E ATITUDES.

Durante o desenvolvimento das diversas atividades, houve oportunidade para despertar, desenvolver e fixar certos hábitos e atitudes e, ao terminarmos estes trabalhos, verifiquei que, de fato, havia alcançado meus objetivos nesse aspecto:

- a) Os trabalhos em grupo despertaram nas crianças:
 - o espírito de colaboração;
 - respeito aos colegas e ao trabalho alheio;
 - a responsabilidade de cada aluno em relação a seu grupo e à turma.
- b) A resolução, pelas próprias crianças, dos problemas surgidos e a exposição de suas idéias e sugestões levou-as a:
 - desenvolver a iniciativa e a auto crítica;
 - saber ouvir e esperar a vez de falar;
 - vencer as dificuldades que surgiam, através do próprio esforço;
 - adquirir desembaraço na expressão oral.
- c) A apresentação do Teatro de Fantoches para toda a escola, em data marcada, desenvolveu-lhes:
 - o senso de responsabilidade diante de um compromisso assumido;
 - o auto controle e domínio diante de um auditório.
- d) O gosto artístico foi despertado e desenvolvido pela realização de trabalhos de modelagem, pintura, música.

ca, tendo os alunos oportunidades de trabalhar espontaneamente nesse setor.

- e) A organização da história para o Teatro de Fantoches e o preparo do livrinho com o enredo da peça desenvolveram nas crianças o gosto pela leitura e pela escrita.

OBSERVAÇÃO: Este trabalho foi feito, para publicação, pelas professoras Sarah Lerner e Maria Therezinha Eboli Corrêa dos Santos, que se basearam nos relatos diários da professora da turma.

* * * *

1.º CENTRO EXPERIMENTAL DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA - INEP

ESCOLA GUATEMALA

Estudos da vida dos índios do Brasil

ANO ESCOLAR: 3.º

PUBLICAÇÃO: 1 a 2 meses

201.3
8.3

Em 1958, todas as crianças do 3º ano desenvolveram, em suas turmas, atividades intencionais relativas à vida dos índios. Este interesse em relação aos selvícolas, seus usos e costumes tão diferentes dos nossos, não era de estranhar, numa idade em que as aventuras e o mistério são atrativos para as crianças.

Tudo começou quando os alunos da turma 10, depois de lerem uma dramatização sobre índios, resolveram estudar a vida dos indígenas. Em pouco tempo fizeram pesquisas, prepararam tangas, colares, armas e instrumentos, apresentando, no auditório, uma dramatização, escrita por Elizabeth, uma das alunas da turma. As crianças da turma 8, muito inteligentes e ativas, ao verem o trabalho realizado pelos colegas, manifestaram logo o desejo de realizar atividades semelhantes em sua turma.

Amilton da turma 7, comentou com sua professora: - D. Sarah, o meu irmão, da turma de D. Edir, está fazendo um estudo sobre a vida dos índios. Estão fazendo colares, tangas de pena ... Muita coisa bonita.

- É sim, confirmou Josué. Armandina, da turma de D. Ogari - ta, também fez.

Bastou isto para que a turma 7 decidisse fazer também seu estudo sobre a vida dos índios. Pouco tempo depois, a turma 9 deixava-se levar pelo entusiasmo dos demais.

Assim, ao passarmos pelos corredores da escola, víamos todas as turmas do 3º ano trabalhando, umas discutindo problemas iniciais: Como estudaremos a vida dos índios? Onde conseguiremos informações? Que atividades realizaremos? - enquanto que outras, já na fase de execução, pesquisavam em livros ou preparavam armas e outros instrumentos indígenas.

Era intensa a troca de idéias e sugestões entre as crianças e professoras das diversas turmas. Uns visitavam as salas dos outros, para observar o que estava sendo realizado, fazendo, depois comentários:

- Na turma 7 há uns índios muito bonitos que foram trazidos pelo Luiz Carlos, dizia uma das crianças.

- Vocês podem emprestar os colares que fizeram para vermos como é? Pedia um aluno da turma 8 a outro da turma 10.

- Eu vou apanhar barro nas obras aqui perto para fazermos ocas, comentava, durante o recreio, um aluno da turma 9.

Planos de trabalho e estudo foram feitos pelas várias turmas.

Cartas eram enviadas, pedindo sugestões e colaboração, sendo prontamente respondidas.

As professoras comentavam entre elas as atividades realizadas em suas classes, cujos resultados haviam sido bons.

Muitas crianças da turma 9 improvisavam, em casa, armas e

enfeites indígenas com o material de que dispunham: pedaços de madeira, pedras, contas etc e traziam-nos, satisfeitos, para a escola.

Leituras em livros e revistas, para adquirir os conhecimentos que desejavam, pesquisa nos jornais, acompanhando fatos atuais referentes aos indígenas, coleções de lendas, gravuras e poesias, álbuns sobre os índios, dramatizações escritas pelos próprios alunos, confecção de tabas, roupas, enfeites, armas e outros objetos indígenas, deram oportunidade para o estudo das diversas matérias escolares e para a formação de hábitos e atitudes.

Foi o interesse transmitido de uma turma para outra que deu origem ao projeto, nessas turmas de 3º ano. Outras situações, no entanto, poderiam surgir, que despertariam nas crianças o desejo de realizar um trabalho semelhante:

apresentação, pela professora ou por um aluno, de objetos, gravuras, postais ou cartazes referentes aos indígenas;

comentários sobre notícias surgidas em jornais ou revistas; leituras;

apresentação de filmes;

visita ao Museu do Índio;

comemoração do dia do Índio;

oferecimento, feito por uma turma ou professora, de algum trabalho relacionado com os índios.

Com a duração de um mês, em algumas turmas, dois meses, em outras, muitas foram as atividades realizadas e as oportunidades surgidas, tanto para estudo como para formação de certos hábitos e atitudes.

I - ATIVIDADES REALIZADAS NAS DIVERSAS TURMAS:

Pesquisa de: lendas

gravuras

poesias

curiosidades

- Esse material, pesquisado em jornais e revistas e trazido pelos alunos, era colecionado em pastas de cartolina preparadas pelas crianças.

Vocabulário de palavras indígenas.

- cada aluno fez o seu vocabulário, de cartolina e folhas comuns, nele escrevendo, em ordem alfabética, as palavras que iam sendo aprendidas, ilustrando-as. A atividade deu margem a uma série de exercícios que serão citados no item II.

Relato do desenvolvimento dos trabalhos

- todos os alunos relataram, num caderno, o desenvolvimento dos trabalhos.

Album de lendas

- Organizado com as reproduções, feitas pelas crianças, das lendas indígenas contadas ou lidas em classe pela professora e pelos alunos e por eles obtidas em revistas e livros.

Album individual:
A vida dos índios

- realizado com o objetivo de sistematizar algumas das noções aprendidas sobre os índios (Ver Geografia, pag. 12).
Foi feito, com os alunos, o planejamento do que julgavam dever constar do álbum:
 - Descobrimto do Brasil.
 - Os indígenas - características principais.
 - Organização da tribo.
 - Habitação e alimentação dos índios. Atividades de caça e pesca.
 - Religião.
 - Utensílios e instrumentos musicais dos índios.
 - A guerra. Armas usadas pelos indígenas.
 - Localização, no mapa do Brasil, das tribos antiga e atualmente.
 - Os jesuítas e a catequese.
 - Fundação da nossa cidade.
 - Lendas (reprodução da lenda de que o aluno mais gostou).
 - Nossos trabalhos sobre os Índios (cada criança escreveu sua opinião sobre as atividades realizadas, o que aprendeu, que atividades realizou, da qual mais gostou etc).
 - Bibliografia utilizada.
 - Índice e numeração das páginas.

OBSERVAÇÃO: Este álbum deu excelentes oportunidades para a prática da linguagem oral e escrita pois, para prepará-lo, eram feitos comentários, resumos, cópias, respostas a questionários etc.

Foram usados pequenos cadernos de desenho, comprados pelos alunos.

Preparo de material
para jogos

- alguns jogos didáticos, feitos com objetivo de fixar as noções estudadas durante o projeto, foram preparados pelas próprias crianças (V. pag. 14 e 15).

Confecção de:
roupas e enfeites

- com o seguinte material foram preparados colares, cocares e outros enfeites: contas, ossos de galinha, conchas, penas etc.

Colar do milheiro:

As crianças fizeram um colar que recebeu o nome de colar do milheiro, pois possuía mil contas de macarrão. Em um cordão iam sendo enfiadas as contas até completar uma dezena, quando então se colocava um pedaço de papel brilhante para separá-la da dezena seguinte.

Assim se procedeu até completar uma centena, colocando-se então um pedaço de papel maior para separá-la da centena seguinte.

O colar seria fechado quando se completasse um milhar, 10 centenas, 100 dezenas ou 1000 unidades.

O objetivo da confecção deste colar foi levar as crianças a compreenderem a composição dos números. Cada aluno fez o seu.

Utensílios e armas

- usando-se barro ou matéria plástica, para o preparo das cuias e ripas de madeira, pedras, penas, bambus etc para as armas (arcos, flechas, lanças, machado etc).

Trançados e rédes

- tecelagem, usando palha encontrada em caixas de garrafas de vinho.

Construção de tabas

em miniatura

- feitas sobre tabuleiros de madeira;
ocas modeladas em barro ou matéria plástica ;
côrcas e fogueira de palha, paus de sorvete e papel vermelho ;
serragem de caixa de giz, terra, papel crepon verde ralado, galhos de árvore, representavam a terra e a vegetação;
bonecos de matéria plástica ou massa, vestidos de índios.

Desenhos com motivos indígenas

- as crianças observaram trabalhos indígenas, em cartazes e gravuras, e reproduziram-nos.

Dramatizações

- de lendas e histórias lidas em livros ou inventadas pelos alunos, de diálogos etc, usando as roupas e enfeites preparados pelas crianças.

Exposição de trabalhos

- os desenhos, redações e outros trabalhos feitos pelos alunos e o material por eles trazido eram expostos em quadros murais e cartazes.

Excursão ao Museu do Índio

- à rua Mata Machado, para fazer observações referentes à vida dos índios, de acordo com o planejamento feito com as crianças. Deu oportunidades riquíssimas de estudo, partindo das notas tomadas pelos alunos sobre a vida dos índios.

Festa de encerramento

- As turmas organizaram, ao terminarem o estudo, reuniões durante as quais as crianças dançaram e cantaram as músicas indígenas que haviam aprendido, dramatizaram histórias e lendas, expuseram seus trabalhos.

Para isso, prepararam convites e programas e arrumaram as salas de maneira adequada a re

ceber os visitantes.

Músicas cantadas: Canto do Pajé, de autoria de Heitor Villa-Lobos;
Nozani-ná, canto dos Índios Parecis (recolhido por Roquette Pinto);
Rudá (recolhido de um fonograma de Roquette Pinto).

II - OPORTUNIDADES DE ESTUDO QUE SURTIAM:

Os problemas surgidos e resolvidos com a participação das crianças e as atividades realizadas nas várias turmas deram oportunidade para:

EM LINGUAGEM

Desenvolvimento da linguagem oral

- através de conversas, reuniões, discussões, apresentação de trabalhos etc, durante as quais os alunos tinham oportunidade de se expressar oralmente.

Redação

- de cartas e bilhetes - participando aos colegas e professores o trabalho que estava sendo realizado e convidando-os para uma visita; pedindo colaboração às outras turmas; solicitando colaboração aos professores especializados de música, recreação, Artes Industriais; agradecendo as colaborações prestadas.
- de frases sobre os índios, para um concurso de frases organizado com o objetivo de levar os alunos a escreverem frases mais ricas;
- de apreciações de livros:
Exemplo: Escreva sua opinião sobre o livro " O Índiozinho ".
Qual o trecho de que mais gostou?
Conte com suas próprias palavras a história desse livro.
- de dramatizações, para serem apresentadas na própria sala ou no auditório, sobre os índios, seus hábitos etc.

- de diálogos para serem dramatizados:

Exemplo: Imagine e escreva uma conversa entre dois índios;

- entre um índio e um menino branco que ele encontra;
 - entre dois adultos indígenas.
- de perguntas para jogos feitos pelas próprias crianças sobre as noções estudadas (ver pag. 15).
 - reprodução de lendas, para o álbum de lendas ou para serem dramatizadas;
 - de versos sobre os índios, redigidos em colaboração ou individualmente, para a coleção de versos ou para apresentar na festa de encerramento das atividades;
 - de adivinhações, para que os colegas descubrissem as respostas ou para figurarem na coleção de adivinhações feitas pelos alunos (o trabalho foi realizado depois de a professora ter apresentado algumas adivinhações, por ela organizadas. (Ver pag. 15));
 - de um relato sobre a excursão ao Museu do Índio, depois de feitos comentários orais sobre a mesma (dados relativos ao tempo, duração da excursão, ruas e praças pelas quais passamos, atitude da turma, opinião sobre a excursão e sobre o Museu, sua organização e o que contém).
 - redações para o álbum individual sobre a vida dos índios:

Exemplo: Os alunos pesquisaram sobre os Jesuítas e a catequese e, depois de comentários, fizeram uma redação relatando o que haviam aprendido.

- resumos sobre esses assuntos estudados (individuais e em colaboração);
 - reprodução da lenda mais interessante;
 - "Minha opinião sobre nosso trabalho".
- Outros temas apresentados:
 - Que acha você dos Jesuítas? O tra

balho que realizaram junto aos índios foi importante para eles? Por quê?

- Como era nossa cidade ao ser fundada? Compare-a com a cidade atualmente. Faça também ilustrações, mostrando a cidade nos seus dois aspectos.

- Como eram as casas dos indígenas? Compare-as com as casas atuais.

- Os alunos consultaram o caderno-diário, os resumos e as anotações que haviam escrito e fizeram as seguintes redações:

- Relacione os fatos históricos mais importantes aprendidos durante nosso estudo sobre a vida dos índios, explicando a sua importância.

- Faça um relato das atividades que realizamos. De que atividade você gostou mais? Por quê?

- Que mais gostou de saber sobre os índios.

- Tema livre (as crianças poderiam escrever sobre qualquer assunto e muitas escreveram sobre os índios).

- de convites para a festa de encerramento.

- "Qual a sua opinião sobre nossa festinha? Faça uma crítica à atitude de seus companheiros".

Observação: Todo trabalho de redação era precedido de intensa preparação, durante a qual as crianças faziam leituras, trocavam idéias, observavam gravuras e desenhos sobre o assunto.

Digado

- de trechos surgidos de situações reais, organizados pela professora ou pelos alunos, para ficarem registrados no caderno no qual as crianças faziam anotações sobre o andamento dos trabalhos.

- de trechos interessantes e significativos, pesquisados pelos alunos em revistas, jornais ou livros e que seriam usados como fonte de consulta ou guardados como curiosidades.

- de palavras relacionadas com as diversas atividades, em situações de jogo, para fixação das mesmas.

Observação: Sendo ditado de fixação, naturalmente era feita a preparação, a fim de evitar erros.

Cópia

- de trechos interessantes e mais significativos dos livros ou de leituras feitas pelos alunos, na impossibilidade de a criança trazer para a escola a fonte de pesquisa.

Alguns trabalhos eram colocados em cartazes, nos álbuns ou no jornal mural.

- de resumos sobre os assuntos estudados, organizados pela turma, para serem usados como fonte de consulta.
- de versos, para a coleção de poesias sobre os índios ou para serem declamados na festa de encerramento de nossos estudos.
- do programa para a festa de encerramento.

Observação: Sempre que era feita a cópia do trecho de um livro era anotado o nome da obra e do autor.

Leitura silenciosa e oral

- pesquisas em livros, revistas e jornais sobre o assunto em estudo;
- leitura de lendas obtidas pelas professoras e pelos alunos.
- das lendas: da Mandioca, do Mate, do Uirapuru, do Algodão, da Borracha, do Milho, do Guaraná, da Vitória-Régia, do Diamante (Ver Bibliografia).

GRAMÁTICA :

Substantivos próprios e comuns

- nomes das tribos indígenas, dos Estados em que se localizavam; dos diversos membros da tribo; dos deuses indígenas.

Qualidades, ações (verbos), concordância

- oportunidades surgidas durante as leituras, redações, comentários e jogos. (Ver Jogo da Mímica, pag. 14).

Exemplo: Que ações o índiozinho praticou?

Que qualidades daria você para um guerreiro índio?

O índio caça. Os índios

- Organização do programa da festa de encerramento (ações que faremos: dramatizar, recitar,

Coletivos

Pontuação: uso de dois pontos e vírgula

Ponto de exclamação

Preparação para o uso do dicionário.

Enriquecimento do Vocabulário. Sinônimos.

Ortografia

Literatura

- cantar, dançar);
- escolha das crianças que tomariam parte na festa (qualidades necessárias).
- partindo-se do coletivo taba; coletivo de peixe, ave, animal, planta etc.

- a propósito de anotações feitas nos cadernos ou álbuns, incluindo enumeração do que seria feito na taba;
- enumeração:
 - do material necessário para preparar as armas, enfeites etc;
 - do que foi visto em um cartaz sobre os índios; das lendas lidas;
 - dos enfeites, das armas, da alimentação dos índios;
 - dos seus instrumentos musicais, deuses etc.

- partindo-se de frases exclamativas, ditas pelas professoras, pelos próprios alunos ou por visitas, ao observarem os trabalhos:
 - Que taba bonita!
 - Que índio corajoso!

- organização de um Vocabulário com as palavras indígenas que surgiam, em grande quantidade, nas leituras.

Exemplos de exercícios:

Que palavra deve vir antes do nosso vocabulário: tangapoma ou zarabatana? Por quê?

A palavra oga está escrita no princípio, no meio ou no fim do nosso vocabulário?

Procurem no vocabulário uma palavra indígena que começa com T.

- fixação das palavras mais erradas nas redações;
- fixação de palavras relacionadas ao projeto.
- os livros: O Índiozinho - Histórias do Tio Danião, nº 6, Edições Melhoramentos e A Irmã do

Índiozinho - Histórias do Tio Damião, nº7, Edições Melhoramentos, foram lidos por todos os alunos, pois havia exemplares em grande quantidade, enquanto que de outros, como Peter Pan e Os Índios - Walt Disney, foi feita a leitura em capítulos.

Foram aproveitadas tôdas as oportunidades para levar as crianças a enriquecerem seu vocabulário, através das leituras e comentários.

EM MATEMÁTICA :

Numeração: composição e decomposição de números. Dezena de milhar.

Figuras geométricas

Medidas de tempo

Sistema monetário

Problemas partindo de situações reais

- confecção de colares e outros enfeites indígenas (Ver a descrição do Colar do Milheiro, pag. 4). Como cada criança fizesse um colar, surgiu a oportunidade para a noção de dezena de milhar.
- formato das ocas feitas pelas crianças.
- duração de diversas atividades; horário da excursão, da festa.
- compra de material necessário para a realização dos trabalhos e que não pôde ser obtido por colaboração.
- Carlos está preparando um colar. Já colocou 3 centenas, 4 dezenas e 5 unidades de contas. Quantas contas já colocou no colar? Quantas faltam para chegar ao milheiro?
- Iracema já colocou 700 continhas no seu colar. Ontem, porém, caíram 2 dezenas e 5 unidades. Quantas contas ficaram ainda no colar?
- Fizemos 5 cocares, com 10 penas cada um. Quantas penas gastamos ao todo?
- Há 28 alunos em nossa turma. Quantos grupos de 7 alunos poderemos formar, para dividirmos o trabalho do dia da festa de encerramento?
- Começamos a leitura do livro "O Índiozinho" às 10 horas e 30 minutos e paramos às 11 horas. Quanto tempo durou essa atividade?
- São 8 horas. Nossa excursão terá início às 8 horas e 45 minutos. De quanto tempo ainda dispomos?

- Nossa festa começou às 10 horas e 30 minutos e terminou às 11 horas e 15 minutos. A festa durou minutos.
- Um caderno de desenho, para fazermos o álbum dos índios, custa Cr\$ 3,00. Quanto pagaremos pelos 28 cadernos?
- Vieram à nossa sala 14 alunos do 1º ano, 23 do 2º ano, 18 do 3º ano e 15 do 4º ano para ver nossa exposição. Quantas crianças vieram ao todo?
- Organize um problema sobre as tangas que já fizemos.
- Uma índia queria 100 contas para fazer colares. Conseguiu juntar 42. De quantas ainda precisa?
- Numa tribo havia 200 guerreiros. Morreram 34 em combate. Quantos guerreiros há agora nessa tribo?
- Invente um problema com os seguintes dados:
 - um cacique e 8 guerreiros
 - 32 flechas
- Faça a pergunta que está faltando:
Panambi preparou 12 tangas, cada uma com 34 penas.

Outros problemas

EM ESTUDOS SOCIAIS:

De acordo com o planejamento feito pelas crianças sobre o que iríamos estudar e as pesquisas por elas realizadas, as noções estudadas em Geografia e História foram as seguintes:

- Índios, características principais. O índio ao tempo do descobrimento. Organização da tribo. Costumes, línguas, alimentação, medicina. Utensílios, armas e instrumentos musicais. Religião.
- Tribos principais. Tribos que ainda existem. Localização nos mapas dos índios antiga e atualmente. Mapa do Brasil dividido em Estados. Localização das tribos. Ilha de Marajó (índios marajoaras); rio Amazonas. Litoral do Brasil e interior, norte e sul.
- Rondon, sua vida e importância na civilização dos índios.

Território de Rondônia. Serviço de Proteção aos índios.

A vida do índio na atualidade.

- O Brasil antes de Cabral (a propósito da vida dos índios).
Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil. Jesuítas e sua ação sobre os índios. Anchieta e a fundação de São Paulo.
Invasão dos franceses e a atuação dos índios. Araribóia.
A fundação da cidade do Rio de Janeiro.
A influência do índio na História Pátria e na vida e costumes brasileiros.

EM CIÊNCIAS:

Vegetais

- plantas cultivadas pelos índios para sua alimentação, bebidas, vestuário e conservação da saúde.
Plantas aquáticas (Vitória-Régia).

Animais

- partindo-se da alimentação dos índios.

Minerais

- os alunos se interessaram por minerais ao lerem a Lenda do Diamante.

Esqueleto

- ossos usados como enfeites e instrumentos musicais (Ex: nonbi, instrumento musical feito de fômur).

JOGOS E OUTRAS ATIVIDADES DE FIXAÇÃO :

Vocabulário

- Escreva tôdas as palavras que você recorda ao ler índio.
- Um aluno diz uma palavra: índio, por exemplo. Os outros alunos deverão dizer uma qualidade, uma ação ou qualquer palavra relacionada à palavra pronunciada.

Rima

- Complete estes versos:

O corumin não teme nada
Anda sôzinho
Banha-se e nada
Como um

(Retirado do livro "Brasileirinho", 3º ano, de Ofélia e Narbal Fontes, pag. 14).

Tempos dos verbos

- JÓGO DA MÍMICA :

Presente

- Um aluno, representando um índio, faz uma ação qualquer para que os colegas descubram e que o índio faz (presente). Exemplo: O aluno movimenta os braços, como se estivesse nadando. Os outros colegas responderão, oralmente ou por escrito: O índio nada.

Passado

- O aluno representa uma ação e só após ter terminado seus colegas dirão ou escreverão o que ele fez (passado).

Futuro

- Poderão, também, prever o que ele fará (futuro). O "índio" dirá a um colega, o que pretende fazer. Os alunos escreverão; - "Eu acho que o índio caçará", por exemplo. Verificar-se-á depois quem adivinhou a ação.

Imperativo

- As crianças apresentam ordens, por escrito, para que o aluno que representa o índio as cumpra: "Apanhe uma flecha". "Tire o cocar".

As ordens são escritas em pequenas tiras de papel, pela professora e pelos alunos. O "índio" lerá silenciosamente uma delas e a executará, enquanto os outros tentam adivinhar qual foi a ordem.

Concordância (gênero e número)

- Escolham-se duas ou três crianças para representar uma cena, atendendo a uma ordem escrita. Os colegas descreviam o que haviam visto. A dramatização era também feita ora por um menino, ora por uma menina, ora pelos dois.

Operações com inteiros

- Jôgo no quadro negro:
Um indiozinho perdeu-se na floresta e, ao tentar voltar para a taba, encontrou vários obstáculos: tribos inimigas, animais ferozes. Vamos ajudá-lo a transpor os obstáculos? A professora desenhou, no quadro negro, a floresta e vários obstáculos, nos quais estavam escritas as operações. As crianças eram chamadas para "ajudar" o indiozinho.

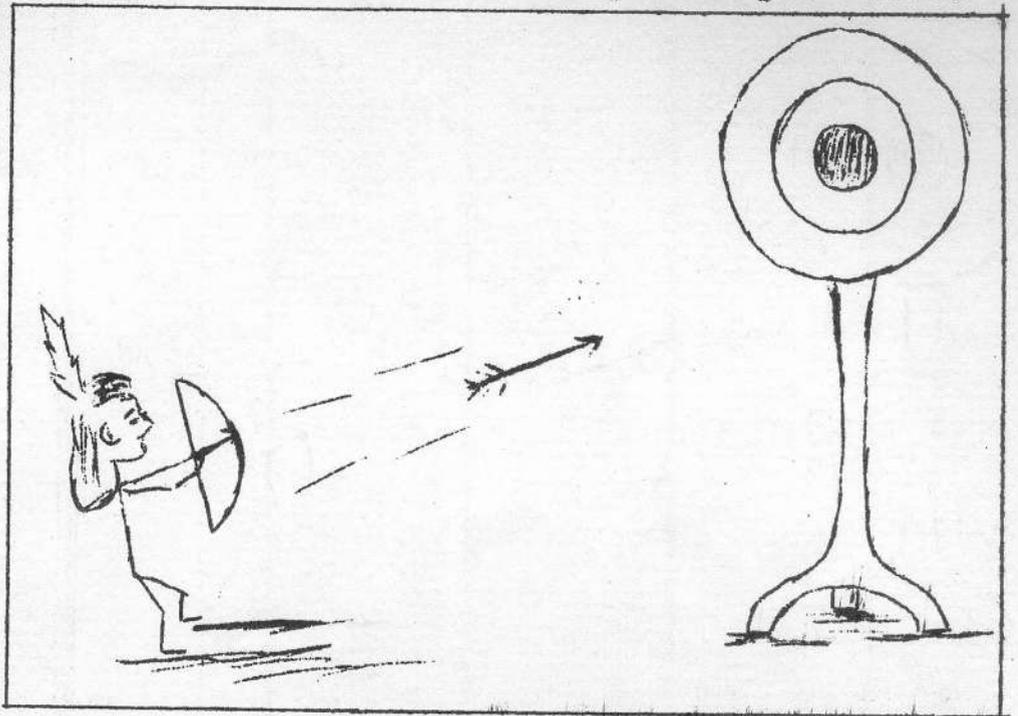
Cálculo oral ou escrito
Ditado (linguagem)

- Dividiu-se a turma em duas ou três tribos, es-

colhidas pelos alunos e fizeram-se jogos de cálculo oral e escrito e ditados de palavras.

Trabalho individual:

O índiozinho está atirando flechas. Cada resposta certa será uma flecha que atingiu o alvo.



Linguagem e História:
Vultos históricos relacionados aos índios e redação de adivinhações

- Adivinhações redigidas pela professora e pelos alunos, feitas em atividades comuns de classe ou em "programas". (quem sou eu? Adivinhe o meu nome? De quem estou falando?)

Exemplos:

- Minha tribo era a dos temiminós. Ajudei a expulsar os franceses da Baía da Guanabara. Ganhei algumas terras e fundei Niterói. Como é o meu nome?

- Catequisei os índios e escrevi lindos versos na praia. quem sou eu? (Redigido pelo aluno Luis Fernando, turma 7).

Ciências Sociais e Naturais e Linguagem: redação de perguntas

- Jogo confeccionado pelos próprios alunos.
Material: penguena costada de cartolina e tiras do mesmo material, com o formato de flechas, nas quais os alunos escreviam perguntas por eles organizadas, sobre o assunto que se desejava fixar.
Desenvolvimento: Um aluno era chamado para tirar uma "flecha" da cesta. Deveria então ler a

pergunta e, respondendo corretamente, teria aceitado no "alvo", desenhado pela professora no quadro-negro. A turma era dividida em partidos ou em tribos indígenas.

III - HÁBITOS, ATITUDES E INTERESSES QUE PUDERAM SER DESENVOLVIDOS

Leituras, comentários, observação de gravuras, cartazes, objetos indígenas, a visita ao Museu do Índio levaram os alunos a se interessar pela História do Brasil.

Passaram eles também a ter uma atitude de simpatia e respeito pelo índio, como elemento que tanta influência teve em nossos costumes e em nossa história.

Sentindo no índio primitivo uma obediência tão rigorosa às leis que regiam suas tribos, as crianças foram levadas a aceitar melhor as regras que dirigem os que desejam viver em grupo.

Levando-se os alunos a procurar nos livros ou em qualquer outra fonte de informação os conhecimentos que desejavam adquirir, desenvolveu-se o hábito de pesquisa.

Durante as conversas, discussões, leituras etc, foram fixados certos hábitos: esperar a vez de falar, saber ouvir e respeitar a opinião dos colegas, aceitar a opinião da maioria.

Procurou-se também fazer que as crianças trabalhassem sempre em ordem, cooperando umas com as outras, tendo o máximo de cuidado com o material usado.

Em 1959, a turma 7, 3º ano, fez também um estudo sobre a vida dos índios, expondo, no final, os seus trabalhos. Para isso, a turma foi dividida em vários grupos, cada um encarregado de mostrar e explicar aos visitantes determinada parte da exposição, ou seja: álbuns, pesquisas, quadros murais, máscaras, enfeites indígenas, uma taba etc.

Além de muitas das atividades citadas no relato anterior, prepararam os alunos ainda:

- máscaras, de papel pardo;
- tangas feitas de saco, trazido e pintado pelas crianças;
- cuias de barro, trazido de construções próximas e misturado com água, seguindo-se as instruções apresentadas no livro "A Irmã do Índiozinho" (Ver Bibliografia), lido pela turma;
- cartazes com as perguntas formuladas pelas crianças no início dos trabalhos: "que desejamos saber sobre o índio?" Ao encerrarem-se as atividades, os alunos haviam encontrado resposta a todas as perguntas feitas;
- cartazes com as palavras aprendidas e seu significado: "Pa

lavras indígenas que aprendemos".

Na taba em miniatura que construíram, as crianças plantaram milho em pequenos montes de terra e fizeram um "lago", colocando água em uma tampa de lata e, nesta, alguns peixinhos. A planta rapidamente cresceu, dando muita vida à taba e boas oportunidades de estudo sobre o vegetal (germinação, função de suas várias partes). Os peixinhos, no entanto, pouco duraram. Interessaram, porém, grandemente, às crianças, suas características e condições de vida.

NOTA: Os trabalhos que relatamos em conjunto foram desenvolvidos, durante 1958 e 1959, em turmas dirigidas pelas seguintes professoras da Escola Guatemala: Edir Baptista Cunha, Heloisa Maria Goulart Nobrega, Ivonne Fernandes Tompono, Luiza Andreiolo Vasconcellos, Ogarita Ximenes, Sarah Lerner e Yonne Malheiros Nunes.

Orientou-as, durante o ano de 1958, a professora Risoleta Ferreira Cardoso a quem se deve, em grande parte, o sucesso deste trabalho.

Colaboraram ainda as professoras especializadas em Música, Trabalhos Manuais e Recreação: Yvette A. Coelho da Cunha, Edith Campos Pascini, Colombina Mari Ardente, Maria das Graças Santos Meninéa e Moema Eulalia de Oliveira Toscano.

IV - BIBLIOGRAFIA DO ALUNO:

LIVROS E REVISTAS	AUTOR	ASSUNTO	PAG.
Brasília - 3º ano	João Barbosa de Moraes	Lenda - Carioca Fundação da cidade do Rio de Janeiro	11 211
Lições do Tio Emílio - 3º ano	Hildebrando de Lima	Indígena Brasileiro	173
O Clube dos Sete Amigos	Rita Amil de Rialva	Fundação do Rio de Janeiro. O 1º governador. Índios O apóstolo do Brasil. A Iara do Rio Amazonas	22 76 84 93 116

LIVROS E REVISTAS	AUTOR	ASSUNTO	PAG.
O Tico-Tico - nº 2073 - agosto 1958		Lenda do Gua- raná	
Entre os índios- O menino pintor - nº 23	Editora Melhoramentos		
Mundo da Criança- vol. 6	Editora Delta	Caramuru e a índia Paragua- çu.	18
		Anchieta, o San- to da Floresta	24
		Rondon, o ban- deirante dos nossos dias.	139
Mundo da Criança- vol. 5	Editora Delta	Lenda do Mate	120
		Lenda da Vitó- ria-Régia	122
Trópico-Enciclopé- dia ilustrada em côres - vol. 2		São Paulo	docu- mentá- rio nº 93 - pag. 271
Tudo é fácil - 3º ano	Júlio Cesar de Melo e Souza e Irene de Albu- querque	Canagé e os peixes(jôgo)	11
Vida Juvenil- se- tembro e outubro- 1958		Ubirajara(ro- mance de José de Alencar)	1-10
Criança brasileira - 3ª série	Teobaldo Miranda Santos	Caça e pesca	60
		Lenda do Milho	77
		Lenda da Mandi- oca	78
Grandes figuras em quadrinhos nº 5 - março e abril 1958	Editora Brasil - América Limitada	Anchieta, o ca- tequista das selvas	

1º CENTRO EXPERIMENTAL DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA - INEP

ESCOLA GUATEMALA

"ESTUDO SÔBRE A VIDA DAS ABELHAS"

ANO ESCOLAR : 3º

ÉPOCA E DURAÇÃO : março a abril de 1959

PROFESSORA : Sarah Lerner

Est. 3
8. 3

I - ORIGEM:

Estávamos no início do ano letivo, revendo a matéria estudada no ano anterior e discutindo problemas relacionados com a melhoria da nossa sala, quando, certa manhã, Antonio Lúcio mostrou-nos um favo de mel que seu pai lhe dera. As crianças, interessadas, não se puderam conter, levantando-se para observar, mais de perto, o que o colega trouxera, fazendo uma série de perguntas.

— É aí que a abelha põe o mel?

— É a abelha que faz o favo?

— Como se chamam êstes "buraquinhos"?

Satisfeita a curiosidade dos alunos e tendo tocado o sinal indicando a hora da saída, pois estávamos no final da manhã, combinamos que continuaríamos a conversar sobre o assunto.

Nesta mesma tarde, em conversa com uma de nossas orientadoras, sugeriu-me ela aproveitar o interesse dos alunos para com êles desenvolver o estudo do assunto. Agradou-me a idéia. Oportunidades para linguagem não faltariam: comentários orais, leituras orais e silenciosas, pesquisas em livros, ditados e anotações, partindo-se do trabalho de pesquisa. Quanto a Ciências, também não. Pareceu-me, porém, que não surgiriam muitas oportunidades para o estudo de Matemática. Não me preocupei, no entanto, porque estávamos fazendo um treino de cálculo, diariamente, com bastante interesse por parte das crianças. Além disso, que exemplo maravilhoso seria, para os alunos, conhecer a vida tão bem organizada das abelhas, o trabalho completo que desenvolvem. Tudo dependeria, agora, do interesse dos alunos fixar-se ou não no assunto.

No dia seguinte, pedi a Antonio Lúcio que nos dissesse a maneira pela qual fôra obtido o favo de mel.

— Foi meu pai quem conseguiu, disse-nos o menino. Vou pedir a êle que explique melhor ondeapanhou.

Notei que todos queriam dizer alguma coisa, contar as experiências que já haviam tido, fazer alguma pergunta.

— Que poderemos fazer, uma vez que vocês estão assim, curiosos, em aprender tanta coisa sobre a vida das abelhas? Algum estudo... Algum trabalho...

— Vamos estudar a vida das abelhas, disse uma criança.

Todos concordaram, com entusiasmo, e começamos, nesse mesmo dia, o planejamento da nossa nova atividade: "Estudo sobre a vida das abelhas".

II - FASE DE PLANEJAMENTO:

Onde encontraremos recursos para o estudo que desejamos fazer? Foi o primeiro problema por mim levantado.

- Nos livros de nossa biblioteca...
- Em revistas...
- Nos jornais...

Algumas crianças desejaram logo apanhar livros na biblioteca de classe, mas aconselhei-os a aguardar a hora que seria dedicada a essa atividade e continuamos com nosso planejamento de trabalho, para que êle pudesse ser desenvolvido da melhor maneira:

- Que faremos com o trabalho de pesquisa trazido pelos alunos? Combinamos que faríamos leitura, anotações, comentários e exposições. Lembrei-lhes a utilidade dos livros e o cuidado que com êles devemos ter.

- Onde poderemos colocar os trabalhos que serão feitos e o material trazido pela turma?

Depois de pequena discussão, a sugestão aceita por todos foi a de prepararmos uma espécie de quadro mural, de papel pardo. Combinou-se também fazer uma pasta de cartolina onde seria guardado o material, depois de exposto.

Nesta ocasião, por razões administrativas, as crianças só freqüentavam a escola pela manhã. Decidiu-se, pois, que seria um trabalho exclusivamente de estudo, resumindo-se nossas atividades em pesquisas em várias fontes de informação, a fim de obtermos os conhecimentos sobre a vida das abelhas; apresentação à turma dos resultados das pesquisas; fixação das noções adquiridas e encerramento do trabalho quando aprendêssemos o suficiente.

Era uma nova experiência a ser vivida pela turma e eu aguardava, ansiosa, os resultados.

Que objetivos educacionais eu visava, ao realizar, com meus alunos, esta experiência?

Julguei que teria ótimas oportunidades para desenvolver o hábito da pesquisa, o interêsse pela leitura e pelo livro como meio de obter informações, pois as crianças deveriam procurar, nos livros e revistas, os conhecimentos que desejassem adquirir. Usariam também quaisquer fontes de informação, aprendendo a utilidade de um índice, como consultá-lo etc.

Quanto às oportunidades de estudo, partiríamos do trabalho de pesquisa para atividades de leitura silenciosa e oral, enri-

quecimento do vocabulário, redações, resumos, anotações, fixação da ortografia de certas palavras e das noções gramaticais erradas frequentemente nos trabalhos de lingüagem.

III - Fase de execução :

Eis como se desenvolveram nossas atividades:

Os alunos começaram o trabalho de pesquisa, feito na escola e em casa, com o material de que dispunham ou que retiravam da biblioteca de classe.

As crianças tiveram, logo no início, um pouco de dificuldade: nos livros em que pesquisavam, poucos eram os fatos referentes à vida das abelhas: algumas noções gerais, pequenos trechos, umas poesias..., que não bastavam para satisfazer a sua curiosidade. Foi êsse, no entanto, o material usado para nossas aulas, nesses primeiros dias.

Quando Marcos, por exemplo, encontrou umas quadrinhas sôbre as abelhas, sugeri que todos as copiassem, completando os últimos versos com palavras que rimassem (expliquei-lhes o que era rima, dando-lhes também vários exemplos):

D. Abelha é uma senhora
laboriosa, inteligente.
Não se censa, e do trabalho,
dá lições a muita

Depois do exercício escrito, foi feita leitura oral, por Marcos, seguida de comentários sôbre o significado de algumas palavras (àrduamente, árdua, laboriosa, labor), as qualidades da abelha. Alguém lembrou fazermos uma coleção de poesias sôbre as abelhas, o que foi bem aceito.

Outros trechos eram aproveitados para leitura oral (o aluno deveria ter-se preparado, em casa, para isso, a fim de que a atividade fôsse interessante e todos pudessem ouvi-lo), comentários feitos por mim e pelas crianças, em relação à técnica de leitura e aos conhecimentos apresentados; ditado ou cópia de pequenos trechos organizados pelos alunos, redação de resumos, fixação de novas palavras. Assim, iam os alunos registrando, nos cadernos, tudo que fôsem aprendendo.

As crianças, no entanto, após os trabalhos, faziam-me perguntas e mais perguntas:

— Como as abelhas fazem o mel e a cêra ?

- Como é o zangão ?
- Como as abelhas vivem na colmeia ?
- Quem faz a colmeia ?

Verifiquei que, para responder a tôdas as perguntas, seria necessário fazer uma pesquisa mais profunda, em livros de nível superior. Aproveitando para mais uma oportunidade de escrita, sugeri-lhes que as redigissem.

- Vocês fazem tantas perguntas ! É preciso que fiquem registradas, pois assim saberemos sôbre o que vamos pesquisar. Após êste comentário, distribuí tiras de papel, nas quais os alunos fizeram perguntas sôbre o que desejavam saber a respeito da vida das abelhas (redação de frases interrogativas). Depois de lê-las oralmente e devolver as que não estavam com a pontuação adequada, para que o aluno as corrigisse, guardei as perguntas dentro de um envelope, no qual escrevi "Que quer você saber sôbre a vida das abelhas?" Com o trabalho de pesquisa, pouco a pouco seriam respondidas e, no final do estudo, as crianças deveriam ter aprendido tudo quanto desejavam. Dê-se trabalho, partimos também para a fixação da grafia de certas palavras (nascer, crescer, quando etc) e de noções gramaticais (concordância, por exemplo).

Eis algumas das perguntas feitas:

- Como as abelhas fazem o mel ?
- Como os homens tiram mel das abelhas ?
- De onde a primeira abelha-rainha nasceu ?
- Quem é o "mandão" da colmeia ?
- Como a abelha rainha pode pôr ovos se ela é tão pequenina ?
- Como cada abelha sabe da sua função ?
- Que é que a abelha come ?
- Como a abelha nasce ?

Consultando vários livros, entre os quais "A vida das abelhas", de Maeterlink, volumes da coleção "Ciência da vida", de H. G. Wells, Julian Huxley e O. P. Wells, volumes da coleção "O mundo da criança", fui-me esclarecendo sôbre a vida dêsses insetos maravilhosos e transmitindo aos alunos os conhecimentos adquiridos e o entusiasmo que sentia. Mostrava-lhes os livros que usara como fonte de pesquisa, fazendo a leitura de pequenos trechos, seguida sempre de comentários, durante os quais as crianças falavam de suas experiências, faziam novas perguntas. E os alunos foram tendo um conhecimento mais profundo da vida numa colmeia, os diversos tipos de abelha e suas funções, como é preparado o mel e a cêra...

Alguns alunos começaram a encontrar fatos mais interessantes nas suas pesquisas. Certos trechos eram passados no mimeógrafo, com o nome do aluno que fazia a pesquisa, para que fosse feita leitura silenciosa e oral.

Ronaldo trouxe-nos uma revista, "Trópico-Enciclopédia ilustrada em cores", vol. I, na qual havia um trecho sobre as abelhas, as flores e o mel, o trabalho do apicultor. Vinha responder a muitas das perguntas dos alunos. Ronaldo leu alguns trechos, mostrou as ilustrações e, após alguns comentários, cada criança fez um trabalho escrito sobre o que aprendera com a pesquisa do colega.

Pesquisa feita pelo aluno Ronaldo, na revista "Trópico-Enciclopédia ilustrada em cores".

Eu aprendi que:

As flores vermelhas, azuis e violetas são pouco visitadas pelas abelhas. As brancas e amarelas são muito visitadas.

A abelha penetra o máximo que ela pode nas flores. Com a língua, ela tira o néctar e o pólen fica agarrado nos pêlos da abelha. Depois ela o retira com as patinhas e coloca na cesta que fica perto da perna traseira, no abdômen.

Honório Ferreira

Paulo César fez uma pesquisa no volume nº 7 da coleção "O Mundo da Criança" e falou-nos sobre a abelha-escooteira. Fabiano copiou um trecho interessante sobre "Curiosidades da vida das abelhas".

O vocabulário usual das crianças foi-se enriquecendo: era de admirar como os alunos falavam em pólen, néctar, apicultura, enxame, armazenar, extrair, com uma naturalidade, com um desembaraço... Foram adquirindo maior habilidade no uso do dicionário, onde procuravam o significado das palavras novas que surgiam. Quando Yonne passou a dirigir a turma à tarde, ficou surpreendida com esse fato e com o interesse, o entusiasmo de todos, os conhecimentos que já haviam adquirido. As crianças vinham contar-lhe o que estavam fazendo, pedindo sugestões, e ela sentiu que o projeto estava sendo realmente vivido pela turma.

Enquanto não havia material para uma observação mais direta, trazíamos, eu e os alunos, cartazes e gravuras, através dos

quais as crianças analisavam as características dos insetos, faziam desenhos e anotações.

O interêsse pela observação da natureza já estava desperto: logo as crianças começaram a trazer abelhas e outros insetos, "caçados" durante passeios, nas próprias casas, no percurso da casa à escola. Estudamos mais profundamente os insetos e suas características e conservamo-los em vidrinhos com álcool, devidamente rotulados pelos alunos. Foi aproveitando êsse interêsse que Yonne organizou, mais tarde, com a turma, um "Cantinho de Ciências."

Carlos trouxe um vidro com mel de Portugal:

— Eu estive em Portugal, na casa de minha avó. Ela tem um apiário e de lá eu trouxe êste mel.

Contou-nos como o retirara da colmeia, as abelhas tentando mordê-lo, o processo usado por sua avó para apanhar o mel. Nesse dia recapitulamos o que havíamos aprendido sôbre êsse alimento, por meio de comentários e exercícios escritos (respostas a questionários).

Nova poesia foi encontrada por Marcos. Ditei-a para a turma, a fim de aumentarmos nossa coleção:

O mel, além de gostoso,
Não deixa de ter valor.
É remédio proveitoso
E de esplêndido sabor.

Falamos também sôbre a quantidade de abelhas necessárias para preparar um quilo de mel - 690 abelhas, dois quilos, três quilos, meio quilo etc.

Outras oportunidades para o estudo da Matemática surgiram quando pesquisamos, para responder às perguntas das crianças, sôbre o número de abelhas que vivem em uma colmeia (aproximadamente 40 000 abelhas), o número de abelhas obreiras (95, em cada centena), o número de ovos que uma abelha-rainha pode pôr, durante sua existência (aproximadamente 1 milhão), o tempo que cada tipo de abelha leva para se desenvolver (abelha-rainha, 15 a 16 dias; abelha-operária, 21 dias; zangão, 24 dias), a duração da vida das abelhas (dados pesquisados por mim e pelas crianças, no volume nº 7 da coleção "O Mundo da Criança"). Vários problemas eram apresentados à turma ou propostos pelos próprios alunos, ligados às perguntas que faziam:

— Em duas colmeias, quantas abelhas há, aproximadamente ?

— Se saírem 500 abelhas de uma colmeia onde havia 1 000, quantas restarão ?

- Duas abelhas-rainhas, quantos ovos poderão pôr, aproximadamente, durante tôda a sua vida?

- Em cada grupo de 100, 95 abelhas são obreiras. Quantas não o são? Em 2 centenas, quantas obreiras há? E em 9 centenas?

- A abelha-rainha leva 15 a 16 dias para se desenvolver; a operária 21 dias e o zangão 24. Quantas semanas a rainha leva para atingir seu completo desenvolvimento? E a operária? E o zangão? Qual a diferença entre êsses períodos?

- A abelha operária vive 5 semanas ou..... dias.

- Eu possuía uma colmeia com 200 abelhas; a metade do enxame foi para outra colmeia. Quantas abelhas ficaram? (Redigido por Antônio Lúcio).

* * * *

Os melhores trabalhos, desenhos, notícias interessantes, recortes de jornais e revistas iam sendo colocados no quadro mural foito por um grupo de alunos. Quando se discutiu a maneira de prepará-lo, Amilton sugeriu:

- Vamos fazer, em volta do cartaz, como se fôsse um favo?

Expliquei-lhes, partindo desta sugestão, que as células do favo tinham o formato de um hexágono, isto é, figura que possui seis lados iguais. Recordamos também outras figuras geométricas, tendo as crianças observado o formato dos ladrilhos e tacos do chão de suas casas. Alguns trouxeram ladrilhos com seis lados.

* * * * *

Mais abelhas, zangões e outros insetos foram chegando. A orientadora emprestou-nos uma lupa, para que os alunos pudessem observar melhor, o que foi feito com mais vivo interêsse. Enquanto alguns alunos observavam, outros preparavam, por escrito, um relato do que haviam visto (redação individual). Todos lhe escreveram cartas de agradecimentos (redação individual de cartas) e as colocamos no local onde costumava trabalhar, para que, quando chegasse, as encontrasse.

Colaborações iam sendo trazidas por professores e colegas que, sabedores dos nossos estudos e achando-os interessantes, resolveram ajudar-nos.

As crianças faziam comentários a colegas de outras turmas e mostravam-lhes o material que possuíamos.

Os vidrinhos com insetos foram sendo guardados em prateleiras, divididas em 10 compartimentos. Essas prateleiras foram

muito úteis, pois nos serviram também para objetivar o ensino da subtração pelo processo de falta, operação na qual as crianças tinham certa dificuldade, obrigando-nos a voltar à fase inicial do processo.

* * * * *

As crianças já haviam aprendido bastante. Durante as reuniões com os pais, êstes comentavam o entusiasmo de seus filhos, a evidez com que pesquisavam e procuravam informações. E o entusiasmo a êles se transmitira também: recebemos, mais tarde, da Estação Sericícola de Barbacena, um mostruário muito interessante sôbre o bicho-da-sêda, enviado a pedido do pai de Antônio Lúcio; outros ajudavam seus filhos a "caçar" insetos, que as crianças traziam, orgulhosas, para a escola.

Havia, ainda, porém, muitos fatos a conhecer. Eu o verificara ao ler certos livros: os sentidos das abelhas, o processo usado para aquecer a colmeia, o papel das abelhas na fecundação das flores, a maneira pela qual os cientistas faziam seus estudos sôbre os insetos... Propus aos alunos que fizessem novas perguntas, um assunto de cada vez. O que desejariam saber, por exemplo, sôbre os sentidos das abelhas.

— As abelhas ouvem ?

— As abelhas enxergam ?

— Como as abelhas sabem voltar para a colmeia ? escreveram alguns.

Sôbre outros assuntos, as crianças indagaram:

— Quando a abelha-rainha faz o vôo para escolher o zangão, o que acontece se chegarem dois ?

— Como as abelhas dormem na colmeia, nos dias de inverno ?

— Quando a abelha-operária nasce, como sabe qual é a sua função ?

— Como as abelhas voam na colmeia ?

— Como o homem estuda a vida das abelhas ?

— Para que as abelhas usam ferrões ?

Os alunos ficaram encantados de ter conhecimento da dança simbólica das abelhas, da organização da colmeia. Interessaram-se muito pelo processo usado pelos cientistas para estudá-las, por tudo que estavam aprendendo, enfim. Impressionou-as uma experiência relatada no vol. nº 7, da coleção "Ciência da vida", sôbre um cientista com uma "barba" formada de abelhas.

Para fixar as noções estudadas e verificar se os alunos estavam realmente aprendendo, eram feitos exercícios escritos, apresentados de várias formas: ora respondiam a questionários, nos cadernos, ora faziam desenhos e resumos.

Os melhores trabalhos eram colocados no quadro mural e guardados, depois, como documentação. Dos erros cometidos durante êsses exercícios e comentários orais, originavam-se novas atividades para fixação da grafia de certas palavras e noções gramaticais.

* * * * *

Conversávamos certa vez sôbre as abelhas selvagens, a propósito de uma pesquisa feita por Fabiano, quando Giuseppina, influenciada talvez por programas de televisão, sugeriu que organizássemos, na nossa sala, um programa durante o qual os alunos deveriam responder a perguntas sôbre a vida das abelhas.

— Pode chamar-se "Esta é a vida das abelhas", completou.

— Isto mesmo! Ótimo! Vamos fazer sim! concordaram todos, eu inclusive, entusiasmados.

— A senhora fará três perguntas. O aluno que acertar continuará no programa seguinte.

— Vamos fazer fichas para entregar.

— Cada ficha pode valer 5 pontos.

Assim Giuseppina, Antônio, Paulo Cesar, Luiz Carlos e outros alunos iam apresentando suas sugestões.

— É preciso um animador, lembrei-lhes.

— Posso ser? pediu Luiz Carlos.

Achando que seria uma boa oportunidade para estimulá-lo, concordei.

— Os alunos que desejarem inscrever-se nos programas deverão procurar Giuseppina, que nos deu a idéia inicial, falei-lhes. Quantos candidatos serão, de cada vez?

— Três ficarão bem, concluíram.

Quartas e sábados foram os dias escolhidos para a realização do programa. Um grupo iniciou imediatamente o preparo das fichas, enquanto Giuseppina preparava a inscrição dos candidatos e outros confeccionavam taças de papel prateado para os vencedores.

O programa, cujas perguntas foram redigidas pelos próprios alunos, fêz grande sucesso, tendo sido convidadas crianças de outras turmas para dêle participar ou a êle assistir. Os alunos demonstravam ter fixado realmente muitos conhecimentos sôbre a vida das

abelhas.

Outra atividade que agradou muito aos alunos foi a redação de adivinhações. Comecei ditando-lhes uma sobre a abelha:

Sou a formiga do céu. Em vez de andar, eu vôo. Faço bem às plantas. Levo de flor em flor o pólen. Minha casa é feita de caixas de cêra. Quem sou eu? (Adaptado do livro "Marta e Jorge", de Constâncio C. Vigil).

Todos se animaram quando sugeri que redigissem outras adivinhações. Honório escreveu a seguinte:

Eu grasno, como milho e vivo o dia inteiro no lago.
Quem sou eu?

E Ronaldo:

Qual o animal que vive no fundo do mar e é mamífero?

Outra criança:

Gosto muito de mosquito. Ando pelos fios de minha teia. Quem sou eu?

As melhores foram lidas para os colegas que tentaram adivinhar as respostas e depois copiadas por todos. Teríamos assim uma coleção de adivinhações. Preparamos um pequeno álbum com as adivinhações feitas pelos alunos, que ficou depois na biblioteca de classe.

IV - Encerramento das atividades:

O interêsse continuava grande. Achei conveniente, no entanto, terminar nossos estudos. Tôdas as perguntas que as crianças haviam feito foram respondidas e os alunos haviam adquirido muitos conhecimentos. Além disso, havia outros assuntos a serem estudados.

— Vamos relacionar tudo quanto aprendemos sobre a vida das abelhas, propus-lhes.

Enquanto eu escrevia no quadro os itens lembrados pelos alunos, êstes anotavam nos seus cadernos:

- 1 - Os insetos
- 2 - Tipos de abelhas
- 3 - Funções das abelhas
- 4 - Características das abelhas
- 5 - Duração da vida das abelhas
- 6 - Alimentação das abelhas
- 7 - Os sentidos das abelhas
- 8 - Danças especiais que realizam
- 9 - Fabricação do mel e da cêra
- 10 - Favos de mel

- 11 - A colmeia e o enxame
- 12 - O casamento entre as abelhas
- 13 - A apicultura
- 14 - Como os cientistas estudam a vida das abelhas
- 15 - A sociedade das abelhas

Organizamos ainda uma lista com o nome dos livros usados durante as pesquisas e respectivos autores, o que seria útil para quem desejasse fazer estudo semelhante.

* * * * *

— Lemos e estudamos tanto sobre o assunto... Gostaria de verificar o que vocês aprenderam, comentei, propondo-lhes, em seguida, que cada grupo se encarregasse de preparar, por escrito, trabalhos sobre determinados itens dos que foram relacionados.

Eis pequenos trechos das redações feitas:

Favos de mel

Os favos de mel servem para guardar o mel e são o berço das abelhinhas. O favo tem milhares de células. Cada célula tem 6 lados.

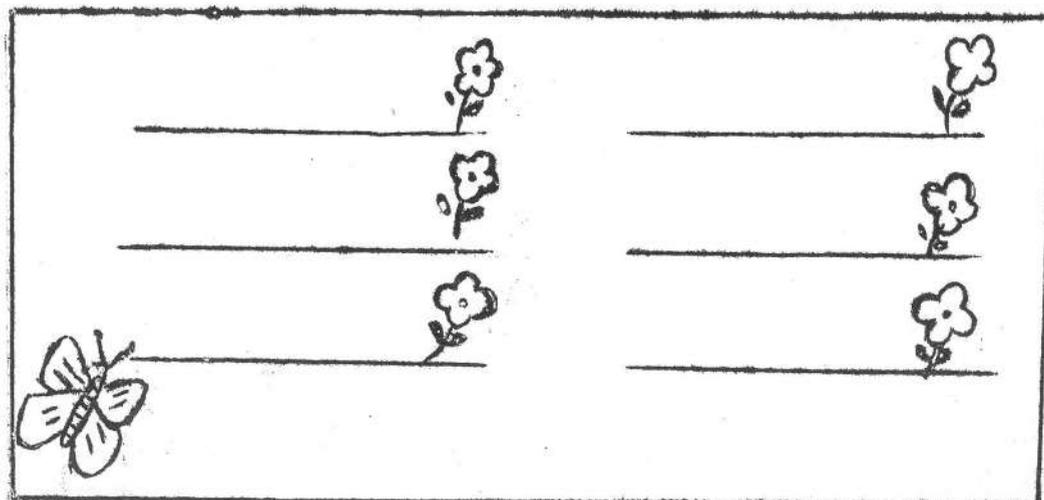
As abelhas fazem o favo de mel geralmente nos caixilhos de madeira.

Paulo Cesar

Quando a colmeia está quente, uma abelha, com duas asas, abana a colmeia e ela fica fresca.

Carmem Lúcia

Outro trabalho de verificação foi realizado: as crianças receberam uma folha de papel com o seguinte desenho:



Todos deveriam ajudar a abelha a tirar pólen das flores, respondendo às perguntas que por mim foram feitas. Depois de por mim examinadas, comentei os resultados que, de modo geral, foram bons.

Gostaria de saber, também, a opinião dos alunos sobre o estudo que haviam feito. Apresentaram-nas por escrito, pois não haveria tempo para ouvir todos os alunos (e seria mais uma oportunidade para que redigissem).

Fiquei contente ao ler o que escreveram:

-- "Eu gostei muito do estudo sobre a vida das abelhas porque ele nos fez aprender muito".

Alberto

-- "Achei muito bom porque foi interessante e nos ensinou muitas coisas".

Elisabeth

E outros:

-- "Eu achei que nos foi muito útil".

-- "Eu gostei porque vou ser professora e posso ensinar aos alunos. Foi muito útil".

-- "Eu gostei do estudo da vida das abelhas porque eu aprendi como as abelhas fazem o favo de mel, a colmeia ..."

Semanalmente, havia uma sessão de auditório, durante a qual cada turma apresentava um número, uma dança, uma dramatização, uma atividade relacionada com os trabalhos da classe. Lembrei-lhes que, para encerrar nosso trabalho, poderíamos organizar um programa para apresentar no auditório.

-- Podemos dizer uma poesia, falou Marcos.

-- Cantar uma música, sugeriu Conceição.

-- Entregar as taças aos vencedores do programa "Esta é a vida das abelhas ..."

-- Apresentar alguns trabalhos, sugeri.

Escolhi os melhores trabalhos, levando em conta as idéias expostas, a apresentação, a forma correta. Seus autores fizeram um treino de leitura e foram ouvidos pelos colegas que verificaram se o aluno estava ou não em condições de ler no auditório. Realizou-se também um concurso de leitura, para escolha dos alunos que diriam as poesias.

Estávamos, assim, programando uma atividade que encerrasse nossos estudos, quando surgiu a oportunidade para realizarmos uma excursão. Todos desejavam ir a um lugar em que pudessem observar algo relativo à vida das abelhas. Havendo, no Museu de Caça e Pes-

ca, uma secção de apicultura, para lá nos dirigimos, depois de termos preparado um roteiro que levaria os alunos a aproveitarem melhor:

- 1) Observar o tempo, as ruas, os bairros, os morros pelos quais iríamos passar.
- 2) Anotar a hora da saída e da volta.
- 3) Fazer perguntas aos encarregados da Secção de Apicultura e confirmar o que já aprendemos.

As crianças levaram lápis e papel para anotações e até dicionário, pois "poderiam aparecer palavras difíceis", como observou Antônio Lúcio.

A excursão não foi tão útil quanto poderia ser, se realizada em um lugar no qual fôsse observado um apiário. Esclareceu-nos, no entanto, quanto a certos fatos: as crianças observaram colmeias de madeira e os favos preparados artificialmente pelo apicultor para auxiliar o trabalho da abelha.

Ao voltarmos, trazendo os alunos pedaços de favos assim preparados, foram feitos desenhos e comentários sôbre a excursão e organizado, em colaboração, um relatório sôbre o passeio. Além disso, cada aluno fêz uma redação individual sôbre o de que mais havia gostado e sôbre os fatos interessantes que observara.

Na sessão de auditório, os alunos disseram algumas poesias, leram os melhores trabalhos, cantaram as músicas ensinadas pela professora especializada em música e entregaram as taças a Antônio, Honório e Paulo, vencedores do programa "Esta é a vida das abelhas." E encerramos nosso trabalho.

O tipo de atividade agradou muito à turma e alguns alunos sugeriram estudarmos a vida de outros animais. Foi mais forte, no entanto, o interêsse pela vida dos índios, transmitido por crianças de outras turmas, e a nossa atividade seguinte foi um "Estudo sôbre a vida dos índios do Brasil", o que mostra que os alunos apreciaram realmente êsse tipo de trabalho.

Nossos objetivos foram alcançados.

V - Trabalhos paralelos:

Conforme já foi relatado anteriormente, estávamos no começo do ano de 1958. Nesses primeiros dias, baseando-nos no resultado das provas finais de 1957 (provas realizadas não com o objetivo de promover os alunos, mas, de verificar as noções dominadas ou não), eram feitos exercícios, concursos e jogos, visando vencer as dificuldades que as crianças haviam encontrado. Preocupávamos-nos, também, em melhorar o ambiente de nossa sala.

Com o início do trabalho que acabamos de descrever, essas atividades não se interromperam: parte da manhã era dedicada à revisão e fixação das noções cujo estudo fôra feito no ano anterior e que as crianças não haviam dominado completamente. Realizava-se diariamente um treino de cálculo, sob a forma de concurso, muito do agrado dos alunos.

Com o desenvolvimento dos trabalhos, surgiram também outras atividades paralelas, tais como a fixação da ortografia de palavras com determinada dificuldade, partindo-se dos erros cometidos nos exercícios escritos, através de pesquisa de palavras, organização de listas, ditado, autoditado, formação de frases, listas de palavras afins, de palavras que rimam, jogos com as palavras a serem fixadas. Foi feita também a sistematização de subtração por falta, usando as prateleiras nas quais eram guardados os vidros com os insetos.

VI - Oportunidades que surgiram para a formação de hábitos, atitudes e interêsses:

Sendo as atividades essencialmente de estudo, tivemos oportunidade de levar os alunos a:

- desenvolver o hábito de pesquisa, usando o livro como meio de adquirir conhecimentos;
- alcançar seus objetivos através do próprio esforço;
- adquirir habilidade no uso das diversas fontes de informação;
- sentir prazer no estudo.

As discussões, os debates, a apresentação de sugestões e trabalhos, deram oportunidade para fixarmos, nas crianças, os hábitos de esperar a vez de falar, ouvir os colegas, aceitar a opinião da maioria, expressar suas idéias, ter iniciativa, cooperar com seus companheiros.

O conhecimento da organização de uma sociedade de abelhas serviu também de ótimo exemplo para os alunos.

Além disso, pudemos desenvolver o interêsse pela observação da natureza e pela vida dos insetos, levando-os a reconhecer a interdependência entre êstes e os vegetais.

OBSERVAÇÃO : - Não relacionaremos as oportunidades de estudo que surgiam, pois as atividades foram exclusivamente de estudo. No relato do seu desenvolvimento poder-se-á perceber como foram surgindo as diversas atividades ligadas à Linguagem, Matemática e Conhecimentos.

VII - Bibliografia usada pela professora

- "Mundo da Criança" - Vol. 7 - Insetos e Aranhas, da pag. 176 até 184
Vol. 11 - Músicas, pag. 57
- H. G. Wells, Julian Huxley, G.P. Wells
"Ciência da vida", vol. 7
- Maurício Maeterlink
"A vida das abelhas"
- Constância C. Vigil
"Marta e Jorge" - pag. 90
- Coleção de quadros murais da Revista do Ensino (Caixa Postal 1520, Porto Alegre) - Série Zoológica nº 210

Bibliografia usada pelos alunos

- Waldemiro Potech
"O Brasil e suas riquezas", pag. 106
- Revista Trópico - Enciclopédia ilustrada em cores
volume I, páginas 135, 159
- Diva Carretero, Maria Helena Villaça
"Meu Grande amigo", 1ª série, pag. 50
- Mundo da Criança
vol. 1 - Poesias - pags. 87, 155
- Coleção Sodré
Primeiras lições úteis - pag. 15
- Teobaldo Miranda Santos
"Riquezas do Brasil", pag. 28
e outros livros da biblioteca de classe da turma.

OBSERVAÇÃO : Este trabalho foi feito, para publicação, pela professora Sarah Lerner

1º CENTRO EXPERIMENTAL DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA - INEP
ESCOLA GUATEMALA

" MUSEU DE INSETOS "

ANO ESCOLAR : 2º

EPOCA E DURAÇÃO : de 14/3/59 a 25/4/59

PROFESSORA: Aldina Areias

Est. 3
F. 3

I - ORIGEM:

Início do ano. As crianças, alegres e bem dispostas, contavam-me como haviam passado as férias, os passatempos que fizeram... Conversávamos também sobre a arrumação da nossa sala, a maneira pela qual poderíamos ornamentá-la, girando nossos primeiros trabalhos em torno desse objetivo.

Recordando o que havíamos feito no ano anterior, os alunos lembraram-se da dramatização da história "A cigarra e a formiga", mostrando-se desejosos de reapresentá-la, o que foi feito na própria sala de aula, após pequeno ensaio. Fiz-lhes algumas perguntas sobre os insetos que apareciam na história e, atendendo ao interesse dos alunos, combinamos ler, diariamente, histórias sobre insetos.

- Os alunos da turma 11, do 4º ano, fizeram, há dois anos atrás, um estudo sobre insetos e organizaram um museu, comentei.

- Podemos pedir a um aluno dessa turma que venha contar como fizeram o museu, lembrou alguém.

Nesse mesmo dia, recebemos a visita de crianças da turma 11 que, com bastante descombaraço, nos falaram sobre o trabalho realizado no 2º ano, aconselhando os colegas a fazerem leituras sobre insetos. Interessadíssimos principalmente pela idéia de caçar insetos - as crianças foram unânimes em desejar fazer, também, um "Museu de Insetos" para nossa turma.

II - FASES DE PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO:

- Que precisamos fazer para organizar o museu? - foi o primeiro problema que levantei.

- Caçar os insetos.

- Arranjar uns vidrinhos para guardar o que conseguirmos.

- Fazer prateleiras para colocar os vidros.

As crianças foram apresentando suas sugestões, por mim relacionadas no quadro-negro e copiadas, depois, pelos alunos, para que tivessem registrado, no caderno, tudo o que fosse relativo ao nosso trabalho.

Verificando o interesse muito acentuado das crianças pelas histórias sobre insetos, achei que teria ótimas oportunidades para prática de leitura e escrita, se encontrasse leituras sobre o assunto. Assim, tratei de pesquisar e, realmente, encontrei muitas

histórias ao nível da turma: "A borboleta vaidosa", "A mósca fantasiada", "O cortiço do zamba-zumbi" etc (Ver Bibliografia). Já no dia seguinte, levei para os alunos a primeira das histórias citadas e, depois de conversar com as crianças sobre a necessidade de se conhecerem bem a vida dos insetos, uma vez que desejávamos organizar um museu, despertei-lhes o interesse pela vida das borboletas, lendo um pequeno trecho do Volume VII, da coleção "O Mundo da Criança", página 192.

Após a leitura da história, as crianças responderam, nos cadernos, a um questionário para verificação da compreensão, e fizemos, logo em seguida, comentários sobre as borboletas que já haviam visto, a beleza do suas asas e cores.

- Vamos dramatizar a história da borboleta, como fizemos com a da "Cigarra e a formiga?" sugeriu uma criança.

Muito natural e espontaneamente, alguns alunos representaram a história que havíamos acabado de ler. Como muitas crianças se mostrassem desajustadas de fazê-lo também, lembrei-lhes que teríamos ainda inúmeras histórias para ler e dramatizar e que todos teriam sua oportunidade.

Nos dias que se seguiram, as crianças não tiveram êxito na "caça" de insetos e mostravam-se, por isso, desanimadas. Foi quando Diamantino nos trouxe um gafanhoto que apanhara perto de sua casa. Pedi-lho que explicasse aos colegas como o conseguira, pois atualmente era este o problema que nos preocupava: Como o onde conseguir insetos. Depois que Diamantino contou-nos onde caçara o gafanhoto, todos vieram vê-lo mais de perto. Onze crianças nunca haviam visto esse inseto. Sua curiosidade era enorme.

- A cabeça é tão grande ...

- As patas de trás também! ...

- Se o gafanhoto usasse meias, precisaria de 3 pares de cada vez, observou Elizabeth.

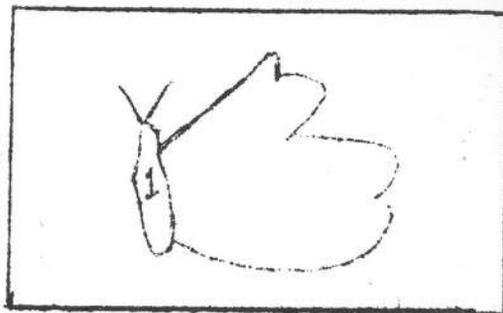
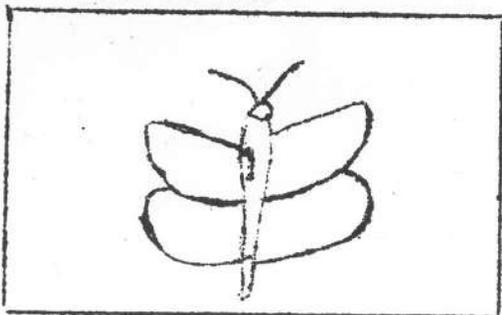
Conversamos sobre as características dos insetos, a nocividade de alguns, como os gafanhotos, que chegam a destruir grandes plantações, e os meios que temos para combatê-los.

O sucesso de Diamantino animou os outros alunos: no dia seguinte, vários trouxeram mósca, formigas, marimbondos etc, acondicionados em caixas e vidros.

Alguns insetos maiores estavam muito comprimidos nas caixinhas, o que nos fez discutir o problema: Onde guardar os insetos maiores?

- Caixas grandes devem servir, comentou um aluno.
- Os vidros devem ser maiores, lembrou outro.

Falei-lhos sobre um processo para preparar tais insetos o que consistia em cortar alguns cartões, de acordo com o seu tamanho, prendendo-os por meio de alfinetes, que lhes atravessariam o corpo, como mostra o desenho.



À medida que os insetos iam sendo trazidos, os alunos os preparavam, prendendo nos cartões e colocando-os nos vidros e nas caixinhas.

Como vamos conservar os insetos em bom estado, evitando o mofo ou a sua destruição?

As crianças nada sabiam a respeito. Expliquei-lhes que também lera, em um livro sobre o assunto, que naftalina em pó poderia ser usada para esse fim, bem como álcool.

- Podemos trazer de casa, logo lembrou alguém.

Nesse mesmo dia, à tarde, João Manuel trouxe uns saquinhos de naftalina, que as crianças moeram, colocando, logo em seguida, nos vidrinhos e caixas.

Voltava a caça aos insetos a nos preocupar: as crianças não conseguiram apanhar borboletas.

- Por que não pedimos a um aluno da turma 11, que já tenha tido experiência, que venha ensinar a caçar borboletas? sugeriu Valéria. Está tão difícil! ...

Durante o recreio, algumas crianças foram à sala 33 e de lá trouxeram Ailton que, muito gentilmente, respondeu a algumas perguntas das crianças sobre a maneira de obter borboletas.

Estando o interesse voltado principalmente para esse inseto pela dificuldade em caçá-lo, conversamos sobre as diversas fases do seu desenvolvimento, lembrando-se as crianças da observação que haviam feito, no ano passado, da evolução da lagarta até a fase adulta.

Nas ocasiões em que os alunos se expressavam oralmente, procurava levá-los a falar corretamente, observando também os erros gramaticais cometidos mais freqüentemente, para corrigi-los através de alguns exercícios específicos e da prática da linguagem oral e escrita.

Com a chegada, para nossa turma, de dois novos alunos, sugeri que lhas contássemos o que estávamos fazendo e o que já havíamos estudado, a fim de que os colegas ficassem a par de nossos trabalhos. As crianças foram recordando: — Estudamos o gafanhoto ... as borboletas ... as formigas; quando dramatizamos a história da cigarra e a formiga ... lomos muitas histórias ... estamos colecionando insetos etc.

Pedi aos alunos que relacionassem os insetos que já tínhamos, aproveitando então para fazer um ditado:

um gafanhoto	uma mariposa	algumas formigas
dois marimbondos	uma abelha	

Fiz, após a correção, uma observação sobre o nosso museu, que crescia rapidamente, necessitando, por êsse motivo, de mais material, cuja relação seria interessante que todos copiassem, para trazê-lo o mais rápido possível:

Nós precisamos de:

vidros de boca larga
caixas de sapato
bolinhas de naftalina

Pedi a um aluno que contasse quantos vidros tínhamos ao todo e, a outro, que verificasse quantos estavam ocupados com insetos, surgindo o seguinte problema: Temos 10 vidros. Estão ocupados com insetos 7 vidros. Quantos estão vazios?

Ouvimos também as "proezas" dos alunos que estavam conseguindo êxito em suas caçadas e que narravam como tinham agido. Propus que escrevêssemos algo sobre êsses alunos que tanto contribuíam para o sucesso do nosso trabalho (fixação de nome próprio e uso da letra maiúscula). Escrevi no quadro, para que todos copiassem, os nomes que os alunos iam citando:

Parabéns aos caçadores com sorte:

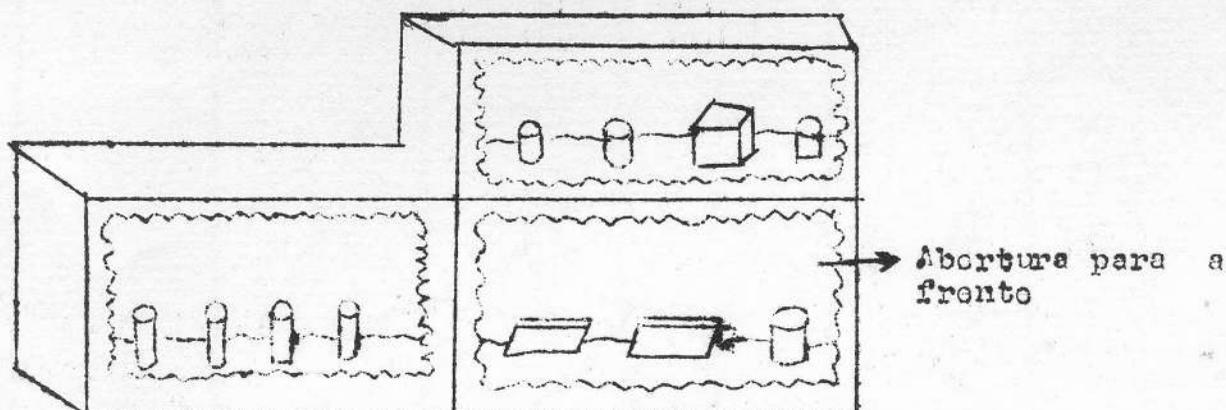
Diamantino	Carmem	Maria de Fátima
Edson	Elizabeth	José Luiz

Onde colocaríamos nossos vidrinhos e caixas? Onde seria organizado o museu?

A discussão dêsse problema foi um pouco longa e ardorosa. Uns planejavam armários de madeira; outros retrucavam que não poderíamos fazê-lo, pois seria muito difícil para nós (não tínhamos aula de Artes Industriais, ainda). Sugeri, então, que usássemos caixas de sapato, colocadas umas sôbre as outras. Todos concordaram em resolver, desta maneira, o problema.

Foi iniciado nesse dia, à tarde, o preparo das prateleiras para o museu, com as caixas trazidas pelos alunos, contando com o auxílio da professora Milce. Um grupo de crianças, entre as quais Valéria, Cosme, Maria de Fátima, Elizabeth e Sandra, recor-taram, colaram, prepararam o material de acôrdo com as sugestões por êles apresentadas, enquanto o restante da turma desenvolvia outras atividades.

Sandra, por exemplo, sugeriu que se forrassem as caixas com papel brilhante, com o que o grupo concordou. As caixas foram coladas umas sôbre as outras, com a abertura para a frente, e enfeitadas com pedaços de papel brilhante.



Mais tarde, aumentando nossa coleção, foi necessário, também, aumentar o número de prateleiras.

Pronto êsse material, passou-se a discutir qual o local mais apropriado para colocá-las.

- Nesta parede não pode, porque já está a barra, lembrou alguém apontando para o fundo da sala.

- Aqui está o armário ...

- Só se colocarmos na parede da frente, perto do qua-

dro, sugeriu uma criança. Sendo o local realmente o mais apropriado, todos concordaram e alguns meninos prenderam as prateleiras na parede, com pregos, nelas colocando, com arrumação especial, os vidrinhos, caixas e cartões, que até então haviam ficado guardados no armário.

- Há muitos insetos que nós ainda não temos, comentou Leontina.

- Por que não escrevemos para os colegas das outras turmas, pedindo auxílio? lembrou Valéria.

Aceita a sugestão, pusemo-nos a trabalhar. Um bilhete foi redigido em colaboração e as crianças, ao copiá-lo, tiveram muito cuidado em escrever corretamente, com letra bem legível e dando boa apresentação aos trabalhos, hábitos que sempre procuramos desenvolver. Os melhores trabalhos foram enviados às diversas turmas, enquanto que os outros ficaram comigo, para serem devolvidos oportunamente.

Continuávamos com a leitura diária de histórias relacionadas com insetos e, assim, as crianças iam aprendendo fatos relativos à vida das formigas, das abelhas, do bicho-da-seda e de outros insetos, a nocividade de uns, e utilidade de outros. As histórias mais interessantes eram sempre reproduzidas oralmente e, às vezes, por escrito e dramatizadas. O vocabulário dos alunos ia enriquecendo com as palavras novas surgidas nas leituras. Exercícios escritos eram feitos para fixar as palavras nas quais as crianças tinham dificuldade de grafia. Observei, por exemplo, que a maioria das crianças estava errando na grafia da palavra formiguinha. Fiz a sistematização de palavras com gu e gui, levando-os a tomar especial cuidado ao escrever estas palavras. Revimos também palavras com rr (de cigarra), nh (de aranha) e com outras dificuldades.

Dos comentários e observações feitas por mim e pelos alunos, surgiram oportunidades para algumas noções de gramática:

diminutivo - formiguinha, baratinha;
gênero - abelha, zangão;
coletivo - enxame;
vozes dos animais - zumbido da abelha.

Algumas vezes as crianças encontravam, nos livros de biblioteca da classe, poesias sobre insetos e liam-nas para os colegas. Algumas eram copiadas, outras eram reproduzidas incompletas para que os alunos colocassem a palavra que faltava (noção de rima). Assim, colecionamos algumas poesias.

Outras vözes, eram histórias, gravuras ou trechos que as crianças encontravam durante a pesquisa nos livros da biblioteca e que eram aproveitados pela turma.

Colocadas as prateleiras no local para isso escolhido e aumentando sempre o material do museu, discutimos sôbre a melhor maneira de arrumar os vidros, caixas e cartões nas três prateleiras, o que deu oportunidade para fixar edição com três parcelas. Na primeira prateleira colocamos 5 vidros, 4 na segunda e 3 na terceira. Fizemos novas arrumações, sugeridas pelos alunos, que concluíram que a ordem das parcelas não alterava o total, pois poderíamos arrumar primeiro 5 e depois 4 e 3 vidros ou 4, 3, 5 ou, ainda, 3, 4, 5 e teríamos sempre o mesmo total. As palavras parcelas, soma ou total foram fixadas e feitos alguns exercícios escritos.

Os doze vidrinhos que possuíamos não nos bastavam. Precisávamos ter, no mínimo, 18. Quantos faltavam ainda? Os alunos calculavam oralmente e escreviam a resposta no caderno. No dia seguinte, trouxeram os vidros que faltavam e comentei que iríamos colocar mais seis vidros novos nas prateleiras.

- Meia dúzia, falou Calixto.

Partindo desta observação, recordamos as noções de dúzia, meia dúzia e metade.

Nosso museu já possuía um número razoável de espécimes de insetos, inclusive enviados pelos colegas de outras turmas, atendendo a nosso pedido de colaboração, mas os alunos queriam aumentá-lo cada vez mais.

- Está difícil apanhar insetos, comentou uma criança. Não há mata por perto!

- Já temos suficiente quantidade, comentei.

- Vamos caçar mais! falavam todos.

Lembrei-me, então, da possibilidade de pedirmos auxílio aos alunos de outra escola, situada em local onde houvesse maior facilidade para apanhar insetos que ainda não possuíamos: louva-deus, grilo, lavadeira etc.

- Mas como é possível? perguntaram.

Contei-lhes que minha irmã trabalhava em uma escola muito longe da cidade e seus alunos poderiam cooperar conosco. Como nos poderíamos comunicar com êles?

Todos concordaram em escrever um bilhete, feito em colaboração, durante a qual as crianças participaram ativamente, sugerindo sinônimos para as palavras repetidas, enriquecendo o conteúdo e a forma. Escolhi os melhores para entregar a minha irmã e os ou-

tros foram guardados para, mais tarde, devolver aos alunos, juntamente com outros trabalhos.

Dois dias depois, trouxe alguns insetos que as crianças da escola de minha irmã haviam mandado, por seu intermédio, e escrevemos novas cartinhas, desta vez agradecendo a colaboração prestada.

- Precisamos aumentar o número de prateleiras, comentou Edson, aluno que sentia grande prazer em observar os insetos, em arrumá-los e caçá-los.

- Vamos separar os insetos em dois grupos: insetos bons e maus, sugeriram Antonio Bernardes e Elizabeth.

- Todos os vidros com formigas deveriam ficar juntos, observou Carmem.

Revimos quais os insetos úteis e nocivos e mostrei-lhes que, para dar melhor organização ao nosso museu, seria mais interessante preparar uma lista com os nomes de todos os insetos.

- Podemos escrever abelhas, em primeiro lugar, porque começa com a, sugeriu Valéria.

- Depois escrevemos borboleta, falou Antonio Bernardes.

- A ficha de chamada também é feita obedecendo à ordem das letras do alfabeto, disse Cosme.

Assim, organizamos a lista com os nomes dos insetos do museu, em ordem alfabética, que foi copiada pelas crianças, pois deveríamos colocar uma relação junto ao museu, o que facilitaria o trabalho dos que desejassem saber quais os insetos que possuíamos. Relacionamos 18 insetos.

Fizemos outros exercícios de fixação, sugeridos pelas crianças, preparando-os para o futuro uso do dicionário: lista dos alunos da turma, em ordem alfabética, lista das alunas etc.

Propus que escrevêssemos, também, os nomes de todas as histórias que já havíamos lido (nomes próprios, uso da letra maiúscula). Seria de grande utilidade, mais tarde, se desejássemos escolher algumas histórias para dramatizar:

- | | |
|----------------------------|--------------------------|
| 1 - A borboleta vaidosa | 2 - A formiga e a juriti |
| 3 - O caçador sem sorte | 4 - O caracol |
| 5 - A mosca fantasiada | 6 - A abelhinha ruim |
| 7 - A ovelha e a baratinha | 8 - O menino e a aranha |

Neste mesmo dia, Edson, ao arrumar os vidrinhos, fez o seguinte comentário:

-- Para saber qual o inseto que está dentro do vidro muitas vezes é preciso abrir. A senhora não podia escrever os nomes?

Sugeri que cada um fizesse uma etiquêta, o que seria mais rápido. Levei as crianças a copiarem com letras bem legíveis, sentindo a importância de escrever correta e claramente. Os alunos espontaneamente fizeram molduras para enfeitar as etiquêtas e colaram-nas, depois de prontas, nos vidros, caixas e cartões. O material ficou, pois, completamente preparado:



Verificamos, com tristeza, que havíamos perdido três lavadeiras, colocadas em caixas muito pequenas e que tiveram, por este motivo, suas asas partidas. Comentei com as crianças que precisávamos ser mais cuidadosos, evitando que o fato acontecesse novamente.

A oportunidade para falarmos de moléstias transmitidas por insetos e dos cuidados higiênicos necessários para evitá-las surgiu quando Diamantino trouxe uma revista na qual havia artigos sobre a febre amarela. Selecionei alguns, mais adequados ao nível da turma, e li-os para as crianças, que ouviram atentamente, fazendo, assim que acabei a leitura, várias perguntas.

-- Como se sabe que o mosquito é macho ou fêmea?

-- Pode-se saber qual é o mosquito que leva o microbio?

-- Como se vê o micróbio?

Conversamos sobre Osvaldo Cruz, Carlos Chagas, a importância de seus estudos e suas descobertas, o papel da Saúde Pública.

III - ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS :

- Festa de inauguração
- Excursão à Ilha do Governador
- Avaliação dos resultados obtidos

O interesse das crianças continuava grande. As caçadas iam-se tornando cada vez melhor sucedidas. Lembrei aos alunos, no entanto, que nosso museu já estava bem rico e que poderíamos

pensar na sua inauguração.

— Podemos continuar sempre a aumentar nosso museu e, mais tarde, preparar uma estante de madeira, propôs Diamantino. As caixas de sapato são muito fracas e não podemos colocar vidros grandes.

— Podemos fazer um filme sobre insetos, para nossa televisão, foi a sugestão de Valéria. (Possuíamos uma caixa de madeira, aberta no centro, por onde passávamos os "filmes de televisão", no 1º ano).

— É melhor fazer um livro, falou Carmem.

Sugeri-lhes que deixássemos estas idéias, realmente interessantes, para mais tarde, planejando primeiro a inauguração do museu para que os colegas das outras turmas, que haviam colaborado, tivessem oportunidade de conhecer melhor nosso trabalho.

— Podemos dramatizar algumas das histórias que temos ...

— Vamos olhar na lista que fizemos ...

Todos consultavam seus cadernos e foram escolhidas, por votação, as seguintes histórias: A borboleta vaidosa, A formiga e a juriti, O grilo e a borboleta.

Passamos, em seguida, à escolha das crianças que tomariam parte nas dramatizações. Quais as condições necessárias? Era preciso que falassem alto e com clareza. Seriam escolhidas, pois, por meio de concurso de leitura. Havíamos feito um treino intensivo com a leitura das histórias sobre insetos. Não seria necessária nenhuma preparação.

Os candidatos leram um pequeno trecho mimeografado de história já conhecida e os colegas julgaram a leitura, observando a altura da voz, a clareza, a pontuação adequada da criança. Foram escolhidos: Valéria, Geraldo e Cosmo, Margareth, Ermelinda, Luiz Jorge e Antonio Bernardes, Antonio e Elizabeth, Edson, Tânia e Carmem, para dramatizar as quatro histórias.

Distribuí, entre os "atores", os trechos que caberiam a cada um, para que treinassem em casa. Os ensaios passaram a ser feitos quase diariamente, durante o recreio, enquanto os outros alunos brincavam ou descansavam, havendo alguns que assistiam ao ensaio e dêle participavam, dando sugestões e fazendo críticas.

Quanto aos convites foram feitos durante à tarde: José Luiz sugeriu que tivesse o formato de um inseto, uma borboleta, por exemplo, o que todos acharam interessante.

Foram sugeridas, ainda, para nossa festinha — a redação da "história" do nosso museu, que seria lida por um aluno e a

relação das crianças que mais contribuições trouxeram, também para ser apresentada por um aluno (letra maiúscula, nomes próprios).

Faltava, agora, escolher o dia para a inauguração e planejar uma nova maneira de arrumar a sala para que pudéssemos receber convidados. Uns sugeriam a primeira quarta-feira, outros, o sábado, para realizar a festinha e resolveu-se, após pequena discussão, que seria no sábado, pois teríamos mais tempo para nos prepararmos.

Ermelinda lembrou que não havíamos colocado nada ainda na barra que havia na sala. Por que não enfeitá-la com desenhos de insetos?

A sugestão aprovada, as crianças prepararam, em cartolina, uma cena da história da cigarra e a formiga. Leontina, que possuía habilidade excepcional para desenho, muito colaborou.

A barra foi dividida em duas partes: na primeira, colocamos os desenhos e, na segunda, expusemos trabalhos feitos pelas crianças (desenhos, leituras, exercícios escritos, trabalhos de redação).

Combinou-se também limpar e encerar as carteiras, arrumar os vasinhos de plantas na janela, dar, enfim, um bonito aspecto à sala.

Desejei fazer uma avaliação do que fôra realizado: Os alunos haviam aproveitado com este trabalho? Aprenderam realmente? Conseguimos fazer aquilo que planejamos? Pedi às crianças que escrevessem alguma coisa sobre os insetos, cujo estudo lhes havia agradaído (a maioria achou mais interessantes a abelha e a formiga). Lembrei-lhes o uso da letra maiúscula e do ponto final, a apresentação do trabalho, a grafia das palavras. Notei, no entanto, que a maioria dos alunos continuava a errar na grafia da palavra formiguinha e, terminada a redação, com eles conversei, explicando-lhes que a dificuldade já deveria ter sido vencida, pois havíamos estudado, anteriormente, palavras com gue e gui. Combinamos fazer mais exercícios sobre essa dificuldade.

Todos acharam que havíamos aprendido bastante e que os objetivos haviam sido alcançados: nosso museu estava pronto, feito com o nosso próprio esforço.

Um aluno chamou-nos a atenção para as moldurinhas dos vidros: algumas estavam descolando. Pedi a Edson que retirasse o material do museu para que pudéssemos consertá-lo, surgindo, assim, oportunidades para exercícios orais: Retire, primeiramente, a metade de 8 vidros. Quantos vidros Edson retirou? Apanhe agora a metade de 10 caixinhas. Quantas caixinhas ele apanhou?

Aproximava-se o dia em que iríamos inaugurar o museu. Antes, porém, surgiu uma oportunidade de realizarmos uma excursão e o local que me pareceu mais adequado foi a Ilha do Governador: faríamos um ótimo passeio, as crianças passariam por locais novos para elas e poderiam, também, caçar insetos, aumentando ainda mais nosso museu. Não é preciso falar sobre o entusiasmo e a ansiedade dos alunos pela hora de realizar a excursão, cujo programa foi organizado em colaboração:

Nós vamos fazer uma excursão:

- 1 - Local: Ilha do Governador
- 2 - Condução: ônibus especial
- 3 - Número de pessoas: 26
- 4 - Levaremos: merenda, água, lápis e caderno, sacos para apanhar borboletas, caixas para guardar insetos.

Enquanto aguardávamos a condução (ônibus do Ministério de Educação), conversamos sobre o que havíamos estudado acerca da vida dos insetos, fazendo ligeira recapitulação.

— Podemos sortear uma criança para responder sobre algum inseto, propus.

Todos acharam boa a sugestão e o aluno sorteado preferiu responder sobre a borboleta, indicando, no final, outro colega, que respondeu, por sua vez, sobre o bicho-da-sêda. Foram chamadas oito crianças, que demonstraram ter realmente aprendido bastante durante o projeto. Os outros alunos, muito interessados, batiam palmas para os colegas.

Com a chegada do ônibus, interrompemos a atividade.

Durante todo o tempo em que permanecemos na ilha (paramos na Praia da Bica), as crianças tiveram excelente atividade. Puseram-se logo a perseguir insetos, descobriram um formigueiro entre as árvores, apanharam muitos insetos. Durante a viagem, fizeram observações a propósito de trânsito, dos guardas, das igrejas, dos edifícios públicos, bairros pelos quais passávamos etc.

No dia seguinte, externaram suas impressões sobre o passeio e, como não pudesse ouvir todos os alunos, por falta de tempo, pedi-lhes que cada um escrevesse algo sobre o de que mais havia gostado.

Recordando a hora da partida e da chegada, tivemos oportunidade para exercícios de leitura e escrita de horas e meias horas.

A senhora contou as crianças de duas em duas, quando voltamos, lembrou alguém. Em cada banco do ônibus sentavam dois alunos. Recapitulamos, assim, seqüência numérica de 2 em 2, números pares e ímpares.

A festinha realizou-se nessa manhã, às 10h 50min. Virgínia falou, desembaraçada e corretamente, sobre os estudos que fizemos, contando como resolvemos organizar o museu, o auxílio que nos foi prestado etc. Diamantino leu a lista dos "caçadores de sorte" e, outra criança, a história do nosso museu. Seguiram-se as dramatizações e, finalmente, Antonio Bernardes dirigiu-se aos colegas de outras turmas, oferecendo o material de que dispúnhamos.

IV - OPORTUNIDADES QUE SURGIRAM PARA A FORMAÇÃO DE HÁBITOS, ATITUDES E INTERESSES.

A organização do museu nos proporcionou excelentes oportunidades para despertar e desenvolver, nos alunos, o interesse pela observação da natureza e pela vida dos insetos.

Trabalhando com um objetivo comum, o de organizar um Museu de Insetos, as crianças foram desenvolvendo o hábito de cooperar umas com as outras.

As dramatizações, feitas espontaneamente na sala de aula, levaram os alunos a ter mais desembaraço e iniciativa, contribuindo, também, para fixar certos hábitos, tais como: esperar a vez de falar e saber ouvir os colegas, muito desenvolvidos durante as discussões sobre problemas da atividade.

V - OPORTUNIDADES QUE SURGIRAM PARA ESTUDO DAS MATÉRIAS ESCOLARES.

Em Linguagem:	
Desenvolvimento da linguagem oral	- através de: discussões sobre os problemas surgidos; apresentação de sugestões, comentários sobre as atividades realizadas, as experiências vividas, reprodução oral de histórias etc.
Redação	- de bilhetes: solicitando a colaboração das outras turmas da escola;

solicitando a colaboração de crianças de outra escola situada em local onde a obtenção de insetos era mais fácil;

agradecendo a colaboração prestada.

- reprodução oral e escrita de algumas das histórias lidas pelas crianças ou por mim contadas;
- redação da "História do nosso Museu", para ser lida no dia da inauguração do museu;
- formação de frases sobre os insetos de que haviam gostado mais, contendo o que haviam aprendido sobre os mesmos;
- "O de que mais gostei do passeio", redação individual sobre a excursão à Ilha do Governador;
- convite para a festa de inauguração.

Leitura silenciosa e oral

- de histórias e poesias sobre insetos;
- pesquisa em livros e revistas de assuntos relacionados ao trabalho que estava sendo desenvolvido;
- concurso de leitura oral, organizado para selecionar as crianças que tomariam parte nas dramatizações, no dia da inauguração do museu.

Ditado ou cópia

- relação do que precisaríamos fazer para organizar o museu; do material necessário;
- dos nomes das crianças que mais contribuíram para o museu;
- da relação, em ordem alfabética, de todos os insetos do museu;
- dos nomes dos insetos nas etiquetas que seriam colocadas nos vidros e caixas;
- dos títulos das histórias lidas durante a organização do museu, para facilitar a escolha das que seriam dramatizadas;
- da relação dos alunos e alunas da turma em ordem alfabética, para fixação e preparação para o futuro uso do dicionário;
- de poesias sobre insetos;
- da relação de insetos que possuíamos;
- cópia e ditado de palavras surgidas durante as leituras e trabalhos escritos, em cuja grafia

- as crianças tinham dificuldade;
- para fixação da grafia de palavras ligadas às atividades, erradas com frequência nos trabalhos escritos;
 - para fixação de palavras com:
 - lh - de abelha
 - nh - de aranha
 - gue, gui - de formiguinha
 - rr - de cigarra
- Gramática:**
- Nomes próprios e comuns. Uso da letra maiúscula
- listas com os nomes dos insetos do museu; das histórias lidas, dos "caçadores com sorte".
- Masculino e feminino. Diminutivo e aumentativo. Coletivos. Vozes dos animais
- partindo-se de comentários feitos durante a leitura de histórias sobre insetos:
 - a formiguinha, a baratinha;
 - a abelha, o zangão;
 - o enxame;
 - o zumbido da abelha.
- Qualidades
- observações sobre os insetos: úteis, nocivos, destruidores etc.
- Ordem alfabética
- listas com os nomes dos insetos do museu, em ordem alfabética.
- Pontuação:**
- Uso de dois pontos, travessão, vírgula.
- diálogos encontrados nas leituras, feitas pelas crianças, de histórias sobre insetos.
- OBSERVAÇÃO :**
- Foram aproveitadas tôdas as oportunidades para desenvolver o vocabulário das crianças.
- Em Matemática:**
- Contagem
- do material trazido para o museu: vidros, caixas, cartões, insetos etc.
- Sequência numérica de 2 em 2 (re-

visão)
Números pares e
ímpares

Dúzia e meia dú-
zia (revisão).
Fixação da no-
ção de metade

Adição com três
parcelas.
Nomenclature :
parcelas, soma
ou total

Leitura de horas

Problemas sur-
tidos de situa-
ções reais

- partindo-se da contagem das crianças, de duas em duas, ao entrarem no ônibus, na volta da excursão à Ilha do Governador.

- comentários feitos por um aluno, ao colocarmos, nas prateleiras, mais 6 vidros novos;

- oportunidades surgidas durante a arrumação de vidros nas prateleiras:

Na 1ª prateleira havia 8 vidros. Vamos colocar a metade na 3ª prateleira. Quantos vidros sobrarão?

Retire a metade de 4 vidros da segunda prateleira.

- arrumação dos vidrinhos com insetos nas três prateleiras onde ficariam guardados:

Arrumei 5 vidros na primeira prateleira, 4 na segunda e 3 na terceira. Quantos vidros arrumei ao todo?

Podemos arrumá-los de outro modo?

Quais as diversas maneiras de distribuir os vidros nas três prateleiras?

- comentários sobre o horário da excursão à Ilha do Governador: hora da partida, hora da chegada etc.

- Temos 12 vidrinhos. Para ficarmos com 18, quantos vidros faltam?

Possuíamos 6 lavadeiras. Perdemos a metade. Quantas temos agora?

João Manuel trouxe hoje um saquinho com 6 bolas de naftalina para colocarmos nas caixinhas com insetos. Já usamos 3. Quantas sobraram?

João Luiz trouxe uma dúzia. Que quantidade os dois trouxeram juntos?

Edson moeu a metade de 8 bolas de naftalina. Ele moeu bolas de naftalina.

OBSERVAÇÃO : Como as atividades desenvolvidas não oferecessem muitas oportunidades para a prática de cálculo, programamos a " Hora do Jôgo", realizada quase que diariamente, durante a qual fazíamos um jôgo, precedido sempre de preparação, para treino das combinações e operações que desejássemos fixar. O material usado era, na maioria das vezes, preparado pelas próprias crianças: cartões com os números pintados ou colados, com operações etc. Em outras ocasiões, eu o trazia pronto ou usávamos simplesmente o quadro-negro, para jogos de competição entre grupos, relacionados algumas vezes com o museu: corridas entre o marimbondo e o gafanhoto, entre abelhas e borboletas; as formigas atravessando o regato ...

Essa hora não era fixa. Eu a propunha, quando achasse conveniente ou os próprios alunos dela se lembravam, demonstrando sempre bastante interesse na sua realização .

Assim, pudemos equilibrar o estudo de tôdas as matérias escolares.

Em Ciências:

Partindo-se do material trazido pelos alunos, de leituras, observações e comentários feitos pelas crianças, estudou-se o seguinte:

Insetos; suas características.

Insetos úteis e nocivos:

- a abelha e o bicho-da-sêda; fabricação da cêra, do mel e da sêda;

- môtscas, mosquitos e outros insetos transmissores de moléstias; meios de combatê-los;

- cuidados higiênicos para evitar a transmissão de moléstias;

- a Saúde Pública - Osvaldo Cruz e Carlos Chagas.

Como e onde vivem os insetos, principalmente as abelhas e as formigas.

Fases do desenvolvimento da borboleta.

Curiosidades sôbre a vida dos insetos.

OBSERVAÇÕES: As crianças, no ano anterior, tiveram oportunidade de observar as diversas fases pelas quais passa a lagarta até transformar-se em borboleta, não sendo necessário, pois, repetir a observação

Em Estudos Sociais, a troca de material com os alunos da Zona Rural e a excursão que fizemos à Ilha do Governador deu-nos

oportunidades de estudar:

Zonas do D. Federal - Características

Acidentes geográficos, edifícios públicos, monumentos, praças, ruas, avenidas etc, observados durante a excursão.

Realizações:

Coleção de insetos

- caçados pelos alunos e colocados em vidros de remédios, em caixas ou presos em cartões; conservados com naftalina e álcool. As caixinhas eram cobertas com papel celofane branco.

Prateleiras para guardar os insetos

- feitas com caixas de sapato, forradas e enfeitadas com papel brilhante.

Barra com desenhos e exposição de trabalhos

- aproveitando as personagens das histórias lidas, as crianças fizeram desenhos, em cartolina, reproduzindo uma cena da história "A cigarra e a formiga". Metade da barra foi dedicada à exposição de trabalhos dos alunos.

Dramatizações

- de algumas das histórias lidas.

Excursão à Ilha do Governador

- um dos objetivos da excursão foi a caça de insetos para o museu.

Festa de inauguração

- descrita na página 13

OBSERVAÇÕES - Mesmo depois de inaugurado o museu, as crianças, ainda bastante interessadas, continuaram a trazer contribuições. As caixas de sapatos, um pouco frágeis, não aguentaram o peso e foram cedendo, o que nos levou a substituí-las por um armário de madeira que obtivemos.

Contamos com a colaboração da professora Milce de Araujo que dirigia a turma durante a tarde.

Que outras situações poderiam dar origem a um trabalho semelhante?

Vejamos como se originou, na turma 5, 2º ano (1957), dirigida pela professora Edir Baptista Cunha, a organização de um Museu de Insetos:

Edir trouxera para seus alunos, como simples curiosidade, um gafanhoto vivo que encontrara. As crianças, depois de o observarem atentamente, sugeriram trazer outros insetos para a sala, em vidros e caixinhas. Solon, um dos alunos da turma, propôs que se fizesse um museu. Todos ficaram entusiasmados e as contribuições não tardaram a começar. Horácio chegou a trazer, de casa, um "museu" que havia preparado em uma caixa de sapatos, nêle colocando os insetos que apanhara, presos, por meio de alfinêtes, em cartões.

O desenvolvimento dos trabalhos foi quase o mesmo do que foi relatado anteriormente, oferecendo, no entanto, diferentes oportunidades para linguagem, pois os alunos se mostraram interessados em escrever livros com histórias sobre insetos. Esse interesse surgiu quando uma das crianças da turma mostrou aos colegas a história que fizera em casa, espontaneamente, sobre uma formiguinha. As crianças redigiram, em conjunto, as histórias "O gafanhoto de prata" que foi dramatizada, e "A borboleta encantada", preparando também um livro com histórias redigidas individualmente. O primeiro livro foi oferecido em 1959 aos alunos da turma 6.

Também em Matemática novas oportunidades surgiram, com o preparo de um armário de madeira para o museu (metro como medida de comprimento).

Para melhor organização do trabalho, a turma fôra dividida em grupos dirigidos por chefes, escolhidos por votação.

As crianças aprenderam várias músicas, entre as quais "Eu sou a borboleta" (ver Cantos e Recreações Infantis, de Fabiano Lozano, pag. 23) e "Abelhinha" (ver Mundo da Criança, volume 11, página 37).

Assim, a observação do material trazido pela professora ou por um aluno (um inseto, uma gravura); a leitura de uma história ou notícia interessante; a visita a uma turma que já tivesse organizado um museu; a observação de insetos durante uma excursão; poderiam dar origem, dependendo naturalmente da reação das crianças, a um Museu de Insetos.

Bibliografia usada pelas professoras:

Mundo da criança

Volume VII - "Como vivem as formigas em sociedade",
pag. 184

Volume VII - "Bicho da sêda", pag. 196 "Vagalumes", pag. 98 "O grilo", pag. 93

Volume XI - "Canção infantil sôbre o grilo", pag. 41

Volume " " " a abelha, pag. 57

Tesouro da Juventude:

Volume XVI - "Vida das formigas", pag. 210

Fabiano Lozano:

"Cantos e Recreações infantis", pag. 23

* * * *

OBSERVAÇÃO : Este trabalho foi preparado, para publicação, pela professora Sarah Lerner, que se baseou nos relatos diários feitos pela professora da turma.

1º CENTRO EXPERIMENTAL DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA - INEP
ESCOLA GUATEMALA

" ORGANIZAÇÃO DE UMA BIBLIOTECA DE CLASSE "

ANO ESCOLAR : 2º

ÉPOCA E DURAÇÃO: de 2/8/56 a 6/10/56

PROFESSORA: Ogarita Ximenes

det. 3
8.3

I - ORIGEM:

Ornamentávamos nossa sala para os festejos juninos, desenvolvendo um pequeno trabalho sobre São João, quando as crianças de minha turma começaram a notar intensa atividade na sala vizinha. Ouviam ruídos de serroto e martelo, viam crianças que iam e vinham pelos corredores com livros, e se interessaram por aquele movimento. Indagaram dos colegas sobre o que estavam fazendo o, ao tomar conhecimento, mostraram-se entusiasmadas: "Na sala ao lado, a turma 5 está organizando uma biblioteca!" Sérgio Rocha perguntou-me se também eles, da turma 6, poderiam fazer o mesmo. Consultei a turma sobre se seria do interesse de todos uma biblioteca de classe. A resposta foi unânime: todos desejavam organizá-la, tal como a turma 5.

Poucos dias faltavam, entretanto, para julho, quando se realizariam as provas e se iniciariam as férias. Expliquei às crianças que o tempo de que dispúnhamos não era suficiente para semelhante trabalho e que seria, talvez, melhor adiá-lo para o segundo semestre, a começar em agosto. De acordo com a minha proposta, continuamos as nossas atividades sobre São João e, no período de julho anterior às férias, dedicamo-nos a fazer um balanço no que havíamos tido oportunidade de estudar durante o 1º semestre do ano, procurando verificar o que não estava bem fixado para desenvolver atividades que levassom a maior segurança nesses pontos.

II - DESENVOLVIMENTO:

Ao terminarem as férias, as crianças, após a primeira conversa sobre o que haviam feito neste período de descanso, mostraram-se logo ansiosas por começarem os trabalhos de instalação da nossa biblioteca de classe.

— Por onde íamos começar? perguntei-lhes.

Com esta pergunta, desejava levar os alunos a planejarem as atividades a que se dedicariam. Sérgio, Wagner, Carlos e Cacilda, que haviam demonstrado grande interesse, opinaram, quase ao mesmo tempo, sobre a necessidade de se construir uma estante, pois não dispúnhamos, na sala, de lugar apropriado para os livros, estando já sobre a minha mesa um bom número de volumes trazidos pelas crianças no 1º semestre. Aprovei a sugestão como primeira atividade a ser desenvolvida pelos alunos e pedi-lhes que desenhassem alguns modelos de estantes, se possível, originais. A maioria da turma fez seus desenhos de imaginação. O aluno Pedro Luiz, em vez de desenhar, recortou diversos modelos de estantes de uma revista e apresentou-os como sugestões. Organizamos uma exposição de modelos de estantes a fim de escolhermos a que melhor satisfizesse as condições desejadas pela turma, isto é, fosse prática, de linhas moder-

nas e de fácil construção. O professor especializado em Artes Industriais foi chamado a opinar e, depois de elogiar o trabalho criador da turma, sugeriu que aproveitássemos a desenhada pelo aluno Carlos, que satisfazia àquelas condições e era mais adequada à nossa sala.

— "Em que parede vamos colocar a estante"? perguntou-me Cecilda.

— "De que tamanho ele será"? indagou David.

Interessados em procurar na sala um lugar livre em que a estante pudesse ser colocada, as crianças iniciaram a segunda atividade: a medição do local onde ela seria fixada. Escolheram um dos vãos na parede do fundo da sala e passaram a determinar as dimensões que poderia ter a estante — altura, comprimento e profundidade. Em seguida calcularam as medidas das tábuas das prateleiras, a fim de serrá-las no tamanho exato. Neste momento, surgiu a necessidade de dividir a turma em grupos, pois todos os alunos não poderiam realizar os diversos trabalhos ao mesmo tempo. De acordo com as preferências e em rodízio, fixamos quem se encarregaria de medir, serrar, lixar, pintar etc. Estabelecidas as medidas e escolhido o local, passamos à confecção da estante. As crianças tiveram ocasião de estudar, com o professor de Artes Industriais, os diversos tipos de madeiras encontradas no Distrito Federal e as mais usuais para este gênero de móvel, pois o aluno Carlos havia sugerido que utilizássemos peroba para o trabalho. O professor explicou que peroba era muito pesada e cara. Prometeu trazer alguns pedaços de madeiras para que os alunos as conhecessem e sugeriu que empregássemos o pinho, que é mais apropriado pela sua leveza e por seu preço razoável.

Como o interesse da turma pelo estudo das madeiras era grande, ocorreu-nos organizar uma excursão à Floresta da Tijuca. A idéia de um passeio desportivo, sempre, grande entusiasmo nas crianças. Estudei com elas o roteiro de nossa excursão, com auxílio do mapa da cidade, trazido por Luiz Carlos. Lembrei-lhes alguns pontos que deveriam observar: tipos de árvores, tipos de vegetação, variação do clima etc.

Após a excursão, os alunos redigiram um pequeno relatório sobre a mesma, respondendo a algumas perguntas tais como: A que horas saímos da Escola? A que horas retornamos? Quais os bairros que atravessamos? Em que zona da cidade está a Tijuca? Qual o primeiro ponto visitado na Floresta da Tijuca? De que você gostou mais neste passeio? Que você aprendeu de interessante?

Prossiguimos no nosso trabalho e foi grande o entusiasmo das crianças quando a diretora anunciou que a madeira encomendada havia chegado.

Para o trabalho de confecção da estante, realizado na própria sala de aula, a turma foi dividida em grupos, e, princípio de acordo com as preferências e tendências, havendo também auxílio por parte dos grupos que terminavam suas tarefas mais rapidamente.

O horário dessas atividades dependia do desenrolar dos trabalhos, entrosando-se sempre com as atividades de classe. Quando, por exemplo, verificou-se que uma das portas da estante não encaixava bem no local, os responsáveis por esta tarefa foram levados a medir novamente o local e a madeira, a fim de descobrir a causa. Feito o cálculo, no caderno, verificou-se haver uma diferença de quase 3 cm, o que fez com que se acertasse a madeira, resolvendo-se, assim, a situação.

O trabalho era planejado de modo que todos os alunos ficassem ocupados, alguns lixando, uns serrando ou pintando, enquanto outros preparavam marcadores, protetores, procuravam material etc.

A estante foi pintada de azul e preto, cores sugeridas pelo mesmo aluno que apresentara o modelo vencedor e por todos aprovadas, por combinarem com a cor da nossa sala. David e Guilherme foram encarregados de obter o orçamento para a compra de tintas e pincéis, nas lojas de ferragens.

Escolhi para dirigir o grupo de pintura uma criança que vinha demonstrando grande instabilidade nas atividades de classe. A escolha deu bons resultados, pois imbuíu-se da responsabilidade e, firmando-se, realizou um bom trabalho.

A estante preparada para receber os livros, surgiu uma série de novas indagações que iriam enriquecer as atividades relacionadas à biblioteca. Os alunos desejavam saber: Que livros deveriam colocar na biblioteca? Como anotaríamos os exemplares doados e os empréstimos feitos? De que maneira poderíamos conseguir mais livros para a biblioteca? Como seriam as fichas? Onde as guardaríamos?

Wagner sugeriu que, como os livros estavam caros, poderiam trocar alguns, que eram duplicatas, com os colegas de outras turmas. Nadego observou que seria interessante que os próprios alunos escrevessem alguns livros. A última sugestão foi acolhida com grande interesse. Perguntei-lhes, então, como iriam fazer os livros. Vanilda respondeu: — "Podemos inventar histórias para gravuras". Combinamos que o aluno que tivesse uma bonita gravura poderia trazê-la para o primeiro livrinho feito por eles. Aquela aluna, no dia seguinte, apresentou-nos uma gravura interessante: um menino pescava distraído e ao seu lado um gato ia comendo as iscas do seu anzol. Coloquei a gravura de modo que toda a turma pudesse vê-la e iniciamos a história. Cada criança ia sugerindo uma frase e ou ia anotando no quadro. Diver-

sas discussões surgiram durante a história a respeito da maneira de se comportar desta ou daquela personagem. Entretanto, as crianças seguiam bem as idéias lançadas pelos colegas, dando andamento ao enredo até o final. David sugeriu o título: "O menino pescador" e a turma aprovou. Foi, depois, preparado o livro por David, Vanilda e Sérgio. A gravura, sobre a qual versava a história, foi colocada na capa.

Outro livro foi feito pelos alunos: o de "História do Brasil". Neste, o trabalho foi dividido em capítulos e os grupos, em geral, de quatro crianças, encarregaram-se de pesquisar o assunto de cada capítulo e de resumir-lo para o livro. Obtivemos sete capítulos sobre História do Brasil, cujos títulos foram escolhidos pelas crianças. ("A Descoberta", "Os Índios", "A fundação da cidade do Rio de Janeiro" etc).

Com o objetivo de que conhecessem de perto uma biblioteca, levei minha turma a visitar a biblioteca de professores da Escola e a observar sua organização. Do conhecimento que tiveram dessa biblioteca especializada, os alunos passaram a discutir o tipo de biblioteca que estavam organizando. Já sabiam como funcionava um fichário, como faziam os empréstimos etc.

— Nossa biblioteca terá livros de histórias, afirmou Sérgio.

— E de estudos também, acrescentou David.

Algumas crianças contaram a visita que haviam feito à Feira do Livro e o que haviam visto de interessante.

Seria então, concluí com eles, uma biblioteca mista, onde encontraríamos livros recreativos, de pesquisas e estudo.

Separámos o material que já tínhamos em: Livros Recreativos, de Pesquisa, Coleções, Revistas etc, em seus respectivos lugares nas prateleiras. Luiz Carlos sugeriu que colocássemos cartões indicando o local em que ficaria cada grupo de publicação. Uma professora, que estagiava na turma, ensinou às crianças a fazer, de arame colorido e prendedor de roupa, um cachorrinho bastante original que serviria não só para enfeitar a estante, como para sustentar os cartões com os títulos de cada gênero de livros.

Concluída a parte de construção da estante, outras atividades foram desenvolvidas, a fim de possibilitar o funcionamento da biblioteca. Nova divisão em grupos se fez, para maior eficiência e rapidez do trabalho. Cacilda, que sempre se destacou pelo cuidado com o material escolar, lembrou que precisávamos proteger os livros. Ficou encarregada, então, de orientar um grupo de colegas na confecção de protetores para os livros. Paulo César dirigiu outro grupo que se

ocupou dos marcadores para os mesmos, nos quais as crianças escreveram frases e quadrinhas sobre os livros. Wagner, Marta, Lúcia e Maria Paula preencheram as fichas dos livros para o fichário, por autor e por assunto. Sérgio e Nedegé providenciaram tomar os pedidos de empréstimos de livros, para leitura em casa, feitos por escrito em pequenas fichas.

Biblioteca Diva Costa			
Livro		Autor	
Nº	Leitor	Data de retirada	Data de entrega

As crianças acharam que todos deviam amar o livro e utilizá-lo com frequência. Decidimos então por cartazes de propaganda do livro.

Três alunos - Sérgio, Júlio e Edson trataram dos cartazes, uns para serem afixados na sala, outros para serem levados pela escola em propaganda-volante, conforme sugestão da turma.

Guilherme encarregou-se de preparar os fichários onde colocariam as fichas dos livros, por autor e assunto. Esses fichários foram feitos em pequenas caixas de madeira trazidas por um deles, lixadas e pintadas de novo.

Os alunos desejaram escrever um artigo para o "Quetzal", jornal da Escola, contendo como se organizou nossa Biblioteca.

Tôdas as atividades estavam divididas e a turma trabalhava com entusiasmo para a inauguração da biblioteca. Havia um interesse geral na Escola pela biblioteca que se formava; a biblioteca da Escola, atendendo a pedidos escritos das crianças, enviou-nos diversos exemplares de livros de histórias. D. Diva Costa, orientadora do 2º ano, também nos cedeu diversos volumes. Professôras, bolsistas e crianças de outras turmas colaboravam, enviando-nos material. À medida que ia aumentando o número de livros na estante, o entusiasmo das crianças ia crescendo. Mostravam interesse não só pela leitura em si, como também pela conservação dos livros.

Observei que, entre todos os livros doados à nossa biblioteca, duas coleções ocuparam inteiramente a preferência dos alunos: a do "Tesouro da Juventude" e a do "Mundo da Criança", ambas doadas pelo INEP. Nos livros dessas coleções as crianças lem diariamente pos

quisar assuntos de ciências, geografia, procurar poesias ou, simplesmente, folhear duas páginas para olhar as gravuras sobre astros, invenções modernas, máquinas etc.

Com a proximidade das Festas Pátrias, conversei com as crianças sobre o "Sete de setembro", surgindo a oportunidade de falarmos da "parada" e de alguns vultos históricos do Exército. Usando da expressão "patrono" do nosso Exército, referindo-me ao Duque de Caxias, lembrou-se o aluno Carlos de que também a nossa biblioteca deveria ter um patrono. Surgiram diversos nomes. Monteiro Lobato, Daniel Defoe e Vicente Guimarães, o Vovô Felício, que nos havia visitado e contado histórias às crianças da Escola, no auditório. Resolvemos fazer uma votação e foi ele o vencedor. Mas, como não tínhamos possibilidade de conseguir que viesse à nossa inauguração, resolveram as crianças escolher outro patrono. Numa atitude bastante espontânea e sincera, escolheram o nome de "Diva Costa" por estar, como orientadora do 2º ano, constantemente em nossa sala e acompanhando o desenrolar dos trabalhos.

Depois desta resolução passamos à escolha dos alunos que deveriam ocupar os cargos de bibliotecário e de auxiliares de biblioteca. Também realizado à base de eleições, esta escolha foi feita da seguinte maneira: Fizemos, inicialmente, o arrolamento das qualidades necessárias para o bom desempenho do cargo. Cada criança lembrava dos predicados que julgavam importantes e os ia sugerindo para que um aluno escrevesse no quadro-negro: "Ser responsável", "Ser cuidadoso", "Ser honesto" etc. Quando terminarem dirigi-me aos meus alunos, dizendo:

— "E agora, quem se achar capaz de tomar a direção da biblioteca, candidate-se"!

O segundo aspecto destas eleições foi muito interessante. Cada candidato, no ato da inscrição, apresentou o seu programa, isto é, o que pretendia realizar na biblioteca, caso fosse eleito. Após a apresentação oral, diante da turma, dos respectivos programas, os candidatos seriam votados e eleitos o bibliotecário e os auxiliares da biblioteca. Apresentaram seus programas os alunos: Sérgio Rocha, David de Almeida, Lúcia da Conceição, Maria Lúcia Capella, Joaquim Ferreira, Alívia Maria, Madogo Sales e Paulo César, revelando, em suas plataformas, uma noção clara das funções que lhes caberiam, se eleitos.

Assim disse Paulo César, eleito bibliotecário:

- Se os meus colegas me escolherem prometo:
- Cuidar bem dos livros.
- Tratar todos os colegas com delicadeza.

- Escrever as fichas com letra bem feita.
- Conhecer bem o assunto dos livros para poder dar explicações.
- Empréstimo, com boa vontade, os livros para os colegas de outras turmas.
- Trazer a estante bem arrumada.

A eleição foi secreta e as cédulas seguiram o modelo das usadas na eleição para o Centro Cívico. (cédula única)

PARA BIBLIOTECÁRIO	
<input type="checkbox"/>	Lúcia
<input type="checkbox"/>	Alília
<input type="checkbox"/>	Nadogo
<input type="checkbox"/>	Paulo
<input type="checkbox"/>	Sérgio
<input type="checkbox"/>	David

Foram eleitos auxiliares: Nadogo, Lúcia e Joaquim. A escolha da turma foi muito boa, tendo esses alunos demonstrado grande senso de responsabilidade até o fim do ano. Apesar da grande quantidade de livros, não houve extravio e apenas dois livros tiveram que ser ligeiramente reparados antes do encerramento do movimento anual.

Nossos trabalhos atingiam a fase final e a biblioteca já se encontra pronta para funcionar regularmente, inclusive com serviço de empréstimo.

III - INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA

Havíamos escolhido o dia 2 de outubro para a inauguração da biblioteca. Faltava-nos, apenas, organizar o programa de inauguração que as crianças desejavam fazer, para que as outras turmas acompanhassem nosso trabalho.

Pedi sugestões e David achou que a turma deveria organizar uma dramatização em que os alunos contassem como haviam feito a biblioteca. Outra aluna, Cecilda, sugeriu um número de canto "Viva o livro" e algumas quadrinhas sobre o livro que ela havia lido no "Mundo da criança". Foi também lembrado um discurso que os alunos quiseram fazer, em colaboração, sobre nossa biblioteca.

Um grupo pediu que apresentássemos a história dos "Três Porquinhos" no flanelógrafo.

Aprovei, juntamente com a turma, as sugestões dadas e passamos, então, ao preparo dos convites e programas. Os convites foram feitos em cartolina e os programas em papel comum, apresentando, como

motivo de ornamentação, o desenho dos "Três Porquinhos", trabalho espontâneo das crianças.

A estante, onde funcionava a biblioteca, foi coberta por um painel de papel pardo e, no centro deste foi escrita, em letra bem legível, uma poesia sobre o livro, retirada pelo aluno Sérgio Luiz, do "Mundo da criança" (vol. 2, pag. 11).

" LIVROS "

Adelaide Lovo

"Os livros, penso que são como portas encantadas, que levam a lindas terras, onde moram anões e fadas.	Lugares longe e tão belos Aonde eu não podia ir. Mas, agora, com esta porta, É só ter cuidado e... abrir."
---	---

No ato da inauguração, retirado o painel, após a leitura do poema por uma aluna, as crianças todas cantaram "Vive o livro", com grande alegria. Afinal haviam conseguido realizar um desejo: o da biblioteca de sua classe. Foram, ainda, distribuídos entre os presentes, marcadores de livros feitos pelos alunos, com frases e quadrinhas sobre o livro, como lembrança da turma.

Eis algumas frases encontradas pelas crianças ou por elas redigidas:

O livro nos diverte, instruindo. (Sesinho)

O bom livro é um tesouro. (Sesinho)

Uma casa sem livros é como um corpo sem alma. (Dito popular)

O livro nos transporta aos mais distantes países. (Luís Carlos)

los)

Aproveite suas horas de folga lendo um bom livro. (Sérgio

Dias)

O livro é um amigo constante e silencioso. (Luís Carlos)

Pelo teu livro direi se és cuidadoso. (Paulo César)

As quadrinhas de autoria de David e Guilherme, foram escritas nos marcadores que foram distribuídos e dos quais não restou nenhum.

Após a inauguração, que transcorreu num ambiente cordial, tendo os alunos assumido, inteiramente independentes, a responsabilidade do programa, iniciamos uma etapa nova, a mais importante de todo o trabalho: a de desenvolver nas crianças o gosto pela leitura.

IV - FUNIONAMENTO DA BIBLIOTECA :

Inaugurada a biblioteca "Diva Costa", iniciou-se o movimento semanal de retirada e entrega dos livros, realizado às sextas-feiras, durante a tarde (50 min aproximadamente). O bibliotecário e seus auxiliares sentavam-se próximo à estante, recebendo os livros e preenchendo as fichas de empréstimo. Os alunos entregavam também os protetores e marcadores usados.

Cada criança possuía uma cadernota na qual fazia a apreciação dos livros lidos, através de respostas e perguntas (no máximo duas, variando, no entanto, cada semana). Exemplos de perguntas feitas:

- Qual o trecho de que você mais gostou?
- Qual a personagem mais interessante do livro?
- Como eram as gravuras?
- Que personagem você gostaria de ser?
- Gostou do final? Se você escrevesse o livro, como terminaria a história?

Finda a entrega dos livros e o preenchimento das cadernotas, havia muitas vezes a "propaganda do livro": o aluno que o desejasse contava aos colegas como começava a história do seu livro, como eram as gravuras, o que havia apreciado mais etc.

Algumas crianças eram solicitadas a fazer um resumo sobre o livro que haviam lido ou a ler para a turma o trecho mais interessante, mais engraçado ou que lho agradara mais.

Para a escolha de novos livros, os encarregados chamavam as crianças, alternando a ordem (ora do princípio, ora do fim da ficha de chamada) para que todas tivessem oportunidade de retirar os livros que desejassem.

V - OPORTUNIDADES QUE SURGIRAM PARA A FORMAÇÃO DE HÁBITOS E ATITUDES :

A organização da biblioteca de classe deu-nos excelentes oportunidades para desenvolver, nos alunos, o gosto pela leitura e o amor aos livros, levando-os a valorizar o livro como fonte de aquisição de conhecimentos e de recreação.

O preparo de livros para a biblioteca fôz com que as crianças sentissem gosto pela redação, procurando escrever bem.

Obedecendo às normas de funcionamento da biblioteca (devolver os livros em perfeito estado, dentro do prazo marcado, por exemplo) iam-se desenvolvendo, nas crianças: responsabilidade ao assumir um compromisso; responsabilidade para com o grupo; cuidado com o material individual e comum a todos.

O trabalho em grupo, as discussões dos problemas relativos à organização da biblioteca, as votações realizadas, permitiram-nos fixar os hábitos de: esperar a vez de falar, saber ouvir os companheiros; aceitar a opinião de maioria; saber criticar; cooperar com os colegas; ter iniciativa; ter persistência nos objetivos.

VI - OPORTUNIDADES DE ESTUDO QUE SURGIRAM:

Em LINGUAGEM:

Desenvolvimento da linguagem oral

- através de discussões, debates sobre os problemas surgidos, apresentação de sugestões;
- relatos orais de visitas feitas à biblioteca dos professores e à Feira do Livro;
- comentários sobre os livros lidos.

Redação

- de bilhetes: - convidando a diretora a visitar a turma e tomar conhecimento do nosso trabalho;
 - pedindo colaboração ao professor de Artes Industriais;
 - pedindo colaboração para obter material à direção da escola (madeira, tinta etc);
 - pedindo condução para uma excurso à Floresta de Tijuca;
 - à bibliotecária da escola, pedindo livros para a turma.
- de frases sobre o livro (as melhores seriam colocadas em cartazes);
- de pequenas histórias, à vista de gravuras, para o preparo de livros para a biblioteca, em colaboração ou individualmente;
- de um discurso feito em colaboração, para ser lido na festa de inauguração da biblioteca;
- do "programa" que cada candidato se proporia a realizar, caso fôsse eleito bibliotecário;

Leitura silenciosa e oral

- de quadrinhas sôbre o livro, para serem colocadas em cartazes e lidas na festa de inauguração;
- de uma dramatização para a festinha (trabalho em colaboração);
- de convite e do programa para a festa de inauguração;
- de apreciação sôbre os livros lidos e ainda de respostas a questionários (sôbre a excursão feita etc).

- pesquisa de trechos, pensamentos e poesias sôbre o livro, para serem lidos em classe, com indicação da fonte e do autor;
- pesquisas em livros, revistas e jornais, sôbre assuntos relacionados com a biblioteca, para apresentar à turma, com indicação da fonte e autor;
- organização de um concurso de leitura oral com o objetivo de escolher o orador para as cerimônias relacionadas com a biblioteca;
- leitura das histórias organizadas pelas crianças para os livrinhos da biblioteca;
- de poesias sôbre o livro, para a festa de inauguração;
- da dramatização organizada pela turma para a festa de inauguração;
- da história: "Os Três Porquinhos", em verso, para a festa de inauguração;
- dos livros da biblioteca (V. pag. 9).

Ditado ou cópia

- seleção e cópia de trechos sôbre o livro, para serem lidos em classe, com indicação do obra e autor;
- de frases e quadrinhas sôbre o livro, para colocar em cartazes, nos marcadores de livros e para a festa de inauguração;
- de trechos sôbre o desenvolvimento dos trabalhos, para que ficassem registrados no caderno de classe dos alunos;

Gramática:
Plural de palavras terminadas em il

Plural de palavras terminadas em ol

Uso da letra maiúscula (revisão)

Sinônimos

Antônimos

Ações

Acento grave

Ordem alfabética

- preparo de fichas para o fichário da biblioteca (cópia do nome do livro, do autor etc);
 - relação dos livros da biblioteca, dos livros lidos pelos alunos;
 - da letra da música que seria cantada na festa de inauguração, para que todos pudessem decorá-la.
-
- surgiu ao se comentar a existência de várias bibliotecas infantis.
 - comentários sobre móveis feitos de madeira.
 - completamento das fichas dos livros (nome do livro, autor);
 - escolha dos títulos para os livros feitos pelos alunos.
 - partindo de palavras com o mesmo significado, encontradas em trechos dos livros da biblioteca de classe.
 - do comentário de redações, para evitar repetição e melhorar o trabalho.
 - comparação entre os livros: grandes - pequenos; maiores - menores; grossos - finos; palavras com significado contrário encontradas durante as leituras dos livros da biblioteca.
 - partindo das atividades realizadas:
Exemplo: Nós podimos livros para nossa biblioteca.
Wagner, David e Joaquim serraram as tábuas.
Carlos desenhou o modelo da estante.
 - surgiu durante a confecção das fichas dos livros, ao se notar o título: "Chapéuzinho Vermelho".
 - organização do fichário da biblioteca, arrumação das fichas e dos livros em ordem alfabética.

Qualidades

- qualidades necessárias aos alunos que procurariam os diversos cargos da biblioteca.

Pontuação: uso de dois pontos, trevosão

- dramatização organizada para a festa de inauguração (diálogos entre as personagens).

OBSERVAÇÕES :

Foi feita a fixação da escrita de palavras surgidas nas leituras e trabalhos escritos, em que se notavam erros ortográficos.

Aproveitaram-se todas as oportunidades para o desenvolvimento do vocabulário.

Em MATEMÁTICA:

Contagem

- dos livros, das fichas, das etiquetas etc.

Algarismos romanos

- capítulos dos livros, numerados com algarismos romanos.

Idéia objetiva da divisão. Sinal da divisão. Divisão com divisor ou cociente 2. Revisão e ampliação da noção de metade.

- arrumação dos pincéis usados na pintura de estante:

Tomos 12 pincéis e vamos dividi-los igualmente por duas latas com aguarrás, para conservá-los sempre limpos e prontos para uso. Quantos pincéis colocaremos em cada lata?

- divisão das revistas pelas prateleiras.

Frações: metade de inteiro; objetiva - ção. Emprêgo das frações $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{4}$ e $\frac{1}{8}$

- divisão da cartolina em meios, quartos e oitavos, para a confecção de cartazes, convites, programas e marcadores.

Combinações fundamentais de multiplicação, com fator 5. Sequência numérica de 5 em 5. Combinações correspondentes da divisão com divisor ou cociente 5.

- partindo-se da divisão da turma em grupos de 5 alunos, para a realização dos trabalhos.

- Exemplo: Para a organização da biblioteca, a turma foi dividida em 6 grupos de 5 alunos. Quantos alunos existem nos 6 grupos?

6 grupos de 5 alunos são alunos.

E em 3 grupos?

E em 4 grupos?

A comissão encarregada de fazer os marcadores tem 5 alunos. Cada aluno fôz 6 marcadores. Quantos marcadores foram feitos?

Sistema legal de unidades de medida: o metro como medida de comprimento; noção de que o metro tem 100 cm.

Centímetro.

Comprimento, largura, altura e profundidade.

Uso do metro, meio metro e um quarto de metro.

Sistema monetário: leitura e escrita de quantias com cruzeiros, cruzeiros e contavos, contavos.

Medidas de tempo. Leitura de horas.

Linhas retas. Paralelas e perpendiculares. Horizontais e verticais. Ângulos.

Figuras geométricas; quadrado e retângulo.

- medida do local onde ficaria a estante, para calcular a largura e a altura da mesma;
- medida das tábuas de madeira, para cortá-las no devido tamanho;
- colocação das prateleiras a 25cm (um quarto de metro) uma da outra;
- medida dos marcadores de livros.

- compra de cartolina para o preparo de cartões;
- compra de fichas, para o fichário da biblioteca e de etiquetas, para colar nos livros;
- compra de material para pintar a estante.

- escolha da hora para a festa de inauguração.

- posição das prateleiras das estantes; ângulos formados.

- no preparo dos livros, discutiu-se qual o formato das folhas dos mesmos; observou-se o formato dos livros, das fichas, prateleiras etc.

Problemas surgidos de situações reais ou aproveitando dados reais

- Exemplos de problemas:

1) Tínhamos 48 folhas de lixa e gastamos 39. Quantas folhas sobraram?

2) Das 23 folhas de cartolina que compramos, já usamos 16. Quantas restaram?

3) Quantas folhas e páginas tem o livro "Robinson Crusóé"?

4) Uma folha tem 2 páginas. Duas folhas terão páginas.

5) Joaquim preparou 29 fichas de livros e Sérgio preparou 18. Quantas fichas Joaquim preparou mais que Sérgio?

6) Pedrinho está lendo um livro que tem 28 páginas. Já leu a metade. Quantas páginas Pedrinho já leu?

7) Paulo fez 42 marcadores. Luiz fez o dobro. Quantos marcadores fez Luiz?

Em ESTUDOS SOCIAIS

E CIÊNCIAS NATURAIS

Imprensa. Como surgiu. Quem a inventou. O papel.

- surgiu de um trecho sobre o livro, pesquisado e lido, em classe, por uma aluna.

Zonas de cidade. Zona rural. Confronto entre as zonas de cidade.

- zonas do Distrito Federal onde encontramos matas e plantações.

Santos Dumont

- partindo-se de um livro da biblioteca de classe, sobre a vida do "Pai da Aviação".

Madeiras. Tipos de madeiras. Parte do vegetal da qual é retirada. Utilização da madeira. Regiões onde encontramos florestas. Flores da Tijuca.

- escolha da madeira para a confecção da estante da biblioteca.

Insetos que destroem madeira. Insetos úteis e nocivos.

- a propósito dos cuidados a serem tomados com a madeira da estante para evitar certos insetos.

VII - REALIZAÇÕES :

Exposição de desenhos de modelos de estantes

- concurso para escolha do modelo da estante da biblioteca.

Confecção de cartazes sô bre o livro

- em cartolina, ilustrados, para serem co locados na sala de aula.

Preparo de fichários pa- ra a biblioteca

- caixas de madeira, pintadas e decoradas, onde ficavam guardadas as fichas.

Preparo de fichas

- preenchimento, com o nome da bibliote- ca, do livro e do autor.

Confecção de protetores para os livros

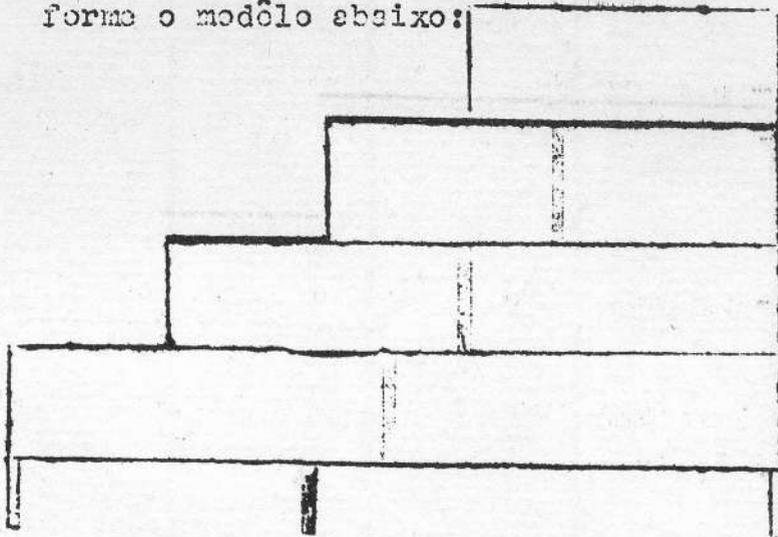
- em cartolina, enfeitados com decalques, figuras ou desenhos e de vários forma- tos e tamanhos.

Preparo de marcadores para os livros

- de cartolina, enfeitados com decalques, figuras e desenhos.

Preparo da estante

- em madeira, pintada de azul e prêto, con- forme o modelo abaixo:



Confecção de livros

- em cartolina, ilustrados com desenhos, recortes etc. As crianças fizeram um "Livro de Contos", com histórias orga- nizadas em colaboração ou individual- mente e uma "Pequena História do Bra- sil" (coleção de trechos pesquisados em livros, revistas e jornais relativos aos fatos históricos mais importantes).

Confecção de enfeites para a biblioteca

- cachorrinhos feitos de fio plástico, nos quais ficavam presos cartões indicando a espécie de publicações (recreativas, de pesquisa, revistas etc).

Eleição do bibliotecário e auxiliares

- cada candidato fôz sua própria campanha, expondo aos colegas o que pretendia fazer, caso ocupasse o cargo.

Concurso de cartazes para escolha do patrono da biblioteca

- os alunos apresentaram sugestões e prepararam cartazes, sendo feita votação. Foi escolhida como patrona a orientadora do 2º ano.

Convites, programas e lembranças para a festa de inauguração

- foi usado, como motivo para os programas, o desenho de um porquinho, pois a história dos "Três Porquinhos" seria dramatizada no dia da festa. Foram feitos de cartolina, material também usado para o preparo das lembranças para os convidados (marcadores de livros com um pensamento sobre os mesmos). Os modelos foram escolhidos por votação.

Modelo do cachorrinho de fio plástico



Festa de inauguração

- Ver descrição na página 7.

Excursão à Floresta da Tijuca

- realizada para que as crianças observassem as diferentes espécies de árvores. Houve a preparação, com os alunos, do roteiro da excursão e foi feito um trabalho escrito, após a sua realização, através de perguntas por mim apresentadas.

A organização de uma biblioteca de classe é uma atividade riquíssima para o 2º ano, pois oferece grandes oportunidades para o desenvolvimento da leitura e da escrita. É ainda interessante porque se estende pelos anos seguintes, uma vez que, organizada a biblioteca, deverá ela funcionar regularmente, como local de trabalho e de recreação.

Outras situações poderiam dar origem à sua criação, como por exemplo, a necessidade de preparar um local adequado para colocar os livros que a turma receber da escola ou que os próprios alunos trouxerem de casa, e de organizar uma biblioteca para que os mesmos possam ser usados com mais ordem e de maneira mais útil.

Variando de acordo com a situação e os interesses de cada turma, o trabalho poderia apresentar novos aspectos, não se perdendo de vista, no entanto, seus objetivos educacionais e de aprendizagem de matérias escolares.

A turma 6 (Prof. Itala Belle Coslovsky), por exemplo, neste mesmo ano, conforme foi citado no início do relato, organizou sua biblioteca de classe, cujo desenvolvimento foi semelhante ao da "Biblioteca Diva Costa". A turma havia visitado a biblioteca do IPASE, que tinha por patrono Castro Alves, e também desejou que a biblioteca tivesse seu patrono.

Ao discutir-se o problema, outro nome surgiu entre os alunos - Monteiro Lobato. Algumas crianças, entre as quais Mauro, Francisco e João Eduardo, haviam lido obras do escritor e transmitiram aos colegas o entusiasmo que sentiram com a Emília, o Pedrinho, o Marquês de Rabicó e outras personagens, contando-lhes alguma coisa sobre os livros lidos. Uma vez despertado o interesse, a professora levou as crianças a pesquisarem e estudarem algo sobre a vida de Monteiro Lobato e a lerem algumas de suas obras que estivessem à altura do nível da turma (Fábulas, por exemplo).

Foi feito intenso trabalho de pesquisa e o material trazido (gravuras, trechos de jornais, revistas e livros, desenhos, redações), depois de discutido e comentado, foi colocado em uma barra, preparada para este fim.

Houve unanimidade na escolha de Monteiro Lobato como patrono da biblioteca porque, como disse Mauro, "foi um grande escritor de livros para crianças". Pediram os alunos, à escola, uma coleção de livros do autor de "Reinações de Narizinho", que passou a ser muito procurada.

O amor e interesse pelos livros, o hábito de usar o livro como meio de adquirir conhecimentos ou como fonte de recreação, o desejo de ler inteligentemente, o interesse pela vida e obras dos gran-

dos escritores continuou nos anos seguintes em que esta turma cursou a escola: novos livros eram recebidos, a biblioteca foi reorganizada, novos bibliotecários eleitos e intensificado cada vez mais, o movimento de empréstimo de livros, o uso do material de pesquisa e de livros de referência, as atividades de biblioteca, enfim, sempre realmente vividas. Realizaram-se debates, discussões, leituras de que todos participavam intensamente.

Em um dos livros recebidos por outra turma (Prof. Deise Barata), para fazer parte da biblioteca que estavam organizando, havia a história de Branca de Neve. Interessados pelas personagens que nela apareciam, os alunos resolveram chamar a sua biblioteca de "Biblioteca Branca de Neve", apresentando, no dia de sua inauguração, a dramatização da referida história. Já a turma 3, um 2º ano de aprendizagem lenta, (professora Sarah Lerner) preparou duas prateleiras em formato de semicírculo e as prendeu na parede, pois a sala era muito pequena. Para aumentar sua biblioteca, organizou livros com histórias redigidas pelas crianças, sendo uma delas dramatizada, na ocasião em que a biblioteca "Dona Retinha" foi inaugurada.

A turma 7, 2º ano, (professora Maria da Conceição Cataldo) resolveu seu problema de espaço, aproveitando a parte inferior da mesa da professora para adaptar as estantes de "Biblioteca Girandinha", colocando trilhos e uma cortina ao redor do móvel. Já na turma 12 (Prof. Leda Galliot) a estante, imaginada e realizada pelas crianças, era rotativa. Houve o inconveniente de os livros caírem constantemente.

Organizaram-se ainda as: Biblioteca Chapéuzinho Vermelho, a Biblioteca Pinocchio, a Biblioteca Infantil Girandinha e várias outras.

Ligada à biblioteca, foi criada, em 1959, a "Oficina Monteiro Lobato", pela turma 11, do 4º ano (Professoras Ivonne Tompono e Edir Sacchi), para restaurar livros usados, servindo a toda a Escola. Ivonne, professora da turma, frequentara um curso no qual aprendera encadernação e fôra encarregada, por esse motivo, da restauração do material da biblioteca da escola. Como necessitasse de auxiliares, escolheu, entre as crianças de sua turma, quatro alunos que possuíam as condições necessárias para executar tal trabalho, isto é, capacidade de concentração, calma, paciência, ordem, limpeza nos trabalhos e gosto artístico. Esses alunos, acompanhados pela professora, dirigiam-se, depois de encerradas as atividades de classe, para determinado local da Escola e lá trabalhavam. Ao verem, depois de certo tempo, alguns livros prontos, os colegas entusiasmaram-se e sugeriram a criação de uma oficina, tendo, a mestra, oportunidade de conversar sobre alguns ofícios e ela relacionados.

Foi feita uma comunicação à diretora da escola, por escrito, e, com a colaboração que a mesma prestou, a oficina começou a desenvolver seus trabalhos, agora realizados na própria sala de aula, sempre depois de encerradas as aulas, o que provocou o interesse de outros alunos, desejosos de aprender os segredos da técnica de encadernação.

A oficina deveria ter um nome, normas de trabalho, horário para funcionamento, material adequado, como uma oficina real, o tudo foi resolvido com a participação das crianças.

Como os alunos, nessa ocasião, estivessem lendo livros de Monteiro Lobato e estudando suas vida e obras, resolveram homenagear o grande escritor, dando seu nome à oficina, que passou a se chamar "Oficina Monteiro Lobato".

Oferecidos seus serviços às outras turmas, o trabalho se foi intensificando.

OBSERVAÇÕES: Nas escolas em que não houver livros e revistas que possam ser emprestados às turmas para que estas tenham sua biblioteca de classe, as próprias crianças poderão obter ou preparar o material necessário, da seguinte maneira:

- trazendo cada uma um livro para doar ou para emprestar, por ano, à biblioteca;
- comprando livros com o produto da venda do material preparado pelas próprias crianças;
- redigindo histórias e confeccionando livros em cartolina ou feltro, conforme foi feito por algumas turmas;
- colecionando poesias, lendas e histórias, retiradas ou copiadas de jornais, revistas ou livros, e, com elas, organizando álbuns;
- colecionando gravuras e redigindo histórias sobre as mesmas;
- recortando notícias, curiosas ou interessantes, de jornais ou revistas já usados, preparando um álbum de "Notícias Interessantes";
- relatando como se podem fazer coisas interessantes (relacionadas, por exemplo, a atividades de trabalho ou artísticas);
- redigindo dramatizações ou peças para o Teatro de Fantoches e colecionando-as em um álbum ou pasta;
- as turmas mais adiantadas poderão preparar livros de histórias para os colegas de outras turmas que estejam também organizando suas bibliotecas;

1º CENTRO EXPERIMENTAL DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA - INEP
ESCOLA GUATEMALA

" O CIRCO DUDU "

ANO ESCOLAR : 1º

ÉPOCA E DURAÇÃO : 12/8/57 a 29/10/57

PROFESSORA: Célia Sianã de Almeida

Ed- 3
8. 3

I - ORIGEM :

As crianças têm sempre muita coisa a dizer; hoje dei a palavra aos meus alunos para que contassem como haviam passado o "dia do papai". As histórias sobre os presentes que deram, o doce que foi feito pela mamãe, a hora do jantar, os pais que vieram cedo para casa e os que chegaram depois que os filhos já estavam dormindo, foram infindáveis. Precisei interromper a conversa para discutirmos o nosso próximo trabalho, que estava para ser escolhido e ainda não havíamos conversado sobre o assunto.

"E, então, vamos tratar dos nossos trabalhos? Que temos de fazer agora?"

Desde o início do ano, havia notado o interesse que os alunos demonstraram por alguns livros de histórias sobre circos, entre eles "O circo está na cidade". Não foi preciso muito tempo para se decidirem na escolha do assunto para nossa nova atividade. Elizabeth levantou-se e, retirando o livro da estante, perguntou: "E se fizéssemos um Circo?"

A turma, entusiasmada, aprovou a idéia da colega.

Sempre que iniciamos novas atividades, noto que as crianças desembaraçadamente começam a planejar sozinhas, dando sugestões que lhes ocorrem, chegando, por elas mesmas, a um verdadeiro programa de trabalho.

Sugestões dos alunos :

"Como vamos fazer o nosso circo?" perguntei-lhes.

"O nosso circo deve ser igual a um circo de verdade, com animais, palhaços, trapezistas, dançarina", disse-nos Elizabeth.

"Quando eu fui ao circo, comentou Jorge Roberto, vi o picadeiro, arquibancadas, trapézios... que mais?"

Iam lembrando o que já conheciam e descrevendo, parte por parte, todos os elementos de um circo completo.

"O picadeiro é o lugar onde os artistas aparecem", disse-nos Júlio César.

"E as arquibancadas são os bancos ..." comentou Jorge.

Passaram a discutir o tamanho do circo e chegaram à conclusão de que não poderia ser muito grande, pois não caberia na sala. Perguntou-me Júlio César se seria bom o tamanho de quatro mesinhas juntas. Unimos as quatro mesas e verificamos que era, realmente, um bom tamanho.

As crianças estavam muito interessadas na construção do circo. Pediram-me para desenhar modelos de como deveria ser. Cada

qual apresentou sua sugestão. Os desenhos eram quase todos semelhantes, pois um circo tem seu perfil característico. Escolhemos o modelo por votação e passamos a conversar sobre a escolha do nome do circo. Como havia muitas sugestões e as crianças não se decidiam, sugeri que o circo se chamasse "Dudu", o que foi bem aceito.

II - DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES :

Passamos, então, a combinar o trabalho a fazer, os elementos de que se comporia o circo e o material que seria necessário para construção do mesmo. Como o entusiasmo das crianças era grande, as sugestões foram dadas em profusão. Cada aluno queria citar o maior número possível de materiais.

Tive, na primeira conversa com as crianças, de orientá-las no sentido de dividirem o trabalho por grupos, cada um dos quais se encarregaria de determinada tarefa. Assim, teriam oportunidade de trabalho em colaboração e de maneira organizada.

Inúmeras oportunidades educativas surgiram desde então, nas discussões em grupo. Pude desenvolver nos meus alunos certas atitudes fundamentais, como esperar a vez de falar; ouvir o colega quando expõe um assunto; aceitar a opinião dos companheiros dos outros grupos; respeitar a opinião alheia, quando a maioria aprovasse uma idéia etc.

Em suma, essa fase anterior à da escolha do material, que outras oportunidades traria, principalmente na linguagem e matemática, conforme se verificará mais adiante, foi de conversação amigável e rica em oportunidades para formação de bons hábitos de sociabilização das crianças.

Planejamos de que constaria o nosso circo e decidimos que o mesmo seria feito de material aproveitado, de fácil obtenção, e que seria aceita a contribuição de algumas crianças que queriam trazer animais de matéria plástica e outros seriam modelados em massa.

Material

Foi o seguinte o material que combinamos trazer para fazer o circo:

- caixas de fósforos vazias para as arquibancadas;
- palitos de sorvete -- para sustentar o tóldo;
- recortes de figuras de bichos, para modelo;
- cartolina para cartazes sobre o circo;
- vidros de goma para o trabalho de colagem em geral;
- animais de matéria plástica;

massa para modelar alguns animais;
bonecos, carrocinhas etc.

"Em que lugar da sala vamos colocar o nosso circo?"

Depois de várias sugestões, os alunos acharam que o melhor lugar seria o centro da sala. Quatro mesas juntas dariam para se colocar um tabuleiro onde se ergueria o circo. Nesse tabuleiro as crianças colocariam areia.

Um grupo foi encarregado de estudar a quantidade de caixas de fósforos, palitos de sorvete e papel necessários para o nosso trabalho. Júlio César demonstrou à turma como deveriam ser colocadas as caixas de fósforo, em volta do picadeiro, para se parecerem a arquibancadas de um circo verdadeiro.

Um outro grupo de crianças se encarregou de trazer de casa diversas figuras de bichos, de palhaços e de bailarinas, como sugestões para as modelagens e aproveitamento em cartazes de anúncios do circo, que as crianças sugeriam fazermos.

À medida que o projeto se desenvolvia, os alunos sentiam necessidade de recorrer a livros de história para maior variedade de sugestões. Tínhamos, na sala, para uso quase diário, os seguintes livros sobre o tema:

"O circo está na cidade". Coleção Horas Felizes, nº 18
- Edições Melhoramentos.

"O circo". Histórias do Tio Damião - Edições Melhoramentos.

"O circo do Tio Jó". - Edições Melhoramentos.

"Bumbino, o Palhaço". - Georges Schreiber - Edições Melhoramentos.

"Dumbo". - Walt Disney.

Uma das alunas, Vanilda, trouxe de casa, como colaboração do pai, 10 cartões com figuras de bichos, pintadas a guache. Com estes cartões tive oportunidade de organizar um jogo de linguagem (reconhecimento, leituras e escrita de nomes de animais).

Desenvolviam os grupos seus trabalhos diversificadamente, isto é: - um grupo modelava os animais em massa plástica, outro preparava os palhaços em cartolina e papel crepon, um terceiro se encarregava de colar as caixas de fósforos e ferrá-las com papel, para serem as arquibancadas, outro preparava as bailarinas, soldados, domadores e trapezistas em cartolina, ou vestia os bonecos de matéria plástica que haviam sido trazidos de casa, destacando-se o trabalho de Laura, que vestiu sua bailarina de tafetá rosa, enfeitada com purpurina. Sérgio trouxe 2 palhaços de madeira para servirem de

porteiros do circo. José Francisco, outro palhaço, de papel crepon, Júlio César, uma cartola para o mágico, Regira e Aldaci dois bonecos vestidos de sorveteiros, com uniforme da Kibon e duas carrocinhas de sorvete. Uma aluna da turma 3, tomando conhecimento dos nossos trabalhos, contribuiu com uma bailarina. Laura fez, em classe, uma casa de cartolina pintada, com uma cortina e uma tabuleta: "Vestiário". Algumas crianças prepararam as cercas, as jaulas, os trapézios.

Discutimos o material com que iríamos cobrir o circo. Seria papel ou tecido? Sugeri que escolhêssemos lona para o tóldo, pois era mais resistente. Os alunos, por votação, escolheram a cor, que seria amarela. Medindo a quantidade de lona necessária, ofereceram-se para trazer a quantia, dividida entre todos, para que eu comprasse a fazenda.

Paralelos a essas atividades, desenvolviam-se os trabalhos escritos e orais de Linguagem e Matemática que, conforme veremos no item IV, estiveram sempre ligados intimamente a cada atividade prática do dia ou da semana, havendo oportunidade de exercícios variadíssimos. Foi organizado também um álbum, cujas páginas iam sendo colocadas diariamente, com os diversos tipos de exercícios feitos e um Vocabulário com as palavras novas que iam surgindo, utilizadas em sentenças e ilustradas por gravuras ou desenhos.

Surgiram interessantes oportunidades de decisão pela maioria por meio de eleição, para escolha dos nomes de personagens do circo e outras resoluções. Preparadas, tendo-se analisado as vantagens das escolhas propostas, as crianças se conduziam adequadamente, nesse tipo de atividade e aceitavam muito bem a opinião da maioria.

As melhores oportunidades para a aprendizagem de Conhecimentos Gerais surgiram no estudo dos animais do Circo, como veremos mais adiante.

À medida que prontávamos os elementos do circo, íamos colocando-os nos respectivos lugares. Assim, no tabuleiro de areia: os animais de massa: girafa, foca, cachorros, macacos, leão, elefante etc;
arquibancadas de caixas de fósforos;
bonecos, carrocinhas etc, trazidos ou preparados pelos alunos.

"Como iremos inaugurar o Circo?"

Já bem adiantados os trabalhos, começaram os alunos a planejar como iriam fazer a inauguração do Circo.

Júlio César achava que se deveria fazer na sala de aula, convidando-se as outras turmas.

Vários alunos propuseram fazermos cartazes, dando notícias sobre nosso circo, que colariam na sala e nos corredores da escola.

Elizabeth sugeriu que se fizesse um circo de verdade e que os alunos da turma poderiam ser bichos, palhaços, bailarinas, sorveteiros, domadores etc. Apresentava, em síntese, quase uma nova atividade ... ou, melhor, a ampliação do que realizávamos na sala. — "Então, concluiu Júlio César, terá que ser no Auditório". As crianças se interessaram pela sugestão e eu percebi que havia surgido uma esplêndida oportunidade para dramatização. Combinaram como deveriam vir vestidos os alunos que iriam representar no dia da inauguração. A fase de preparativos para a dramatização foi feita de uma forma muito natural, apresentando os alunos um senso de colaboração muito marcado. Várias crianças trouxeram peças de vestuário para emprestar aos colegas; espontaneamente auxiliavam os alunos que estavam preparando os trapézios para serem colocados no auditório (idéia das crianças); outras crianças, sozinhas, experimentavam os tipos de halteres mais interessantes para a dramatização; em suma, a turma tentava repetir, ao vivo, para uma demonstração maior no auditório, as diversas atividades do circo-maquete que havia feito na sala de aula.

Fazendo o levantamento do material já preparado, observamos que faltava uma coisa muito importante: a banda de música. Alguém já viu um circo sem música? Algumas crianças se prontificaram a trazer tambores e chocalhos. Recorremos à professora de música, Yvette Coelho da Cunha, que nos ajudou a formar a bandinha.

Escolhemos a música "O Circo" de Dinah de B. Menezes, que as crianças já conheciam, para cantar no espetáculo, acompanhados pela bandinha dos alunos, ensaiados pela professora Yvette Coelho da Cunha.

Cada criança fez um convite para levar à mãe, ilustrado com desenho livre, indicando o dia, a hora e o local da inauguração do circo.

Um grupo, auxiliado por uma bolsista que estagiava na turma, fez o convite coletivo à escola (sugestão da aluna Aldaci): uma haste de madeira enrolada com fita durex de cor, tendo na ponta um disco com recortes de animais do circo e um palhaço, ao centro, com um cartaz onde se lia:

Circo Dudu

Espectáculo de inauguração

quarta-feira, 26, às 13 horas

Esse convite foi levado por um aluno, Marcelo, pelos corredores da Escola, às salas, à secretaria, à biblioteca, para que todos tomassem conhecimento do espetáculo do circo.

III- A INAUGURAÇÃO DO CIRCO

Marcada a festa de abertura do circo para o dia 26 de outubro, na véspera a turma foi dividida em grupos, recebendo cada um a responsabilidade correspondente:

- a) distribuição de convites à diretora e pessoal da secretaria;
- b) passagem do convite-anúncio pela Escola;
- c) ornamentação do auditório com cartazes alusivos ao Circo, feitos na sala, pelos alunos;
- d) ensaio geral da música e da dramatização no auditório.

Na data marcada, o projeto terminado, as crianças, vestidas a caráter, desempenharam seus papéis com muito desembaraço, merecendo muitos elogios por parte dos pais que assistiram, encantados, à festinha.

DRAMATIZAÇÃO E MÚSICA PELA BANDA DOS ALUNOS

Empresário • Agora, o circo Dudu
Espetáculo vai dar.
Minhas senhoras! Meus senhores!
A função vai começar.

Nosso circo é de brinquedo
Mas já bastante afamado,
Tem bailarinas, palhaços,
Cada qual mais engraçado.

Pra que falar, se os senhores
Vão poder apreciar?
Só quero saber, no fim
O que é que vão achar.

(Apresentação da música do circo cantada pela turma e acompanhada pela banda).

A seguir, entra em cena o palhaço Dedão que vem dando cambalhotas.

Dedão - No circo, sou atração
Para tôda a petizada
Grito, pulo, salto, canto,
Faço muita barulhada.

O meu nome vocês sabem?
Pode dizer quem souber!
Afimal, vocês sabem ou não?

Da platéia uma criança levanta-se e responde:

Criança - Eu sei, eu sei, palhaço, o seu nome é Dedão.

O palhaço confirma, batendo palmas e cantando:

Dedão - Eu sou, eu sou. Aqui na escola
eu sou o Dedão. Eu venho trabalhar
Eu pulo, eu canto, Fazer gracinhas,
eu grito, animação! Pular, cantar, dançar.
Porque eu sou, eu sou
eu sou, eu sou, eu sou o Dedão!

Entra em cena outro palhaço.

Dudu - Olá, Dedão! Que é que você está cantando aí, tão des-
finado?

Dedão - Que? Afiado? Eu não sou faca!

Dudu - E eu falei em faca?

Dedão - Paca? Que paca? Você quer caçar paca?

Dudu - Caçapava? Mas eu não moro em Caçapava!

Dedão - E eu falei em Caçapava? Caçar paca. Paca! Você não
entende?

Dudu - Entender, eu entendo. Mas caçar paca? P'ra que?

Dedão - Mas, será possível? Escute aqui, não foi você quem dis-
se?

Dudu - Eu, não, você é que falou!

Dedão - Eu não falei nada. Você está surdo?

Entra o palhaço Didi correndo.

Didi - Que é que houve, Dedão?

Dedão - Estou ficando aborrecido; você é capaz de me fazer um
favor?

Didi - Pois não! Pode mandar, Dedão. Vou fazer seja o que for.

Dedão - Chame, então, a palhaçada
Estou querendo brincar
Vou pedir a pianista
Para música tocar.

A pianista toca, e os palhacinhos cantam seu número - "Palhacinho dengoso", da prof. Dinah Barros.

Quando o número termina, volta o empresário e manda que os palhaços saiam, porque quer apresentar um domador e seus cachorros. Entra uma criança vestida de domador, faz uma mesura e batendo com o chicote no chão, chama:

Domador - Peralta, Duque!

Duas crianças vestidas de cachorro dão uma volta correndo pelo palco, depois, param perto do domador. Este inicia o seu número.

Domador - Ficar numa perna só! ... Sentar nas patinhas! ... pular corda! Pular obstáculos! Trepar num tamborete! Cumprimentar!

Os "cachorros" vão executando as ordens.

O empresário anuncia outro número: "As bailarinas!" Ao som da música elas dançam.

Vem, depois, a grande sensação do circo: "O homem mais forte do mundo", um menino de calção que faz ginástica e levanta "halteres", feitos com cabos de vassouras e latas pintadas.

Depois vem um mágico, que realiza alguns truques, um equilibrista e uma pianista.

Para finalizar o espetáculo, o empresário chama os artistas:

Empresário - Venham, venham, venham todos,
Venham, aqui, cumprimentar.
O espetáculo, senhores,
Vai, agora, terminar.

Final - Grande desfile de todos os artistas do Circo, que atravessam a platéia, cantando, acompanhados pela banda.

* * * * *

IV - OPORTUNIDADES QUE SURTIRAM :

- a) de estudo;
- b) de formação de hábitos e atitudes.

Logo após a decisão da turma de construir um circo, fiz

um planejamento dos problemas e oportunidades prováveis que as atividades a realizar nos ofereceriam, tanto de estudo como de formação de hábitos e atitudes. Assim, imaginei que provavelmente surgiriam os seguintes problemas:

- Como vamos fazer nosso circo?
- De que material precisaremos?
- Como conseguiremos esse material?
- Onde colocaremos o circo?
- Como trabalharemos?

cuja discussão e resolução nos permitiriam desenvolver certos hábitos e atitudes como:

- falar corretamente e com desembaraço;
- esperar a vez de falar;
- saber ouvir o colega;
- aceitar a opinião da maioria;
- iniciativa;
- espírito de colaboração e senso de responsabilidade;
- cuidado com o próprio material e com o da turma.

Além disso, um dos meus principais objetivos era incentivar cada vez mais o desejo de aprender a ler e a escrever bem.

Quanto às oportunidades de estudo, planejei que seriam as seguintes:

Linguagem :
Desenvolvimento da
linguagem oral

- através da discussão, com a turma, dos problemas surgidos - conversas e comentários sobre espetáculos de circo a que os alunos tenham assistido e da formação oral de frases.

Leitura e escrita

- de frases relacionadas ao circo, com fonemas já conhecidos, para fixação dos mesmos, e fonemas e palavras novas, relacionadas ao circo;
- sistematização de fonemas, encontros consonantais, dígrafos etc, partindo-se de palavras ligadas aos trabalhos desenvolvidos :

o fraco, de circo

lh e ç, de palhaço

i de gaula

gi, de girafa

- exercícios de ditado, auto-ditado, formação de palavras e cópia em situação de jogo.

Matemática :

- Contagem - usando-se o material que seria trazido pelos alunos para a confecção do circo: animais, palitos de sorvete, caixas;
- Problemas orais de adição e subtração - aproveitando-se situações que surgiriam durante a construção do circo. Um aluno, por exemplo, poderia trazer 4 caixas de fósforos para fazer arquibancadas e outro, 5, surgindo a oportunidade para cálculo.

Conhecimentos :

Estudo dos animais existentes no circo, sua vida e características principais. Profissões relacionadas ao circo.

Esse planejamento, no entanto, estaria sujeito a uma série de modificações, variando de acordo com o interesse e com as sugestões dos alunos. E isso realmente aconteceu: foram tantas as idéias apresentadas pelas crianças, foi tal o entusiasmo, que as atividades, cuja duração eu previra ser de vinte dias, estenderam-se por dois meses, surgindo, pois, inúmeras oportunidades que não foram por mim imaginadas e, com estas, novos problemas, resolvidos pela turma, sob a minha orientação.

a) Foram as seguintes as oportunidades de estudo que surgiram:

Em Linguagem:

- Desenvolvimento da linguagem oral - através de: conversas, discussões, resoluções de problemas relativos às atividades desenvolvidas;
comentários sobre espetáculos a que os alunos tenham assistido;
formação oral de frases sobre o circo em cartazes;
histórias contadas ou reproduzidas pelas crianças, sobre circos.
- Fixação de fonemas introduzidos em projetos anteriores - através de ditados, auto-ditados, exercícios de formação de palavras, apresentados em situação de jogo, leituras etc.

Sistematização de

- c fraco, partindo-se das palavras circo, palhaço, Ceci;
- d, partindo-se das palavras Dedão e Dudu, nomes dos palhaços do circo;
- r forte, de Regina e Romildo, nomes de uma bailarina e um mágico, escolhidos pelos alunos e relôgio e roupa, usados nas "mágicas" do Romildo;
- t, da palavra Tito, nome de um menino que apareceu numa história sobre o nosso circo;
- r no final das sílabas, da palavra Artur, nome escolhido pelas crianças para o pipoqueiro do circo;
- i, da palavra jaula;
- encontros consonantais com r, partindo-se de algumas palavras: mastro, projeto, trapézio;
- g, da palavra girafa;
- f, da palavra Fifa, nome escolhido pelos alunos para a "roca" do nosso circo;
- l final, partindo-se da observação, feita por um aluno, sobre a "voltinha" que se dá ao dizer as palavras: Romildo, Vanilda.

Leitura oral e silenciosa

- de frases relacionadas ao circo, com fonemas já conhecidos e novos, apresentados por mim ou sugeridas pelos alunos, para fixação;
- de palavras novas, ligadas ao circo e à sua construção, para que fôsem fixadas;
- de frases e pequenos trechos sobre o circo e seus elementos, mimeografados em letras de imprensa;
- de ordens, mimeografadas ou escritas no quadro negro, em letra de imprensa.

Ex: Jorge Roberto, venha ao quadro e puxe uma linha em volta da cor da cerca do circo: verde - vermelho - amarelo - azul;

- de frases retiradas de livros de histórias de circo, contadas a pedido dos alunos;
- de sentenças sobre o circo, organizadas pelos alunos, para os cartazes de propaganda;
- de pequenas histórias, por mim organizadas, sobre o nosso circo.

Redação

- de sentenças sobre as personagens do circo, para serem colocadas em cartazes;
- de sentenças à vista de gravuras sobre o circo, aproveitando-se os livros de histórias lidos;

- de frases para os cartazes de propaganda, anúncios e avisos sobre o circo, para serem colocados nos corredores da escola e no auditório, no dia da estréia do circo;
- de sentenças sobre o circo (partindo-se do que fôra feito pelos alunos para a sua construção).

Exemplos: Artur vende pipoca na porta do circo.

Juquinha vende sorvete.

A cêrca do circo é vermelha.

- redação de convites para a próxima estréia do circo, e que seriam entregues às mães dos alunos.

Observação: O trabalho de redação era sempre precedido da preparação oral, durante o qual era feito o enriquecimento das sentenças, a correção da forma, a fixação da grafia.

Ditado, auto-ditado e cópia

- cópia da relação do material necessário para a construção do circo;
- cópia dos nomes dos animais do circo, em folhas com carimbos ou desenhos;
- idem, das palavras novas dos fonemas sistematizados, em folhas que fariam parte de um vocabulário que estavam fazendo;
- de frases sobre o circo, apresentadas em letras de imprensa, para que os alunos as escrevessem em letra cursiva, em situação de jogo;
- ditado de frases e palavras novas, em situações de jogo;
- listas, variando o trabalho (ditado, cópia, auto-ditado), com os nomes dos animais do circo, das bailarinas, mágicos etc);
- cópia dos convites que deveriam ser entregues às mães dos alunos, para que assistissem à estréia do circo.

Vocabulário

- desenvolvido durante conversas, comentários e leituras: picadeiro, trapézio, trapezista, acrobata, acrobacia, apresentação, estréia etc;

Gramática:
Nomes próprios e comuns. Uso da letra maiúscula

Ponto final

Ponto de exclamação

- escrita do nome do circo, dos nomes dos animais e de outros elementos do circo; palhaços, bailarinas, mágicos etc;
- partindo-se da organização de frases sobre os trabalhos realizados;
- usado nas frases exclamativas escritas pelos alunos para os cartazes de propaganda:
Viva nosso circo!
Colegas, o circo vem aí!

Procurei levar os alunos, em tôdas as oportunidades que tiveram de se expressar oralmente, a falar corretamente eliminando certos vícios de linguagem.

O vocabulário organizado pelas crianças, com as palavras novas que iam aparecendo, foi de muita utilidade para a fixação da grafia dessas palavras.

Matemática:

Contagem e numeração.
Problemas orais de adição e subtração (por falta)

- utilizando o material trazido para a construção do circo: caixas, palitos de sorvete, bonecos, caixas de fósforos etc;
- partindo-se de exercícios feitos com carimbos ou desenhos de animais do circo.
Exemplos: a) - Quantos animais estão desenhados na folha que vocês receberam?
Quantos animais vocês já pintaram?
b) - Já escrevemos os nomes de 3 animais e vamos escrever 10 nomes. Quantos nomes ainda faltam?
c) - Vocês já escreveram 4 palavras. Quantas faltam para completarmos 10 palavras?

Noção de distância e posição (fixação)

Conhecimento prático do metro

- Observações:
1. Para objetivar as noções de Matemática eram usados, além do material trazido para a construção do circo, coleções individuais de palitos de sorvete, fósforos, figurinhas, botões etc, que os alunos possuíam.
 2. Foram feitos concursos para fixar as combinações fundamentais de adição e subtração (até total e minuendo 10).

- partindo-se do material preparado:
 - a) - Nosso circo terá 3 palhaços, mas só temos 1. Quantos faltam?
 - b) - Temos 4 jaulas. Duas já estão ocupadas. Quantas faltam para que todas fiquem ocupadas?
Preparamos 9 bailarinas e ganhamos 1 da turma 3. Quantas temos agora?
- contagem das folhas do Vocabulário que estava sendo feito, como recurso para auxiliar a sistematização dos fonemas;
- contagem de votos, durante as eleições para a escolha de nomes dos elementos do circo e para resolver outros problemas relacionados com o mesmo.
- contagem dos convites feitos para a estréia do circo e que seriam entregues às mães dos alunos.
- arrumação dos animais, bailarinas, vendedores, palhaços etc, no circo;
Exemplos de perguntas feitas:
 - Quem está mais perto da entrada: o sorveteiro ou Tito?
 - Qual o animal que está à esquerda do palhaço?
- partindo da necessidade de verificar a quantidade de fazenda que deveria ser comprada para fazer o tóldo do circo.

Conhecimentos:
Animais selvagens e
domésticos; úteis e
nocivos

Luz natural e artifi-
cial. Sua aplicação.
A electricidade. Cui-
dados necessários pa-
ra evitar acidentes.

Vestuário próprio para
dias frios, quentes e
de chuva.

Profissões

Meios de transporte

- conversa com os alunos sobre os animais que fariam parte do nosso circo, durante a qual eles fizeram várias perguntas, como por exemplo: "Por que alguns desses bichos podem viver soltos e outros não?" "Por que a foca vive na água?"
- comentários sobre a instalação dos "fios e lâmpadas elétricas" no circo, pelos "electricistas", isto é, alunos que haviam ficado encarregados desses trabalhos (não se tratou de uma instalação verdadeira e, sim, de uma simples imitação).
- conversas sobre as roupas que seriam preparadas para as bailarinas e outros elementos do circo.
- conversa sobre os vendedores que iriam ficar à porta do circo, as profissões destes e de outros elementos do circo.
- observações feitas pelos alunos, ao verem um livro de histórias no qual havia um circo inteiro sendo transportado por um trem;
- comentários sobre os meios de transporte usados para levar pessoas ao circo.

Os trabalhos feitos pelos alunos eram por eles colecionados, para formar um álbum individual, quando terminássemos o circo. Além disso, foi também organizado um álbum coletivo, com trabalhos de várias crianças.

b) Oportunidades que surgiram para a formação de hábitos e atitudes:

Além dos hábitos e atitudes citados no planejamento, provável, por mim feito, e que foram realmente formados, ou melhor, fixados, pois já em trabalhos anteriores desenvolvidos na turma com eles nos preocupamos, procuramos despertar nos alunos o gosto artístico, através de desenhos, pinturas, preparo de roupas para a festa do circo, músicas, danças etc.

Pude notar, ao terminar o "Circo Dudu", que as crianças haviam aprendido a trabalhar em grupo, respeitando os colegas, sentindo sua responsabilidade, procurando sempre cooperar, atuando com ordem e revelando hábitos de limpeza.

Durante a festa de inauguração, as crianças tiveram também ótima atitude, mostrando-se desinibidas e bastante competidas dos seus papéis.

* * * * *

Bibliografia

- O circo está na cidade - Coleção Horas Felizes, nº 18 - Edições Melhoramentos
- O circo - Histórias do Tio Danião - Edições Melhoramentos
- O circo do Tio Jó - Edições Melhoramentos
- Bambino, o Palhaço - Georges Schreiber - Ed. Melhoramentos
- Dumbo - Walt Disney's
- Howdy Doody' Circus - A Little Golden Book
- Topsy Turvy Circus - " " " "
- Le grand elephant - Un grand livre d'or
- Le petit Pioui - Chien de cirque - Un grand livre d'or

* * * * *

OBSERVAÇÃO : Este trabalho foi preparado, para publicação, pelas professoras Sarah Lerner e Therezinha Eboli, que se basearam nos relatos diários feitos pela professora da turma.

Escolha dos alunos que ocupariam os diversos cargos

coleccionavam seus bilhetes, tendo oportunidade de verificar, no final dos trabalhos, como haviam treinado e melhorado a redação de bilhetes.

Livro para registro das encomendas postais

- Realizada através de uma eleição.

Pintura da Caixa coletora

- Foi aproveitado um caderno, no qual o carteiro registrava as encomendas recebidas.

- As crianças pintaram a caixa coletora com tinta verde e, depois de pronta, colocaram-na em um dos corredores da escola.

Observações:

I - A turma contou com a colaboração da professora Marly Baptista Cunha de Souza, que dirigia as atividades durante a tarde.

II - O trabalho relatado foi realizado no início do ano letivo, em turma de 35 alunos de 7 anos e meio.

Em turmas de crianças de mais idade, ou em outro período do ano, novas noções e atividades poderiam surgir, por exemplo:

- No preparo dos envelopes: uso da régua para preparar os envelopes:

Sistema legal de unidades de medida:

figuras geométricas (retângulo, triângulo)

linhas: horizontal, vertical, inclinada, paralelas

• Na venda de selos e envelopes: Sistema monetário.

III - Em 1957, a turma 4, 2º ano, dirigida pela professora Neide Figueiredo, organizou um Correio (ver início do relato), preparando o material que, em parte, foi usado em 1959 pela turma dirigida pela professora Dirce de Souza Daemon. Foi feita uma excursão a uma Agência de Correio, onde as crianças puderam observar como ali se trabalhava. Coleccionaram selos também.

Este trabalho foi relatado, para publicação, pelas professoras Sarah Lerner e Terezinha Eboli, que se basearam nos relatos diários feitos pela professora da turma.

1.º CENTRO EXPERIMENTAL DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA - INEP
ESCOLA MATEMÁTICA

" REORGANIZAÇÃO DO CORREIO ESCOLAR "

ANO ESCOLAR: 2.º

DURAÇÃO: 30/3/59 a 18/5/59

81.3
8.3

(I) ORIGEM:

Havíamos terminado os nossos trabalhos sobre a Páscoa e já nos dispúnhamos a escolher nova atividade, quando uma descoberta feita por alguns alunos no armário de nossa sala veio servir de estímulo para sua escolha. Lá estavam um casquete e uma bolsa de carteiro, utilizados por outra turma do 2º ano, em 1957 e atualmente sem uso. Esses dois objetos foram motivo de grande interesse por parte das crianças, que manifestaram, logo, seu desejo de reorganizar o Correio Escolar. Aprovei a idéia das crianças e passamos a conversar, a fim de chegarmos a um planejamento.

(II) DESENVOLVIMENTO:

— Como funcionaria o Correio Escolar? Para que iria servir? foram as perguntas que lhes fiz, inicialmente. Cada criança procurava responder, revelando interesse pelo assunto, mas pouco conhecimento do mesmo. Perguntei-lhes, então, se já haviam observado um correio de verdade. Os alunos se iam lembrando: selos, carimbos, guichês, carteiro para entregar a correspondência foram surgindo. O projeto ia tomando forma na conversa que mantínhamos. Uma criança, Darcy, sugeriu que eu fizesse uma lista, no quadro, do material de que iríamos precisar para reorganizar o "Correio Escolar". Antes de fazermos a lista pedida, entretanto, achei mais interessante explicar às crianças a utilidade do Correio como instituição pública e como era mantida pelo Governo. Citei-lhes diversas instituições do mesmo gênero, para fazê-las compreender sua função. Os alunos quiseram uma lista de instituições públicas e nossa aula inicial foi sobre este assunto.

— Mas, vocês já se utilizaram, alguma vez, dos serviços dos Correios? A esta pergunta, quase todos os alunos responderam contando suas experiências: cartas que eram colocadas no correio a pedido de familiares, telegramas, encomendas que os pais recebiam, dinheiro que viajavam para o interior do país etc.

Chamei-lhes a atenção para a importância do trabalho que iríamos iniciar. Seria preciso pedir permissão à diretora, D. Alzira, pois a escola inteira iria participar das atividades do correio. Tivemos, então, interessante oportunidade de levar a turma a organizar um texto para o bilhete à diretora. Foi, inicialmente, um trabalho de conjunto, em que cada aluno sugeriu uma sentença para ser escrita no quadro negro, por mim. Ensinei-lhes a organizar um bilhete com data, nome da pessoa a quem era dirigido, o conteúdo e assinatura. Em seguida, passamos ao envelope - como deveria ser feito. As crianças riscaram e dobraram o envelope, desenhando o selo no devido lugar e colocando o destinatário e o endereço.

No bilhete lá o pedido de licença para a reabertura dos Cor-

reios e a solicitação de que nos fôsse cedida a caixa do Correio que a outra turma havia preparado, a fim de ser por nós aproveitada. Todos os alunos copiarão o bilhete. O trabalho mais certo, mais bem apresentado, seria o entregue.

Com o bilhete pronto e dentro do envelope, com sobrescrito e remetente nos devidos lugares, o encarregado da turma, naquela semana, foi entregá-lo.

Obtida a permissão para usar a Caixa de Correspondência, em resposta da diretora que, também em carta, manifestou sua satisfação em ver o Correio voltar a funcionar, os alunos passaram a planejar e a executar os trabalhos com muito interesse. Pediram-me que passássemos a organizar, em conjunto, uma lista do que precisávamos para termos uma Agência bem aparelhada. Cada criança dava sugestões. Após a conversa que havíamos tido, já contavam com alguns conhecimentos sobre o funcionamento do Correio e, assim, chegaram a fixar o que necessitávamos:

a) Um guichê para venda de selos, que deveria ser feito na sala de Artes Industriais, com a professora especializada.

b) Um quadro com Caixas Postais para todos os alunos da turma, encarregando-se cada um do preparo da sua caixa.

c) Pintura da caixa de correspondência.

Estas foram as atividades com que iniciamos a reorganização do Correio. Outras iriam surgir depois, conforme veremos mais adiante.

Cada criança preparou o desenho de um guichê. Dentre todos, foram escolhidos, pela turma, em votação, os seis melhores, a serem enviados à professora de Artes Industriais. Os restantes, por sugestão do aluno José Augusto, iriam para uma pasta de cartolina, onde cada criança guardaria sua correspondência particular. O modelo escolhido foi o do aluno Antonio dos Santos Romano. Em grupo, os alunos confeccionaram o guichê, com D. Edith, professora de Artes Industriais, em madeira forrada com cartolina.

Os trabalhos se desenvolviam com grande interesse dos alunos. A discussão sobre a maneira de organizar as caixas postais foi das mais acaloradas. Perguntei-lhes: - Como poderá ser feito o quadro onde colocaremos as caixas postais? José Augusto sugeriu que mudássemos a estante da biblioteca para perto da minha mesa, a fim de desocupar uma parede, onde ficaria "muito bonito" o local para colocar as caixas postais. A idéia foi recebida com agrado e, realmente, foi um local bem escolhido. Os próprios alunos transportaram a estante e escolheram o material para o painel das caixas postais, um papelão ondulado que havia na sala de aula. Desenhei no quadro um esboço de como deveria ficar o trabalho: eram cinco filas, de sete caixas postais em cada, para dar um total de 35 alunos. Jacinto lembrou-se, também, das caixas das professoras. Como eu havia sugerido que cada criança tomasse para sua caixa o

n^o que lhe correspondia na ficha de chamada, as crianças acharam que também nós deveríamos ter nossos números. A turma ficou dividida em dois grupos: um queria os nomes das professoras e o outro, os n^{os}. 36 e 37 nas caixas. Fizemos uma votação e venceram os alunos que haviam opinado pelos números. Cada criança riscou, cortou e dobrou sua caixinha postal, em cartolina branca, segundo um modelo apresentado por mim e bem aceito pela turma. Na outra aula as crianças recortaram seus números, em papel vermelho, e letras para as legendas necessárias ("Correio Escolar", "Gui-chê", "Caixas Postais"), em papel lustroso azul.

As crianças andavam ansiosas pela inauguração do Correio.

Maltavam, entretanto, diversas providências para que ele pudesse funcionar bem. Precisávamos de tinta para pintar a Caixa de correspondência.

"Como conseguí-la?" Perguntei-lhes.

José Augusto respondeu: "Pedindo a D. Célia.

"Vamos escrever-lhe um bilhete", sugeriu Paulo.

Toda a turma se interessou por essa atividade. Chamei-lhes a atenção para as sentenças do bilhete, a data, nome da pessoa e assinatura do remetente. Deixei que os alunos fizessem, sozinhos, o trabalho. Depois os li, em voz alta, e escolhemos o do aluno Jacinto, pois era o melhor.

Logo que a subdiretora nos enviou a lata de tinta, a caixa foi pintada, ficando bonita e em condições de funcionar.

Nestas três etapas havíamos adiantado bastante o nosso trabalho. Recordamos, então, todo o material preparado e anotamos o que faltava: selos, envelopes, cartazes de propaganda do Correio e as pastas para guardar os trabalhos dos alunos, realizados nesse período.

Dividi, então, a turma em quatro grupos para realizar o que faltava:

Grupo I - Encarregando-se o grupo I dos selos, levantou o seguinte problema:

- Quantos selos deveriam fazer? Depois de alguma discussão, John sugeriu que fossem feitos 100 selos pois uma centena daria para mais de uma carta para cada aluno. Escolheram os alunos também o tipo de selo: etiqueta carimbada, com a figura de um índio, Poti. A sugestão das etiquetas foi minha, pois os alunos desejavam desenhar cada um dos selos, o que seria muito moroso.

Grupo II - Este grupo encarregou-se de fazer os envelopes suficientes para a grande correspondência que já desenvolvia a turma. Tive ocasião de comentar, com as crianças, os diversos tipos de envelopes, mostrando-lhes alguns, de diversos países. Os alunos trouxeram diversos envelopes e a atenção das crianças foi despertada pela diferença

de côr entre as barras dos envelopes, cada qual com as côres de seu país.

Grupo III - Com os trabalhos bem adiantados e as crianças muito interessadas na Correspondência que desenvolviam, queriam todos a inauguração do Correio para maio, que se aproximava. Conversamos sobre tudo que já havíamos preparado e eu perguntei às crianças como iríamos anunciar à Escola que o Correio ia funcionar. Camilo respondeu: — "Fazendo cartazes e colocando nos corredores." A idéia foi recebida com entusiasmo pela turma, que desejou iniciar logo tal atividade. Como seria a primeira vez que as crianças iriam realizá-la, achei que devia dar-lhes ampla liberdade de criação: entreguei-lhes uma fôlha de papel grande e cada qual se ocupou do seu próprio cartaz. Entre os mais sugestivos havia um, muito interessante, sobre os meios de transportes, antigos e modernos, utilizados pelo Correio. Foram selecionados, por escolha dos alunos, os cartazes mais interessantes, e fixados nos corredores.

Grupo IV - Este grupo ocupou-se das pastas de cartolina para guardar os trabalhos e a correspondência recebida.

PREPARATIVOS PARA A REABERTURA DO CORREIO

As legendas inventadas pelos alunos para os cartazes de propaganda suscitaram discussões na turma. José Camilo havia sugerido que se colocasse no cartaz: "dia da inauguração." Perguntei-lhes, então: — Mas será mesmo uma inauguração? Fomos nós que começamos esse Correio? Paulo Sérgio respondeu prontamente: "Não, nós vamos continuar o trabalho de outra turma". Ajudei-os, então: "Trata-se da reabertura do Correio Escolar", portanto não deveríamos fazer uma reunião igual as que estávamos acostumados a realizar. Pedi-lhes sugestões e José Augusto, com muita originalidade, sugeriu: — "Então, vamos fazer um discurso".

A turma não gostou da idéia. Observei-lhes que um discurso em geral é longo para ser dito por uma só criança e, além disso, daria oportunidade a um aluno, apenas. Perguntei-lhes se estariam de acordo em que cada criança contasse um pedacinho do trabalho que havíamos feito. Deveríamos pensar no projeto, desde o início, como havia surgido a idéia do Correio: depois, nos trabalhos que haviam feito na sala de Trabalhos Manuais; na correspondência enviada e recebida etc. Iniciamos, então, o trabalho de organização de sentenças, todas sugeridas pelos alunos, relatando o desenvolvimento das atividades, com grande desembaraço. As sentenças iam sendo anotadas no quadro negro, na seqüência em que o projeto se desenvolvera. Para a escolha de quem faria a leitura organizamos um concurso.

Concurso de leitura para a escolha dos alunos que deveriam ler o relato no dia da reabertura do Correio.

Distribuí um exemplar do livro de leitura "Pedrinho" de Lourenço Filho a cada criança e pedi-lhes que lessem silenciosamente, na página 33. Após 10 minutos, começamos o concurso de leitura oral. A leitura foi feita por grupos, isto é: leu o grupo 1 e dêste as crianças selecionaram as melhores e assim por diante.

Eleição para carteiros e outros cargos:

Inicialmente, combinamos que para carteiro deveriam candidatar-se apenas os meninos e para responsável pelo guichê teríamos candidatas femininas. Assim, dariamos oportunidades a todos os alunos para que concorressem. Como alguns já estavam ocupando cargos de importância na turma, tais como secretário, responsável pela biblioteca, pela ordem e limpeza etc., pedi à turma que desse oportunidade a outras crianças que ainda não haviam ocupado lugares de destaque.

Apresentaram-se dez candidatos masculinos e oito femininos. A eleição foi feita da seguinte maneira: Cada criança deveria escrever, em dois papéis separados, os nomes de seus candidatos a cada um dos cargos; em seguida dobrar os papéis e entregar a uma criança que faria a coleta para a apuração. Escrevi no quadro negro os nomes das crianças que estavam concorrendo aos cargos e, conforme a apuração, feita em voz alta pelo aluno Jacinto, iam sendo anotados os votos pela aluna Darcy. Venceram Antônio e Maria Helena, sob os aplausos entusiásticos da turma, pois, realmente, foi uma vitória simpática.

Afinal, poderíamos marcar a data da reabertura do Correio. Escolhemos o dia 18 de maio para o início do seu funcionamento. Entretanto, faltava organizar o regulamento e o horário desse funcionamento. A fim de que todas as turmas tomassem conhecimento das normas e horário da nossa instituição, após anotá-los, os alunos deveriam levar uma cópia a cada sala.

Quanto ao horário não houve dificuldades, pois as crianças chegaram logo à conclusão de que o melhor horário seria entre 11 e 11h30min final da manhã.

Regulamento do Correio Escolar:

Comecei por explicar aos alunos o que significava a palavra regulamento e a necessidade de haver normas, a fim de obtermos um bom funcionamento do Correio. Toda a Escola, se quisesse utilizar os nossos serviços, deveria respeitar o regulamento. Sugeri alguns itens e outros foram apresentados pelas crianças, escritos por mim no quadro e co

piados pela turma.

- 1ª - O correio servirá a todos os alunos e professores da Escola Guatemala.
- 2ª - A correspondência deverá ser colocada na Caixa que ficará no corredor do 2ª andar.
- 3ª - Os pacotes deverão ser entregues diretamente no guichê da sala 2, entre 11 horas e 11h30 min.
- 4ª - O carteiro fará a distribuição da correspondência entre 11 horas e 11h30 min.
- 5ª - O Correio Escolar não se responsabiliza pelas cartas que não venham com o sobrescrito legível e correto.
- 6ª - A correspondência deve ter nome e endereço do remetente no verso do envelope, para que a carta possa ser devolvida, caso não seja encontrado o destinatário.

III - Término das atividades: Dia da Reabertura do Correio Escolar

Logo que chegaram à sala de aula os alunos quiseram saber o programa do dia, pois a reabertura do Correio seria às 10h e 30min, hora que haviam escolhido de acordo com a diretora, D. Almira.

Fizemos, então, um planejamento das nossas atividades para o dia:

- a) Treinar a leitura do relato, que deveria ser feita no ato da inauguração.
- b) Relembrar às professoras e aos alunos a hora da solenidade.
- c) Convidar D. Almira e D. Sarah para desamarrear as fitas do guichê e das Caixas Postais, no ato da reabertura do Correio, conforme a turma havia decidido em eleição realizada.
- d) Arrumar a sala de aula para receber os convidados.

Com a chegada de D. Almira, os alunos escolhidos do Concurso fizeram a leitura do relato de todas as atividades que desenvolveram para a reorganização do Correio. Em seguida, D. Almira desamarrou a fita de inauguração do guichê e D. Sarah a das Caixas Postais.

Estavam assim reabertas as atividades do Correio Escolar na turma 4.

Relato lido pelos alunos no dia da reabertura do Correio.

Encontramos, um dia, no armário da sala de aula, uma sacola e um casquete. Perguntamos a D. Dirce para que serviam e quando eram usados. D. Dirce explicou que, em 1957, uma turma do 2º ano era a encarregada da distribuição da correspondência.

Todos os alunos da turma 4 quiseram, então, continuar o tra-

balho começado pelos colegas de 1957.

D. Dirce gostou muito da idéia e concordou conosco.

Resolvemos escrever a D. Almira pedindo que nos enviasse a caixa de correspondência feita pelos nossos coleguinhos.

Combinamos, também, fazer um guichê para guardar os selos e envelopes que a turma pretendia fazer. Fizemos um concurso de desenho para o formato do guichê. Foi escolhido o desenho do nosso colega Antonio dos Santos Romano.

Como o guichê deveria ser feito na sala de "Trabalhos", pedimos a D. Edith que nos ajudasse. Ela, então, nos ensinou a cortar o papelão e a armar o guichê.

Enquanto esse trabalho estava sendo realizado na sala de "Trabalhos", resolvemos fazer, na sala de aula, um outro trabalho com D. Dirce. Era um quadro com caixas para todos os alunos da turma.

Cada aluno encarregou-se de sua caixa.

Cada caixa postal foi recortada em cartolina e nela colamos um número em papel lustroso vermelho. O número da caixinha corresponde ao número do aluno na ficha de chamada.

As letras da legenda foram recortadas em papel lustroso azul e coladas no quadro. O quadro foi feito de papelão ondulado, com uma barra azul.

Nós colocamos no quadro uma caixa para D. Dirce e outra para D. Marly. A turma preferiu que essas caixas tivessem os números 36 e 37 e não os nomes das nossas professoras.

Quando D. Almira nos mandou a caixa de correspondência, verificamos o seguinte: A caixa precisava de conserto e pintura. Esse trabalho foi realizado na sala de Trabalhos Manuais.

Para conseguir a lata de tinta escrevemos um bilhete a D. Célia. Ela nos arranjou uma lata de tinta verde e nós ficamos muito contentes com o presente.

A caixa ficou bonita depois de pronta.

As letras da legenda foram recortadas em papel lustroso preto e coladas pelos alunos Jacinto e Reinaldo.

Para o Correio começar a funcionar precisávamos fazer ainda os selos, os envelopes, os cartazes de aviso e as pastas para guardar nossas cartinhas.

Esse trabalho ficou assim distribuído:

Grupo 1 - encarregou-se dos selos;

Grupo 2 - fez os envelopes;

Grupo 3 - preparou os cartazes para anunciar a reabertura do Correio;

Grupo 4 - aprontou as pastas de guardar a correspondência.

José Camilo preparou a caixa onde seriam guardados os envelopes.

Para os cargos de carteiro e encarregado do guichê ficou resolvido que faríamos uma eleição.

A turma achou que o carteiro deveria ser um menino e no guichê ficaria melhor uma menina.

Entre os candidatos que se apresentaram, foram eleitos os seguintes: Antonio dos Santos Romano para carteiro e Maria Helena Lima para encarregada do guichê.

Depois dos trabalhos todos prontos escolhemos a data da reabertura do Correio:

Foi escolhido o dia 18 de maio de 1979.

Escolhida a data, organizamos, com D. Dirce, o regulamento necessário ao bom funcionamento do Correio.

OPORTUNIDADES QUE SURTIAM:

A - Para a formação de hábitos:

- ter responsabilidade: entrega das cartas e pacotes aos seus destinatários, em perfeito estado e com a máxima rapidez.
- fazer trabalhos com boa apresentação, redigindo os bilhetes e cartas com clareza, ordem, limpeza.
- sentir prazer em cooperar, pois o correio seria de utilidade para toda a escola.
- interessar-se pela vida da comunidade em que reside e pelos serviços públicos.

B - Para aprendizagem de matérias escolares:

Em linguagem

Desenvolvimento da linguagem oral

- através de discussões, debates, apresentação de sugestões, resolução de problemas relacionados com as atividades a serem desenvolvidas.

Redação

- bilhetes à diretora: - pedindo autorização para a reabertura do Correio e a caixa de correspondência feita pela outra turma e que estava guardada na escola;
- bilhete à subdiretora: - pedindo parte do material necessário para o desenvolvimento dos trabalhos.
- cartazes avisando da próxima reabertura do Correio (por sugestão de alguns alunos).

- relato do desenvolvimento dos trabalhos, feito em colaboração, para ser lido no dia da reabertura do Correio.

- redação, em colaboração, do regulamento do Correio.

Observação: Os alunos interessam-se muito por redigir bilhetes espontâneos para as professoras e colegas.

Ditado e cópia

- cópia do plano de trabalho, organizado em colaboração (o que seria feito e qual o material necessário);

- cópia de trechos relacionados com o andamento dos trabalhos, organizados, em colaboração, para que ficassem registrados no caderno de classe;

- ditado de frases organizadas pela turma, sobre as atividades que seriam realizadas no dia (planejamento das atividades para o dia);

- cópia do regulamento do Correio, para ser entregue às outras turmas.

Leitura silenciosa e oral

- de trechos relacionados com os estudos feitos (sobre Serviços Públicos, bairros e subúrbios da cidade etc.);

- concurso de leitura oral para escolha dos alunos que leriam o relato do desenvolvimento dos trabalhos, no dia da reabertura do Correio;

- leitura, por várias crianças, na ocasião da reabertura do Correio, da descrição do desenvolvimento dos trabalhos.

Gramática:
Nomes próprios e comuns. Uso da letra maiúscula

- nomes dos destinatários e remetentes e endereços colocados na **sobre**carta:

Ordem alfabética

- lista com os nomes dos alunos e o respectivo número da caixa postal, feita em ordem alfabética:

Sinônimos

- comentários sobre os cartazes feitos pelos alunos, nos quais havia repetições de palavras, fato percebido pelos próprios alunos, que foram levados a apresentar sinônimos dessas palavras;

Ponto de exclamação

- Ao redigir um cartaz de propaganda, um aluno escreveu: Atenção! Atenção! o que deu oportunidade para rixar esse sinal.

Flural de pala-
vras usuais

- comentários surgidos durante a cópia de um trecho relacionado com a reorganização do correio, no qual havia algumas palavras no plural;

Separação de sí-
labas-nomencla-
tura (dissílabos,
trissílabos, po-
lissílabos)

- observação de um aluno sobre a palavra correspon-
dência, formada de "muitas" sílabas.

Ações

- comentários feitos durante a organização do relato do desenvolvimento da atividade; os alunos anotaram quais as ações que tinham praticado.

Vocabulário in-
troduzido e fi-
xado

- correio, serviço público, destinatário, endereço, cidade, Estado, remetente, sobrecarta, correspondência, guichê, caixa postal etc.

Observações

- Foi feita a fixação, por meio de ditados e jogos: das palavras ou expressões que surgiram - destinatário, endereço, remetente, correspondência, guichê, caixa postal etc.
- das palavras nas quais os alunos cometiam erros frequentes;
- de palavras com rr (de bairro), mp mb (carimbo usado em lugar de selo)

Em Matemática

Contagem e es-
crita de núme-
ros até 200

- dos envelopes, dos selos, das caixas postais (Ver item V-Realizações)

Numeração. Com
posição de nú-
meros. Noção de
número e alga-
rismo

- Numeração das caixas postais, com algarismos recortados e colados nas mesmas formando os números (Ver item V-Realizações)

Números pares
e ímpares

- alunos cuja caixa postal correspondia a um número ímpar ou par.

Seqüência numé-
rica

- Prontas as caixinhas postais, foram estas colocadas num quadro para isso destinado, seguindo a seqüência numérica.
Qual o número que colocamos antes do 36? E depois do 29?

Figuras geométricas

Medidas de tempo. Hora, meia hora

Sistema monetário; leitura e escrita de quantias com cruzeiros e centavos

Adição e subtração de quantias

Problemas de adição e subtração, surgidos de situações reais: cálculo oral e escrito

- Qual o número que colocamos entre 25 e 27 ?
- Partindo-se da observação da Bandeira Brasileira (Ver a matéria apresentada em Estudos Sociais, a propósito de comentários sobre selos e envelopes trazidos pelas crianças).
 - discussão sobre o horário de funcionamento do Correio.
 - preço das latas de tinta usadas para pintar a caixa de correspondência.
 - partindo de comentários sobre os preços das cartas colocadas no correio para a nossa cidade, para outros estados e países.
- 1 - D. Dirce recebeu 12 cartas de meninas e 17 de meninos. Quantas cartas D. Dirce recebeu ?
 - 2 - Paulo pôs na agência do correio da Rua Senador Dantas duas cartas. Uma levou Cr\$ 2,00 de selos e outra levou Cr\$ 3,00. Que quantia Paulo gastou ?
 - 3 - Uma lata de tinta azul custa Cr\$ 32,00 e uma lata, maior, de tinta verde custa Cr\$ 54,00. Qual será a nossa despesa para comprar as duas latas ?
 - 4 - Uma lata de tinta custa Cr\$ 32,00 e precisamos de duas latas iguais. Que quantia iremos gastar ?
 - 5 - O Grupo 4 fez 11 envelopes; o Grupo 3 fez 8. Quantos envelopes o Grupo 4 fez a mais que o Grupo 3 ? Quantos envelopes os dois fizeram ?
 - 6 - A turma 4 fez 30 envelopes. Para completar 8 dezenas e meia, quantos envelopes estão faltando ?

- 7 - Fizemos hoje 24 envelopes. Com os 30 que já tínhamos feito, quantos envelopes já ficaram prontos ?
- 8 - O Grupo 1 carimbou 78 selos e ainda falta uma dezena para colorir. Quantos selos foram coloridos ?
- 9 - Na eleição para escolha do carteiro, Antônio ganhou 17 votos e John 5 votos. Quantos votos Antônio ganhou a mais que John ?
- 10 - O carteiro começa a entrega das cartas às 11 horas e leva meia hora para entregá-las. A que horas acaba a entrega ?
- 11 - O carteiro entregou 5 cartas na sala 20, 3 cartas na 23 e 7 cartas na sala 25. Quantas cartas entregou ao todo ?

Em Estudos Sociais

O Correio como um serviço público .
Outros serviços públicos. Meios de transporte usados pelo Correio.

Caixas Postais sua utilidade

Selos. A Bandeira Nacional. Símbolos da Pátria.

Bairros em que os alunos residem .
Ruas, praças e lojas etc.

- Logo no início dos trabalhos, foi explicado aos alunos que, para reorganizar o Correio Escolar , era preciso que soubessem o que é um Correio e como funciona. A conversa se encaminhou para os meios de transporte usados para levar as mensagens, antiga e atualmente.
- Para o movimento interno da turma, foram feitas caixas postais, surgindo a oportunidade para os alunos tomarem conhecimento da utilidade das mesmas.
- As crianças trouxeram selos e envelopes, tanto do Brasil como de outros países. Da observação dos mesmos, surgiu o interesse pelos símbolos da Pátria.
- Os alunos mostraram-se interessados em conversar sobre o carteiro, sua função, ruas que percorre

etc., sendo cada criança levada a observar o bairro em que reside e a falar sobre o mesmo. Além disso, era preciso que as crianças, ao completarem as sobrecartas, escrevessem os endereços do destinatário e do remetente, indicando o bairro em que moram.

V - Realizações

Desenhos relacionados com as atividades realizadas

- Foram colocados em um quadro mural que havia na sala.

Confecção de envelopes

- Depois de traçados com régua, pelas crianças, foram recortados, dobrados e colados.

Confecção de selos

- Para prepará-los, usamos etiquetas, nas quais as crianças carimbaram um índio, personagem de um dos trabalhos realizados no 1º ano e que acompanha a turma desde então.

Preparo do Quadro com as caixas postais

- Foi aproveitado, por sugestão dos alunos, um quadro de papelão ondulado que havia na sala, para que nele fossem colocadas as caixas postais. Estas foram feitas de cartolina, recortadas, dobradas e presas ao quadro com fita adesiva.

Em cada caixa foram colados números de papel brilhante, também feitos pelas crianças, usando moldes de cartolina.

Preparo do guichê

- Com auxílio da professora de Arte Infantil, as crianças prepararam, usando uma mesinha de aluno e colocando papelão ondulado em volta, o guichê no qual os alunos fariam a entrega das encomendas.

Confecção de cartazes com avisos

- Os modelos de cartazes que apresentaram as melhores legendas e ilustrações foram feitos em cartolina e colocados nos corredores da escola. Além disso, os alunos também fizeram cartazes com o material ganho pela turma (selos, gravuras etc).

Confecção de pastas individuais

- As crianças prepararam pastas de cartolina, nas quais